

Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Susana Maria Fernandes Mendonça Bailarim

O sítio arqueológico de Qubbet el-Hawa (Assuão).
Contribuição para um estudo.

Dissertação de Mestrado
Arqueologia

Trabalho efetuado sob a orientação do

Professor Doutor Rogério Sousa

e da

Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos. Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Manuela Martins, pelo exemplo e dedicação e por não ter desistido nunca de nada.

Ao meu coorientador, Prof. Doutor Rogério Sousa, por prontamente ter acedido a fazer parte deste projecto.

Aos meus professores de Mestrado pela dedicação e ensinamentos proporcionados.

Aos funcionários da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho por todo o apoio prestado sempre que necessário.

À Prof. Doutora Ana Bettencourt por todo o apoio incondicional.

À Directora do Museu Egípcio de Florença, Doutora Maria Cristina Guidotti, pelas informações fornecidas sobre o trabalho de Ernesto Schiaparelli em Qubbet el-Hawa e no esclarecimento da dúvida em torno dos registos de campo e espólio arqueológico proveniente das escavações.

Ao Egiptólogo e Arquivista Tommaso Montonati, do Museu Egípcio de Turim, pelas informações e fotografias gentilmente cedidas que tornaram este trabalho mais rico.

À Arab Academy for Science and Maritime Technology (Assuão), na pessoa da Prof. Doutora Monica Hanna, pela troca de ideias, conversas e cumplicidades, ao longo destes últimos três anos de convivência.

Por fim, um agradecimento muito especial à Doutora Fernanda Magalhães pela presença constante, incentivo, desdobramento para a resolução de questões burocráticas que pareciam nunca mais acabar.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

À minha avó Maria José...

*“GREAT GOD in the West, whose forms are mysterious, toward their hours.
They do what they have to do, [they] pass by and enter the earth,
into the Cavern of He who hides his Hours,
while their shadows carry their rays and their rays are in the flesh of him who hides them.
The god has passed the bank.
Those who follow [him], the souls, the guides of their bodies, enter into the darkness after the passage
of Re”.*

- The Tomb of Ramses VI

Titulo: O sítio arqueológico de Qubbet el-Hawa (Assuão). Contribuição para um estudo

Resumo

O sítio arqueológico Qubbet el-Hawa, localizado na margem Oeste da cidade de Assuão, também conhecido como “colina ventosa” e “o Túmulo dos Nobres” foi alvo de interesse por vários exploradores, eruditos e arqueólogos durante os séculos XIX e XX.

Das múltiplas intervenções, resultaram ruínas e um amplo e disperso acervo documental que se encontra por estudar. O trabalho agora apresentado pretende sistematizar essa informação para conhecer melhor a história das investigações, os resultados obtidos, resumindo, conhecer a história desconhecida de Qubbet el-Hawa.

Apresentamos algumas propostas para o futuro, com o intuito de dignificar um local que apresenta uma linha contínua de ocupação histórica, que vai desde o Império Antigo (VI dinastia) até à actualidade, mas que permanece numa quase obscuridade.

Palavras-chave:

Qubbet el-Hawa; Historiografia; Trabalho arqueológico; Valorização patrimonial

Title: The archaeological site of Qubbet el-Hawa (Aswan). Contribution to a study case

Abstract

The archaeological site Qubbet el-Hawa, located on the west bank of the city of Aswan, also known as “Windy Hill” and “the Tomb of the Nobles” was of interest to several explorers, scholars and archaeologists during the XIX and XX centuries.

The multiple interventions resulted in ruins and a wide and dispersed documentary collection that remains to be studied. The work now presented intends to systematize this information, to better understand the history of the investigations, the results obtained, in short, to know the unknown history of Qubbet el-Hawa.

We present some proposals for the future, in order to dignify a place that presents a continuous line of historical occupation, that goes from the Old Kingdom (VI dynasty) to the present, but that remains in complete obscurity.

Keywords:

Qubbet el-Hawa; Historiography; Excavations; Heritage valorisation

ÍNDICE

Agradecimentos	iii
Dedicatória	v
Epígrafe	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de figuras	xii
Lista de apêndices	xv
Introdução	1
Parte I - A exploração arqueológica do Sítio de Qubbet el-Hawa (Assuão-Egipto)	7
1. As primeiras descrições efetuadas sobre o local	8
2. O trabalho arqueológico pioneiro efetuado nos séculos XVIII-XIX	11
2.1. Francis Grenfell e Edward Budge (1885-86)	12
<i>2.1.1. Ernesto Schiaparelli (1892)</i>	<i>21</i>
<i>2.1.2. Jaques De Morgan (1893)</i>	<i>22</i>
3. As missões arqueológicas no século XX	25
3.1. Lady William Cecil e Howard Carter (1901-1902)	26
<i>3.1.1 Primeira campanha (Dezembro de 1901): Escavações</i>	<i>26</i>
<i>3.1.2 Segunda campanha (novembro de 1902): Limpeza e conservação</i>	<i>34</i>
<i>3.1.3 Terceira campanha (fevereiro de 1904): Escavação</i>	<i>35</i>
3.2. Labib Habachi (1946-1952)	38
3.3. Elmar Edel (1957-1980) e a Missão de Bona (1959-1984)	39
<i>3.3.1 Os trabalhos de escavação</i>	<i>40</i>
3.4. Os trabalhos de Abdel Akim Addad (1988)	42
4. Qubbet el-Hawa no século XXI: Missões Italiana, Inglesa e Espanhola	43
4.1. A Missão Italiana (2003-2007)	43
4.2. Qubbet el-Hawa Research Project (2006 até à atualidade)	43
4.3. Proyecto Qubbet el-Hawa (2008 até à atualidade)	49
<i>4.3.1. Campanha 1 (2008)</i>	<i>49</i>
<i>4.3.2. Campanha 2 (2009)</i>	<i>51</i>

4.3.3. Campanha 3 (2010)	51
4.3.4. Campanha 4 (2012)	51
4.3.5. Campanha 5 (2013)	52
4.3.6. Campanha 6 (2014)	52
4.3.7. Campanha 7 (2015)	52
4.3.8. Campanha 8 (2016)	53
4.3.9. Campanha 9 (2017)	53
4.3.10. Campanha 10 (2018)	53
Parte II. Caracterização	53
1. A necrópole	54
1.1. Os túmulos de Grenfell	63
1.2. Ernesto Schiaparelli e Herkhuf	64
1.3. Os túmulos de Cecil	65
1.4. Labib Habachi e Hekaib II	66
1.5. Elmar Edel/Missão de Bona e Sobek-Hotep	67
1.6. Martin Bommas e os túmulos tipo mastaba	67
1.7. Missão espanhola novas câmaras funerárias	67
2. Os túmulos escavados e identificados	67
2.1. Túmulo QH 25 (Mekhu)	69
2.2. Túmulo QH 26 (Sabni I)	74
2.3. Túmulo QH 31 (Sarenput II/Nub-kau-Ré-Nakht)	79
2.4. Túmulo QH 34n (Herkhuf)	83
2.5. Túmulo QH 36 (Sarenput I)	86
3. Descrição arquitetónica e funcional dos túmulos	89
3.1. A Arquitetura tumular	91
3.2. Os túmulos da VI Dinastia (Império Antigo)	91
3.2.1. A superestrutura	91
3.2.2. A infraestrutura	94
3.2.3. As mastabas	94
3.3. Os túmulos da XII Dinastia (Império Médio)	95
3.3.1. A superestrutura	95

3.3.2. <i>A infraestrutura</i>	96
3.3.3. <i>Os Hipogeus</i>	96
3.4. Outras estruturas	96
4. O espólio arqueológico	98
 Parte III Que futuro para este local?	 101
1. O estado de conservação: algumas considerações	102
1.1. A colina: problemas estruturais	102
1.2. Os túmulos	103
1.3. Trabalhos realizados anteriormente	106
2 Proposta de musealização do sítio	108
 Considerações Finais	 114
Bibliografia	117
Apêndices	125

Lista de figuras

Figura 1. Desenho de John Lewis Burckhardt.

Figura 2. Fotografia preto e branco de Qubbet el-Hawa.

Figura 3. Planta com a identificação dos túmulos identificados por Sir Grenfell e Wallis Budge.

Figura 4. Localização dos túmulos de Grenfell (QH 25/26) e zona a explorar.

Figura 5. Pormenor do Túmulo de Khunes a partir da escadaria. Parte do mosteiro copta.

Figura 6. Quadro com listagem dos túmulos escavados por Francis Grenfell Wallis Budge.

Figura 7. Fotografia a preto e branco de Ernesto Schiaparelli.

Figura 8 e 9. Porta principal de acesso ao túmulo de Herkhuf (QH 34n).

Figura 10. Fotografia a preto e branco de Jaques de Morgan.

Figura 11. Quadro com listagem dos túmulos escavados por Jaques de Morgan.

Figura 12. Planta com a localização dos túmulos identificados. Elaborada por Jaques de Morgan.

Figura 13. Fotografia a preto e branco de Mary Rothes Margaret (Lady Cecil).

Figura 14. Croqui dos túmulos 1 a 14, elaborado por Lady Cecil.

Figura 15. Croqui do plano do Túmulo 15 pertencente a Kagemu, elaborada por Lady Cecil.

Figura 16. Trabalhos de escavação no interior do Túmulo QH 35d – Hekaib.

Figura 17. Planta dos túmulos e sua localização. Elaborado por Elmar Edel.

Figura 18. Fotografia do Túmulo tipo mastaba identificada no vale da colina.

Figura 19. Fotografia tirada do topo da escadaria junto ao Túmulo QH 36 – Sarenput I.

Figura 20. Fotografia de pormenor da escadaria junto ao Túmulo QH 36 – Sarenput I.

Figura 21. Imagem de um homem guiando um boi (junto às escadas, em direcção ao túmulo de Sarenput I).

Figura 22. Planta com a localização das áreas A, B, C e D, elaborada pela Missão Inglesa.

Figura 23. Foto de pormenor das duas estruturas com a orientação oeste/este.

Figura 24. Levantamento topográfico com a localização de todos os Túmulos identificados até ao momento.

Figura 25. Do cemitério Fatimida, margem este (Assuão), para a necrópole Qubbet el-Hawa, margem oeste. (Visível no topo da montanha a Qubbet Ali Abu e as ruínas do mosteiro copta de S. Jorge).

Figura 26. Localização de Qubbet el-Hawa e dos túmulos de Grenfell (assinalados a vermelho). Carta militar 1/25.000.

Figura 27. Qubbet de Ali Abu el-Hawa.

Figura 28. Vista geral da necrópole de Qubbet el-Hawa (da esquerda para a direita: o mosteiro copta, a escadaria e Túmulo de Khunes, e outros túmulos /localização: Plataforma superior).

Figura 29. Vista área com a divisão das diversas áreas.

Figura 30. Quadro 2- Áreas e sua respetiva localização.

Figura 31. Vista aérea das zonas da colina e este.

Figura 32. Quadro 3- Localização e identificação dos túmulos.

Figura 33. Pormenor da zona sul.

Figura 34 e 35. Qubbet el-Hawa, zona este /mosteiro copta e Qubbet Abu Ali.

Figura 36. Pormenor dos túmulos localizados junto à margem do Nilo (sem número), Zona sul.

Figura 37. Quadro 3 Túmulos de Grenfell (identificação do número e respetivo proprietário).

Figura 38. Fotografia de pormenor da fachada do Túmulo QH 34n – Herkhuf.

Figura 39. Fotografia dos trabalhos de escavação efectuados no interior do Túmulo 35d – Pepinakht - Hekaib I.

Figura 40. Vista área com a possível localização dos Túmulos identificados por Lady Cecil.

Figura 41. Planta com a localização dos Túmulos descritos.

Figura 42. Quadro 4. Identificação dos túmulos descritos neste trabalho.

Figura 43. Planta dos Túmulos QH25/26.

Figura 44. Fotografia a preto e branco com o pormenor do átrio dos Túmulos QH 25 e 26.

Figura 45 e 46. Pormenor da entrada para o Túmulo QH 25 (Mekhu), obelisco e representação de Mekhu e família.

Figura 47 e 48. Pormenor mesa de oferendas e porta falsa de Mekhu.

Figura 49. Coluna do lado esquerdo e lado direito, a seguir à porta de entrada.

Figura 50 e 51. Pormenor de Mekhu (Porta falsa) e representação de Mekhu e Sabni.

Figura 52. Pormenor da grande janela localizada por cima da porta principal do Túmulo de Mekhu.

Figura 53. Planta dos Túmulos QH25/26.

Figura 54 e 55. Representação de Sabni.

Figura 56 e 57. Possível representação de Sabni e filho? Pormenor do mau estado do teto e paredes.

Figura 58. Pormenor da porta falsa existente no Túmulo de Sabni.

Figura 59 a 60- Representação de burros e servos transportando essências e outras oferendas.

Figura 61. Planta do Túmulo Sarenput II/Nub-Kau-Ré-Nakht.

Figura 62. Pormenor do corredor da sala hipostila.

Figura 63 e 64. Nichos com estátuas Osíriacas representando o falecido. Pormenor de estátua.

Figura 65. Pormenor das inscrições nos pilares.

Figura 66 a 68. Pormenor das pinturas na capela.

Figura 69. Planta do Túmulo de Herkhuf.

Figura 70 e 71 - Pormenor da fachada do Túmulo de Herkhuf.

Figura 72 a 74. Pormenor da porta falsa e túnel descendente.

Figura 75. Planta do Túmulo de Sarenput I.

Figura 76 a 78. Fotos de pormenor do átrio, fachada e inscrição de Sarenput I.

Figura 79 e 80. Pormenor de cena de pesca com rede e preparação da rede.

Figura 81 e 82. Representação de Sarenput sentado. Pilar localizado no átrio.

Figura 83. Representação em corte de mastaba.

Figura 84 a 86. Escadaria de Mekhu e Sabni. Pormenor da escadaria de Sarenput I Khunes.

Figura 87. Problemas estruturais.

Figura 88 e 89. Exemplos de diversos tipos de fendas e da erosão da rocha.

Figura 90. Exemplo do mau estado de conservação do arenito e pintura mural.

Figura 91 e 92. Alguns exemplos de perda de pigmentos.

Figura 93 e 94. Alguns exemplos de destacamento da pintura do seu suporte original.

Figura 95. Destacamento da pintura e preenchimento das lacunas.

Figura 96. Pormenor das fracturas e fuligem no teto do túmulo.

Figura 97. Vista geral de Qubbet el-Hawa, numa sexta-feira.

Figura 98. O painel informativo junto ao Túmulo de Mekhu e Sabni.

Figura 99. Parque de estacionamento dos camelos (um vale com túmulos tipo mastaba).

Lista de apêndices

Apêndice 1. Listagem dos túmulos identificados em Qubbet el-Hawa e respectivas datações.

Apêndice 2. Tabela dos túmulos, proprietários, respectivos achados e local de depósito.

Introdução

O estudo que aqui apresentamos incide no sítio arqueológico de Qubbet el-Hawa, localizado na margem oeste da cidade de Assuão (Egipto), nas imediações da Ilha de Elefantina.

Qubbet el-Hawa é uma vasta necrópole, em que a maior parte dos túmulos foram escavados na colina de arenito, estendendo-se essencialmente ao longo de três plataformas horizontais, orientada norte/sul, sobre o vale, portanto paralelas ao leito do rio Nilo.

Das nossas diversas conversas com os habitantes locais apercebemo-nos que muitos deles não têm a real noção da importância histórica e cultural de Qubbet el-Hawa. Em geral, sabem apenas, que a montanha foi escolhida por alguns nobres que residiram em tempos muito recuados, na Ilha de Elefantina e que elegeram a colina como a sua última morada.

Da interação com os guardas/guias locais apercebemo-nos que muitos deles pouco ou quase nada sabem sobre Qubbet el-Hawa, e que as informações que adiantam aos visitantes, são escassas. Atualmente, apenas quatro túmulos estão abertos ao público, porém, sabe-se que existem mais de 100 túmulos. Qubbet el-Hawa foi, portanto, uma importante necrópole.

Uma das razões para a sua importância, e em verdade a mais significativa, é a sua localização geográfica: ela situa-se perto da fronteira meridional do Egipto. Desde tempos imemoriais que, a Primeira Catarata do Nilo constituía a fronteira natural do Egipto. Por isso, a Ilha de Elefantina, situada nas imediações da Catarata, desempenhou, desde cedo, um importante papel administrativo no estabelecimento de um corredor africano e Qubbet el-Hawa terá sido a principal necrópole onde foram sepultados funcionários e altos responsáveis locais.

Apesar de ter sido mencionado por diversas vezes em apontamentos de viagens efetuadas por curiosos, orientistas, antiquários e escritores desde o século XVIII, só por volta de 1885 é que este local, também conhecido como Montanha ou Cúpula do Vento, Vale dos Príncipes ou Túmulo dos Nobres, despertou o interesse dos arqueólogos.

Entre os pioneiros da arqueologia egípcia que se interessaram por Qubbet el-Hawa, contam-se Francis Grenfell e Edward Budge (1885-65), Francis De Morgan (1890) e Ernesto Schiaparelli (1892). Nos anos 1901 a 1904, trinta e dois túmulos foram identificados e escavados por Lady William Cecil e Howard Carter.

Entre 1946 e 1951, Lalib Habachi iniciou a escavação de túmulos localizados perto do hipogeu de Hekaib. Na altura, foi publicado um único relatório das diversas escavações. Mais tarde, Seyfried e Vieler publicam as notas de campo de Habachi.

De 1959 até 1984, Elmar Edel da Universidade de Bona trabalhou na necrópole de Qubbet el-Hawa. Apesar da pesquisa inicial ter sido dedicada ao estudo das inscrições, acabou por, também, fazer algumas escavações.

O Qubbet el-Hawa Research Project, liderado por Martin Bommas da Universidade de Birmingham desenrolou-se de 1999 a 2018, com apenas algumas escavações pontuais realizadas na base da encosta oriental.

A Missão Arqueológica Italiana (2003), dirigida pela arqueóloga Maysoun Al-Khoury e G. Infranca (ISAD, Roma), em colaboração com o arqueólogo da Universidade de Jaén, Jiménez Serrano, desenvolveu trabalhos centrados na análise dos diversos pigmentos do túmulo QH 90. Uma prospeção geofísica realizada pela equipa, recorrendo ao geo-radar, confirmou a existência de 12 novos túmulos, três dos quais totalmente desconhecidos até então.

O Proyecto Qubbet el-Hawa (Universidade de Jaén) está activo desde 2007. Desde então, o Proyecto Qubbet el-Hawa desenvolve anualmente uma missão no local.

Todos os túmulos identificados na necrópole de Qubbet el-Hawa pertencem a uma elite local, residente na Ilha de Elefantina. Segundo Vischak¹, devido à proximidade da Ilha de Elefantina com a fronteira núbia, esta torna-se no mais importante entreposto comercial do Egipto durante a VI dinastia. Aqui era efetuado o controlo das mercadorias e a maior parte dos habitantes estariam largamente envolvidos nesta atividade em favor do rei. As autoridades locais, representavam em todos os aspetos, o poder real e seus interesses.

Neste período, a Baixa Núbia encontrava-se repovoada por diversos grupos indígenas e a importância da Ilha de Elefantina crescia, não só pela sua localização estratégica, mas também pelas diversas expedições, tanto militares como para adquirir produtos para o faraó, tais como o marfim, ouro².

A VI dinastia foi caracterizada por diferentes mudanças na organização de expedições à Nubia e outros locais, mas, também pela alteração da estrutura administrativa provincial. Alguns dos nobres e governadores tinham o poder exclusivo para usar o selo do rei, para assinar documentos, dar autorizações, como foi o exemplo do governador Sarenput II.

Herkhuf por exemplo, organizou três expedições até às terras núbias, a fim de negociar mercadorias. Mas não terá sido fácil. Na carta que Pepi II escreveu a Herkhuf e que este reproduziu na fachada do seu túmulo, o rei dá-lhe instruções dizendo que “*ordena ao chefe das novas cidades, para*

¹ Vischak, 2006: 19.

² Vischak, 2006: 22.

certificar e documentar as mercadorias que são levadas dos armazéns do reino e de cada templo. E que não haja exceções”.

Hekarib I foi enviado às terras núbias, a fim de tentar apaziguar as relações entre os egípcios e os núbios. Mekhu também o terá feito, mas foi brutalmente assassinado. Seu filho, Sabni I, descreve na sua autobiografia, os esforços incansáveis que terá feito para conseguir resgatar o corpo de seu pai, a fim de lhe proporcionar um funeral condigno. Refere também, o sucesso da construção de várias barcas na zona de Wawat.

Após um longo reinado, Pepi II vai gradualmente perdendo o controlo das províncias localizadas no Alto Egito, o que resulta na descentralização do poder real, passando os nobres a assumir o controlo do poder local nesta área. Com a morte desse governante, inicia-se um período de regressão pautado pela desagregação, ao qual se juntam as diversas transformações climáticas, afectando fortemente a agricultura com as subidas repentinas do caudal do rio Nilo.

É nesta altura que as relações comerciais entre o Egito e a Núbia são interrompidas. Só com a subida ao poder do faraó Mentuhotep II, e com o início do Império Médio, se vai tentar retomar a economia e o restabelecimento de tudo o que tinha desaparecido no final do Império Antigo.

Apesar do inegável contributo proporcionado por todas estas missões para o avanço do conhecimento sobre a necrópole, permanece ainda por realizar, um estudo integrador que permita proporcionar uma visão global sobre o trabalho que foi feito na necrópole, bem como a caracterização dos túmulos mais importantes e dos indivíduos aí sepultados. Desse modo, conhecendo a necrópole de uma forma mais integrada, podemos facultar à comunidade científica, mas também à comunidade local, informações essenciais para a caracterização da necrópole.

A história das investigações deste sítio demonstra o modo como uma política que não valoriza as especificidades de cada estação arqueológica, sujeitando-a a explorações pontuais que visam, apenas, a aquisição de bens patrimoniais sem, contudo, compreender a singularidade do seu contexto histórico, está profundamente errada. Este modo de atuação tem resultado num conjunto de estações abandonadas, com espólios e registos dispersos por diferentes instituições.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para ultrapassar os constrangimentos resultantes desta política, desenvolvendo um estudo sistemático para consolidar o seu valor científico e patrimonial.

Assim, este trabalho pretende contribuir para:

- 1- O conhecimento pormenorizado de Qubbet el-Hawa implica caracterizar o tipo de enterramentos, sua datação e a evolução ocupacional do local, desde o Império Antigo até à atualidade.
- 2- Reconstituir as intervenções arqueológicas realizadas no século XIX, o que nunca foi feito, e reinterpretar dados recolhidos em escavações anteriores e analisá-los de modo a recriar o seu contexto histórico e arqueológico da necrópole.
- 3- Criar um plano de valorização do sítio para que num futuro próximo, este possa ser um local visitável e valorizado, com as infraestruturas necessárias e aliciando assim as operadoras turísticas a integrá-lo no seu plano turístico.

Assim, este estudo divide-se em três partes:

A primeira parte procuraremos sintetizar a exploração arqueológica do Sítio de Qubbet el-Hawa. Abordaremos as primeiras referências ao local e analisaremos os trabalhos arqueológicos que se desenvolveram desde o século XVIII até à atualidade.

Na segunda parte, procuraremos caracterizar a necrópole, procedendo a uma análise detalhada dos quatro túmulos que se encontram na atualidade visitáveis e abertos ao público, tendo em vista a sua descrição arquitetónica, decorativa e funcional.

Finalmente, abordaremos também algumas questões relacionadas com o espólio arqueológico e o estado de conservação do local. Neste âmbito, iremos problematizar o futuro para Qubbet el-Hawa, avançando com algumas hipóteses de valorização do mesmo.

A curiosidade que, desde logo, Qubbet el-Hawa suscitou, deu origem a uma grande dispersão do seu espólio que atualmente se encontra espalhado por muitos países, museus e até coleções particulares. Muitos destes dados estão irremediavelmente perdidos, mas há, também, muita documentação que pode ainda ser recuperada, tendo em vista a sua análise integrada. Foi justamente com o intuito de preparar essa análise integrada que decidimos reunir a informação ainda disponível sobre as intervenções realizadas na necrópole.

Como era necessário compreender a natureza das intervenções realizadas no sítio desde o início do século XVIII até à atualidade, a nossa investigação dividiu-se em três grandes etapas:

1ª Etapa – Pesquisa bibliográfica

Recolha bibliográfica – recolha exaustiva de publicações que descrevem ou caracterizam o sítio arqueológico, desde o século XVIII até à atualidade;

Recolha e análise dos relatórios publicados – Análise dos relatórios publicados pelas missões que desenvolveram trabalho na zona em questão;

2ª Etapa – Prospeção

Prospeção arqueológica– Batida de campo de toda a área onde se encontra localizada a necrópole, bem como a envolvente;

Levantamento fotográfico – Toda a zona já devidamente identificada pelas diversas missões arqueológicas foi fotografada, assim como a área envolvente;

3ª Etapa - Análise e integração dos dados

Estudo e análise de todas as informações e dados recolhidos ao longo das duas etapas anteriormente descritas.

Todas as atividades anteriormente enumeradas e descritas ocorreram durante o período de outubro de 2019 até fevereiro de 2020. Algumas não foram devidamente concluídas devido às contingências aplicadas pelas autoridades egípcias, relacionadas com a pandemia desencadeada pelo COVID 19, a qual determinou o encerramento ao público e a cessação de todos os trabalhos de campo em curso no sítio arqueológico. Contudo, consideramos suficientes as informações já recolhidas.

Parte I

A exploração arqueológica do Sítio de Qubbet el-Hawa (Assuão - Egípto)

1. As primeiras descrições efetuadas sobre o local

Desde o século XVIII que Qubbet el-Hawa tem suscitado o interesse de viajantes e estudiosos. Foram as descrições feitas pelos primeiros visitantes que alimentaram a curiosidade, mesmo quando pouca gente se aventurava a subir o Nilo e, menos ainda, a ultrapassar Luxor.

Frederick Norden¹ foi um precursor. Chegou a Assuão em dezembro de 1737 e na sua obra “Travels in Egypt and Nubia”, editada em 1757, faz aquela que se considera ser a primeira descrição de Assuão e da Ilha de Elefantina.

Deslocando-se de feluka², visitou as margens este e oeste onde se localiza a ilha e terá sido a primeira pessoa a descrever e desenhar o antigo templo de Elefantina que mais tarde foi destruído:

“I went to a little island, situated in the neighbourhood of Essuaen and very near the western shore of the Nile. It is called by the name of the Elephantine. It is the southern part it is mountainous and covered with ruins. There are, however, but very few of these ruins that one can well distinguish, because the rest are buried underground.” (Norden, 1757: 301).

Norden exalta a imponência do edifício, mas também fala do descuido e abandono do local, dos constantes atos de vandalismo causados por pastores que, ao fazerem fogueiras, queimavam as paredes ainda decoradas com hieróglifos.

Só passados mais de sessenta anos da publicação da obra de Norden³, é que são feitas novas referências a Qubbet el-Hawa. Desta feita foi, por John Lewis Burckhardt⁴, que menciona o local em “Travels in Nubia”.

Burckhardt chegou a Assuão em Fevereiro de 1813, e iniciou o seu roteiro com uma visita ao Cemitério Sarraceno⁵ localizado perto da antiga pedreira de granito onde ainda hoje se encontra o famoso Obelisco Inacabado.

¹ De origem dinamarquesa. Filho de um coronel da marinha ele próprio capitão de marinha. Possuía um especial talento para o desenho, tendo utilizado os seus dotes no desenho cartográfico. Viajou por diversos países e a pedido do rei da Dinamarca, Christian VI, participou na primeira expedição ao Egipto, organizada pelo francês Pierre Le Roux em 1737. Elaborou mais de 200 desenhos e fez uma exaustiva descrição de toda a viagem no Egipto. Faleceu em Paris, em 1741.

² Barco tradicional egípcio de uma vela e mastro alto, que navega utilizando a força do vento.

³ Norden, 1757: 304.

⁴ Viajante e explorador, nasceu em 24 de novembro de 1784, em Basileia (Suíça), numa família abastada. Insatisfeito com a sua profissão de professor, resolveu viajar entre 1808 e 1817, pela Síria, Egipto e Arábia Saudita, assumindo a identidade falsa de Sheikh Ibrahim Ibn ‘Abd Allah’. Faleceu numa das suas viagens (outubro de 1817) e foi sepultado no Cairo.

⁵ Actual Cemitério Fatimida localizado na margem este, que se estendia desde a estação de comboios de Assuão até à zona do Obelisco Inacabado. Está reduzido a 1/3 da dimensão anterior pois foi destruído, em grande parte, pela construção da actual estrada principal que liga Assuão a Abu Simbel.



Figura 1. John Lewis Burckhardt

Burckhardt descreve, em pormenor, o cemitério e as sepulturas mais importantes, fazendo alusão a uma grande peste que terá deflagrado em Assuão, no ano de 806 d.C. em que terão morrido cerca de 20.000 pessoas (Burckhardt, 1819: 117).

Burckhardt esteve na ilha de Elefantina onde ficou encantado com o Nilómetro e visitou também Qubbet el-Hawa:

“On the western shore, somewhat to the north of Assouan, is an ancient convent; it stands on the declivity of the sandy hill upon the summit of which is the saint’s tomb, generally known by the name of *Kobbat el Howa*, or airy cupola. In the rocks below the convent are several ancient temples and sepulchres, hewn out of the rock, which have not been mentioned by any traveller. They are interesting on account of antiquity: each of them consists of a square chamber, covered with hieroglyphics, in which are square pillars; the largest of these pillars measure two feet and half, and are fifteen feet of height; they are all of very rude workmanship: in some of the temples are four, in others, six, or eight pillars. The Greeks have made chapels of almost all these temples. Large sepulchral excavations remain in several of them” (Burckhardt, 1819: 244).

Ele não só referencia o local como também o visita, descrevendo alguns túmulos e o seu interior. Burckhardt tem a perfeita noção da importância do sítio. Termina o relato da viagem a Assuão acrescentado algumas informações sobre alimentos cultivados na zona, os diversos tipos de animais, e plantas.

Burckhardt informa que a sul existiria uma montanha conhecida por ser uma mina de esmeraldas e que, a 15 dias de jornada de Assuão, estavam localizadas minas de ouro (Burckhardt, 1819: 516).

Em 1815, chega a Assuão Giovanni Belzoni⁶ e a primeira descrição⁷ que faz é exactamente da margem oeste, onde o seu barco atracou:

“(...) a high rock on the left, with the remains of a Coptic convent on the summit of it, forms a view, to which travellers in Egypt are not accustomed; and this may be the cause of their describing it with so much partiality. We landed at the foot of the hill on the left of the Nile and went to see the ruins of the convent, where I observed many grottoes, which had served as chapels for the Christians worship. The convent is formed of several small arched cells (...)”.

Na narrativa insere uma lenda contada por um habitante local:

“One of the Arabic traditions related to this place, I think worth notice: There is in this spot, say the Arabs, great treasures, left by an ancient king of the country, previous His departure for the upper part of the Nile, on a war against the Ethiopian, he was so avaricious that he did not leave his family anything to live on; and he was in close friendship with a magician, whom he appointed to guard his treasures till he return. But no sooner was he gone, that his relations attempted to take possession of the treasure: the magician resisted and was killed in the defence of his charge, and changed to an enormous serpent, which devoured all his assailants. The king is not yet returned, but the serpent still keeps watch over the treasure; and once every night, at a particular position of the stars, he comes out of the caves, with a powerful light on his head, which blinds all that attempt to look at it. He is of an enormous size: descends to the Nile, where he drinks; and then returns to his cave, to watch the treasure till the king returns” (Belzoni 1820:61).

Ainda hoje, a existência das cobras junto de antigos tesouros é uma história bastante recorrente no Egipto⁸. Belzoni seguiu viagem para sul em busca de antiguidades que pudesse enviar para Londres.

Outro viajante, James Augustus John⁹ visitou Assuão em 1832. A margem oeste também não lhe passou despercebida. Primeiro visitou a Ilha de Elefantina, seguindo-se Qubbet el-Hawa:

“Early in the morning, we passed over in a small boat to the island of Elephantine, while rowing across the river, a view of the tombs and ruined convent on the neighbouring rocks, the modern village and the remains of the ancient city of Syene high upon the hills.

In returning to the town, we passed by a Sheikh's tomb most picturesquely situated on the sharp point of the mountains, pound which the wind, now very powerful roared and blew tremendously” (John, 1845: 406, 410).

⁶ Belzoni nasceu em Pádua (Itália) em 1778. Estudou hidráulica. Henry Salt, um antiquário inglês e mais tarde Cônsul geral Britânico no Egipto, contratou-o para angariar artefactos no Egipto. Morreu em 1823, a caminho de Timbuktu.

⁷ Belzoni 1820:60.

⁸ Em conversas com alguns habitantes de Naga el-Quba, ouvimos frequentemente alusões a existência de uma cobra ou serpente junto à porta de determinado túmulo que protege as riquezas existentes no interior.

⁹ Jornalista inglês, nasceu em 1801. Em 1832 parte, para visitar o Egipto e, especialmente, a Núbia. Demora-se cerca de dois anos e desloca-se e quase sempre a pé. Regressa a Londres em 1834 onde morre em 1875.

Entre 1832 e 1888, passaram também pelos mesmos locais Ludwig Borchardt (1865), Auguste Mariette (1872), Amelia Edwards¹⁰ (1877), mas foi Gaston Maspero¹¹ quem fez a descrição mais completa. A vinda de Maspero a Assuão acontecia um ano após a conclusão das escavações efectuadas por Francis Grenfell tendo como assistente Edward Wallis Budge (1885-86).

2. O trabalho arqueológico efectuado nos séculos. XVIII-XIX

Se Qubbet el-Hawa não passou despercebida a quem visitou Assuão desde o final do século XVIII, notícias sobre o comércio de "coisas antigas" provenientes da colina, rapidamente alertaram as autoridades britânicas para o risco de antiguidades importantes desaparecerem para sempre.



Figura 2. Fotografia preto e branco de Qubbet el-Hawa

Foram exactamente notícias desse tipo que fizeram um oficial¹² do Exército britânico, Sir Francil Grenfell, então de passagem por Assuão, averiguar o que se passava.

¹⁰ Lady Amelia Edwards, fundadora do *The Egypt Exploration Found*, actualmente conhecido por: *The Egypt Exploration Society*.

¹¹ Foi conservador do Museu do Louvre; coleccionador de obras de arte e fundador do Museu Nacional Bulak.

2.1 Francis Grenfell e Wallis Budge (1885-86)

No ano de 1885, o agente consular inglês em Assuão, Mustafa Shakir, é informado de que grandes quantidades de antiguidades egípcias estavam a ser descobertas e que desapareciam sem deixar rasto, vendidas a turistas e curiosos (Budge, 1887: 4).

Tratava-se de espólio arqueológico de extrema importância não só para o Egito de um modo geral, mas, especialmente para Assuão, muito em particular.

O agente consular, resolve pedir autorização ao departamento do *Service des Conservation des Antiquités de L'Egypte*¹³ para escavar no local em questão, com o acordo de que metade das antiguidades descobertas, seriam enviadas para o Museu de Bulaq¹⁴.

Há controvérsias sobre se o pedido de Mustafa Shakir não seria apenas um pretexto para camuflar o seu interesse em se apoderar e vender o espólio encontrado.

Com um grande número de trabalhadores contratados, o agente consular, num curto espaço de tempo, terá descoberto e limpo um túmulo de grandes dimensões, repleto de pedaços dispersos de madeira, pertencentes a vários ataúdes e diversos objetos não especificados. (Budge, 1887: 5).

O oficial do Exército inglês, que iria ficar estacionado em Assuão, Sir Francis Grenfell, ao tomar conhecimento destes acontecimentos e porque tinha estudado Arqueologia, ao ver parte dos objetos encontrados por Mustafa, reconhece de imediato a importância dos mesmos e do local em questão.

Desloca-se então ao Museu de Bulaq e propõe um novo acordo ao Serviço de Antiguidades Egípcias, o qual foi aceite. Francis Grenfell, assumiu de imediato a responsabilidade pelas escavações¹⁵ a continuar no local, totalmente subsidiadas por ele próprio.

Grenfell pôs a descoberto quase um total de quinze túmulos datados entre a VI e XII dinastias, colocando à vista, uma das enormes escadarias de pedra que fazem a ligação entre a margem do rio Nilo e a entrada dos túmulos situados no topo da colina. Esta descoberta permitiu apurar que na Antiguidade, o ataúde chegava à base da escadaria vindo de barco em procissão fúnebre e depois seria carregado pelos familiares e servos, até ao túmulo.

¹³ Em 1835, Mohamed Ali Pasha cria a primeira lei e regulamentos para escavações de sítios arqueológicos e proíbe que artefactos sejam vendidos ou exportados para fora do Egito, sem qualquer tipo de permissão.

¹⁴ Antiga zona do Cairo onde se localizava o museu, criado em 1863 por Muhammad Ali Pasha, tendo sido mudado em 1891 para o Royal Palace em Giza. Em 1902, foi transferido, novamente para Tarir Square, onde se encontra ainda, com o nome Museum of Egyptian Antiquities.

¹⁵ Atribuídas por Maspero em 1887.

Segundo Kristensen¹⁶, este tipo de escadaria integrava-se no complexo funerário com uma simbologia própria:

“The stairway indicates especially the process of resurrection, while the hill relates to the accomplished fact of the resurrection”.

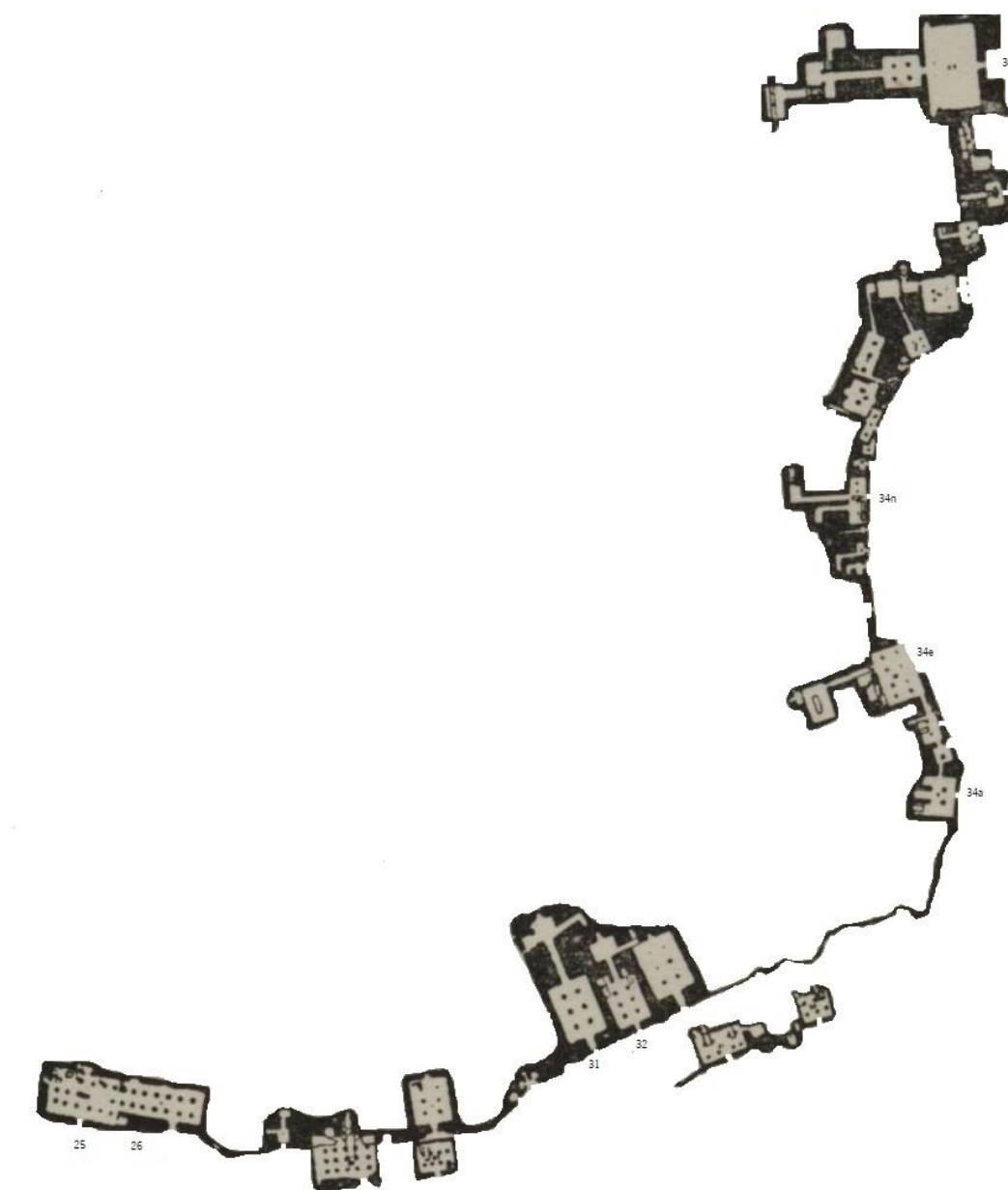


Figura 3. Planta com a identificação dos túmulos identificados por Sir Grenfell e Wallis Budge

No mês de novembro do mesmo ano, Wallis Budge foi enviado ao Egipto pelo Museu Britânico para fazer a transliteração e respectiva tradução dos textos redigidos em hieróglifos encontrados nas

¹⁶ Kristensen 1992:74-80.

paredes dos túmulos de Qubbet el-Hawa e apoiar o trabalho de Grenfell, no que fosse necessário. (Budge, 1887: 6).

“I arrived to Port Said early in the morning of Tuesday of the 30th of November and I set out with Sir F. Grenfell for Asyut on the following Friday and proceeded by Mr. Cook’s new and splendid steamer, “The prince of Abbas”, to Aswan where he arrived on Sunday morning of 12th of December. Sir F. Grenfell took me across the river to the tombs and showed me what had already been excavated by him, during the previous winter and what still remaining to be done. A brief examination of the hill convinced me that we should be able to do comparatively, very little excavations during the short time I could stay at Aswan and it was decided that it would be best to continue our works to complete the cleaning out the most important of the tombs already discovered and then, if time permitted, to dig new ones” (Budge, 1887: 6).

Budge fica impressionado com a escadaria desenterrada pelos trabalhadores de Grenfell, não só pela sua dimensão, mas também pelo seu excelente estado de conservação. Diz-nos que esta começa na base da encosta, depois de uma modesta inclinação no terreno, quase junto às águas do Nilo, seguindo até quase ao topo da colina acompanhando a sua inclinação natural, terminando no início de uma plataforma, mesmo de frente para a entrada do túmulo (Budge, 1887: 34).

Esta escadaria descrita por Budge, foi a primeira de várias, a ser identificada na necrópole. Poderá ser a que termina junto aos túmulos QH 25/26 de Mekhu e Sabni¹⁷, precisamente o primeiro túmulo a ser escavado por Sir Grenfell (Budge, 1887: 36).

¹⁷ Mais tarde, é identificada outra escadaria que termina junto à entrada do Túmulo de Sabni.



Figura 4. Localização dos túmulos de Grenfell (QH 25/26) e zona a explorar (Foto SB).

Outro ponto que tem levantado algumas interrogações é o facto de Grenfell ter iniciado a numeração dos túmulos a partir do número 25 não, como seria de se esperar, no número um. É possível que esta decisão possa estar relacionada com o factor “localização” do túmulo; este encontra-se a meio da plataforma, no topo da colina. Grenfell poderá ter pensado na hipótese de encontrar mais túmulos, no seguimento da mesma cota (para a esquerda e assinalado na fotografia em cima a amarelo). Se olharmos para o resto da plataforma, existe uma linha na continuidade o que, na nossa opinião, será comprovado pela missão espanhola, quando regressar ao trabalho nesta área.

Uma descrição mais detalhada será feita na segunda parte deste estudo, contudo, é importante referir que, segundo Budge (Budge, 1887: 36, 37), Grenfell terá encontrado no interior deste túmulo duplo, de Mekhu e Sabni (QH 25/26), uma grande quantidade de fragmentos de ataúdes, restos de múmias queimadas que devido ao seu péssimo estado de conservação, se desfizeram imediatamente, diversos fragmentos cerâmicos, potes cerâmicos de cerveja, algumas estelas de pedra inscritas com hieróglifos e em demótico.

Uma parte do material identificado foi levada para o Museu de Bulaq¹⁸. No entanto, quando Budge se deslocou ao museu a fim de identificar e transliterar, o material encontrado, passou pela casa de Mustafa Shakir, onde terá visto algumas estelas, várias máscaras funerárias em madeira, *uchabtis*¹⁹ e diversos fragmentos de tampas de ataúde em madeira. Tratar-se-ia do mesmo espólio? Ou seria a percentagem acordada que poderia reter? Onde se encontra o espólio cedido a Mustafa Shakir, na actualidade?

Após o fim da escavação deste túmulo, a equipa continuou a explorar a plataforma, seguindo para norte. Neste alinhamento encontrou diversos túmulos, normalmente sem qualquer nome associado. Foi entre estes que apareceu o Túmulo QH 28 (Hekaib).

Sobre o Túmulo de Heqa-ib (QH 28) há pouca informação. Não sabemos o que foi encontrado no seu interior, nem se estava coberto por areia. Apenas foi descrita a existência de uma pequena porta rectangular, talhada na rocha, com acesso directo a uma sala de pequena dimensão, na qual foi identificada uma abertura quadrada com um corredor bastante estreito que conduz à câmara funerária.

Budge refere que, nesta passagem, foi descoberta uma pequena estátua em pedra com a representação do defunto e que esta ficou na posse de Edward Malet (Budge, 1887: 23).

O texto de Budge é lacunar sobre o contexto em que surge Edward Malet e porque ficou ele com a estátua.

No seguimento dos trabalhos, outro túmulo é identificado. Trata-se do Túmulo QH 31, pertencente a Nub-Kau-Ré-Nakht / Sarenput II.

Budge mais uma vez, apenas faz a descrição do túmulo, mas nada refere sobre a sua descoberta e escavação, nem se foi encontrado algum espólio. Acrescenta que o túmulo terá sido preparado para Nub-Kau-Ré Nakht, mas que Sarenput terá ficado com ele.

Diz-nos também (Budge, 1887: 29) que junto à sala onde existe um nicho ricamente decorado com o altar, identificaram, do lado direito uma grande passagem, cortada na rocha e que um pequeno grupo resolveu explorar essa abertura, descobrindo tratar-se de uma galeria inclinada para o lado esquerdo e apresentando um declive acentuado, conduzindo a um pequeno fosso com cerca de 7 metros de profundidade, desceram por uma corda que amarraram a um dos pilares na entrada da passagem, carregando consigo o equipamento para escavar. Descobriram que o fosso não tinha saída e que neste

¹⁸ Cortesia do Sr. Brugsch Bey.

¹⁹ Pequenas estatuetas, colocadas nos túmulos, representando servos cuja função era substituir o morto em seus trabalhos no submundo.

foi construído uma parede com tijolos de adobe e argila. Removeram parte dos tijolos e descobriram um terceiro buraco, mas sem parede de tijolo ou argila.

Desta vez, sentiram dificuldades porque o ar era bastante pesado e quente e as velas esgotaram-se. Depois de algumas pesquisas, acabaram por descobrir uma ligação a outro corredor estreito, onde se arrastaram até uma outra divisão que se encontrava entulhada de pedras de pequeno porte até ao teto.

Budge escreve²⁰ que acreditava que este fosse o derradeiro local onde estariam, se existissem, os sarcófagos de Nub-Kau-Ré Nakht e Sarenput. Terá desistido por falta de tempo, já que o trabalho de limpeza da câmara demoraria muito a ser concluído e ele próprio teria de deixar Assuão em pouco tempo.

Decepcionado por ter de partir sem concluir esta aventura, Budge acrescenta que, para ele, este era o túmulo mais interessante escavado até ao momento por Sir Grenfell. Não só do ponto de vista decorativo, mas também porque uma pergunta acabou por não ter resposta; qual seria afinal o grau de parentesco entre Nub-Kau-Ré Nakht e Sarenput?

No inverno de 1886-87, Budge regressa a Assuão para continuar as escavações juntamente com Sir Francis Grenfell.

A primeira tarefa realizada quando chegaram à necrópole foi limpar a escadaria localizada em frente aos túmulos QH 25/26 de Mekhu e Sabni. Esta operação foi feita com a ajuda de soldados ingleses ocasionalmente estacionados em Assuão.

Os trabalhos de escavação iniciam-se na plataforma superior com a limpeza e identificação de diversos túmulos. Encontrados vários fragmentos de cerâmica e partes de múmia já em muito mau estado, havia altares destruídos e paredes totalmente cobertas com cal branca por cima das pinturas originais.

Budge refere que, seguindo para norte, identificaram um túmulo que merecia uma maior atenção (Budge 1887:32). Efectuaram a remoção da areia da entrada, onde encontraram uma inscrição que atesta a sua construção durante a XII dinastia.

Foi-lhe atribuído o número QH 32²¹. Este túmulo apresentava problemas de infiltrações de humidade na rocha, assim como fissuras e fracturas na parede e na porta de entrada.

²⁰ Budge, 1887: 29.

²¹ Não chegámos a visitar este túmulo. Encontra-se fechado e não nos foi dada qualquer justificação para o facto. Acreditamos que não se encontre estável a nível de conservação.

Budge fala-nos da importância do defunto²², faz uma descrição do túmulo que apresentava vestígios de reutilização no período romano, porque apenas foram encontrados vários fragmentos de cerâmica desse período. Este túmulo além de vandalizado, terá sido pilhado também ao longo dos anos e Budge lamenta o facto de não ter encontrado nada importante, a não ser dois a três esqueletos enterrados na areia (Budge, 1887: 32).

As escavações prosseguiram mais a norte, onde se encontraram vestígios de uma outra escadaria. Após algumas semanas a escavar e limpar a zona, foi encontrada a entrada para outro túmulo, datado da VI dinastia, feito para o chefe dos escribas do deus Khnum, chamado Nexu, que terá vivido no reinado do faraó Pepi II.

Budge conta que, nesta altura, a Missão terá recebido a visita do Príncipe de Nápoles e uma pequena festa/cerimónia foi organizada em sua honra. O Príncipe visitou o túmulo ficando admirado com a vivacidade das cores das representações ao fim de mais de cinco mil anos após a sua execução (Budge, 1887: 32).

O “Túmulo do Príncipe de Nápoles” como ficou conhecido o QH 31, apresenta uma forma bastante irregular e estava completamente preenchido com fragmentos de cerâmica quase até ao teto, partes de múmias, crânios e todo o tipo de desperdícios.

Os trabalhos terminaram com a partida dos soldados ingleses que ajudaram durante toda a escavação e que, entretanto, receberam ordens para regressar ao Cairo. Pertenciam à XI Companhia da Royal ENG, comandada pelos Majores Hepper Hare e Plunkett e pelo Capitão Hales.

Budge também deixa Assuão, mas regressa um mês depois e retoma as escavações que Sir Grenfell havia deixado incompletas, nas imediações do Túmulo QH 31.

Budge identificou uma nova sala de pequena dimensão, cujo teto era suportado por três pilares, tanto para o lado norte como para sul, bem como pequenas salas contendo múmias. Um poço foi desenterrado com mais de quatro metros de profundidade, e no final deste, foi então, identificada uma sala onde foram encontrados mais de 200 potes cerâmicos. Um metro mais para sul, foi então identificada a sala com a múmia ainda conservada num ataúde, mas sem qualquer inscrição. No tampo do ataúde, repousavam dois pequenos barcos, ainda com velas e mastros, em muito bom estado de conservação. Budge acrescenta que um destes barcos terá sido oferecido ao Museu Britânico.

²² Budge 1887:32.

Budge fornece uma descrição detalhada da sua descoberta. Aos pés da múmia terá aparecido uma caixa quadrada, modelo de um celeiro. Continha diversos compartimentos repletos de sementes e sobre a tampa de cada divisão, um nome específico. Foram também encontrados vasos de alabastro, 30 potes de cerâmica comum (pratos e taças).

Budge termina o relatório das escavações fazendo algumas considerações, entre elas sobre a cúpula localizada no topo da colina de Qubbet el-Hawa (Cúpula Ventosa), elogiando o trabalho feito por Sir Grenfell.

O trabalho efectuado por Grenfell e W. Budge foi pioneiro para a época. As descrições feitas por Budge são bastante explicativas, contudo, algumas dúvidas ficaram por esclarecer. Afinal, quantos túmulos foram identificados por ambos? Além do Museu de Bulaq e de algumas ofertas pontuais ao Museu Britânico, onde se encontra o restante espólio e afinal o que foi realmente encontrado além do descrito nestes dois relatórios?

Não conseguimos apurar se existe algum diário de campo efectuado durante as escavações, com apontamentos adicionais e desenhos.

De modo geral ficamos a saber que os túmulos QH 25 e 26 foram utilizados como depósito, desconhecendo-se uma data concreta, se na VI dinastia ou posteriormente. Estes foram vandalizados pela utilização continuada de fogueiras no seu interior, o terá coberto as paredes com uma espessa camada de fuligem. No geral, os túmulos por eles identificados são datados da VI^a dinastia e da XII^a dinastia (Império Antigo e Médio).

Ficamos a saber, também, que de um modo geral, os túmulos localizados na plataforma superior, por se encontrarem mais expostos, terão sofrido mais com o vandalismo. Alguns foram reutilizados aquando da construção do mosteiro copta, exemplo disso é o QH 34h (Khunes).



Figura 5. Pormenor do Túmulo de Khunes a partir da escadaria. Parte do mosteiro copta (Foto: SB).

Todo este conjunto de estruturas escavadas por Francis Grenfell é conhecido como os “Túmulos de Grenfell”, actualmente identificados sob as seguintes referências:

Túmulos identificados por Sir Francis Grenfell e Wallis Budge
QH 25 e 26 (Mekhu e Sabni)
QH 28 (Hekaib)
QH29 (Sobekhotep)
QH31(Serunput II / Nub-Kau-Ré-Nakht)
QH32 (Aku)
QH34a (Khunes)
QH34e (Khui)
QH34n (Herkhuf)
QH36 (Sarenpitu)
QH Desconhecido

Figura 6. Quadro com listagem dos túmulos escavados por Francis Grenfell Wallis Budge (SB).

Os trabalhos arqueológicos de Francis Grenfell despertaram o interesse de outros investigadores pelo local, dando origem à criação de outros projectos arqueológicos na zona.

2.1.1. Ernesto Schiaparelli²³ (1892)



Figura 7. Fotografia a preto e branco de Ernesto Schiaparelli (Museu Egípcio de Turim).

As escavações de Ernesto Schiaparelli terão iniciado no final do ano de 1892, na zona este da colina²⁴, mas só em Fevereiro de 1893, dá notícia do aparecimento do Túmulo QH34n de Herkhuf, em Qubbet el-Hawa. Trata-se de um túmulo, como todos os outros, escavado na rocha, localizado no seguimento dos túmulos de Grenfell.

A porta de acesso ao interior do túmulo localiza-se num pequeno átrio, completamente soterrada por areia. Depois de dois dias de trabalho, parte das areias do topo da colina desabaram novamente no local que estava a ser limpo (Schiaparelli, 1892: 23).

Quando finalmente a área ficou liberta da areia, Schiaparelli ficou fascinado com as inscrições e representações tão bem conservadas, no exterior e no interior da porta. Terá sido Jacques de Morgan a terminar o trabalho, especialmente na transliteração e tradução dos textos hieróglifos inscritos nas paredes do túmulo, o que resultou numa publicação de carácter científico em 1894²⁵.

Sabemos que Schiaparelli terá ainda encontrado outro túmulo. Contudo, a informação relativa a este outro achado é escassa e sem grandes pormenores.

²³ Foi o Director do Museu Egípcio de Florença e posteriormente do Museu Egípcio de Turim e o pioneiro no uso da fotografia como meio de documentação de uma escavação.

²⁴ Ver Mapa n° 29.

²⁵ De Morgan, 1894: 141-201.



Figura 8 e 9. Porta principal de acesso ao túmulo de Herkhuf (QH 34n). Fotos: Ernesto Schiaparelli (Cortesia do Museu Egípcio de Turim).

Tentámos obter mais informações, inclusive as incluídas nos relatórios de escavação e contactamos o Museu Egípcio de Turim que nos informou ter apenas em sua posse algumas fotografias do interior e exterior do túmulo e que, possivelmente, todos os registos de campo deveriam estar ainda no Museu Egípcio de Florença (ver nota 25).

Conseguimos contactar a Diretora do Museu Egípcio de Florença que nos informou que todo o espólio, bem como os registos de campo, tinham sido transferidos para o Museu Egípcio de Turim. Pensamos que os registos se encontrem misturados com outro espólio pois Ernesto Schiaparelli fez mais trabalhos no Egito, no Vale dos Reis, no Vale das Rainhas e em Deir-El Medina e é natural, que tivesse juntado as plantas, fotografias e notas relativas aos diferentes locais.

Esperamos que para um futuro projeto consigamos encontrar os registos efetuados por este arqueólogo.

2.1.2. Jaques De Morgan (1893)



Figura 10. Fotografia a preto e branco de Jaques de Morgan

Jacques de Morgan foi Director do Serviço das Antiguidades do Egipto de 1892 a 1897. Em Janeiro de 1893, Jacques de Morgan chega a Assuão acompanhado de Urbain M. Bouriant (Director do Instituto Francês de Arqueologia Oriental do Cairo), Georges Legrain (membro também do Instituto Oriental Francês do Cairo), Gustave Jéquier (Arqueólogo Suíço) e Alessandro Barsanti (curador e conservador no Serviço de Antiguidades) para empreender uma missão arqueológica sob os auspícios do Serviço das Antiguidades do Egipto.

A equipa fez o levantamento de todos os *grafittis* gravados nas rochas de granito localizadas no Nilo, especialmente nas zonas das cataratas. Este trabalho foi efectuado até ao mínimo detalhe. Depois de concluído, a equipa efectuou o levantamento das inscrições dos monumentos de Elefantina.

O projecto de trabalho incluiu ainda, levantamentos das inscrições em Qubbet el-Hawa, e uma descrição dos túmulos encontrados por Grenfell (De Morgan, 1894: 144).

Na primeira fase do trabalho, foi feita a limpeza dos túmulos onde era totalmente impossível aceder. Seguiu-se o levantamento da localização dos túmulos, de todas as inscrições, representações, bem como do estudo arquitectónico dos 16 túmulos que até então tinham sido identificados e escavados.

O trabalho acabou por fazer algumas correcções nas traduções/transliterações anteriormente realizadas por Ernesto Schiaparelli.

Apesar de não ter realizado qualquer escavação no local, a equipa de Jaques de Morgan empreendeu o primeiro estudo sistemático sobre Qubbet el-Hawa. O estudo integral da necrópole foi publicado no primeiro volume da monumental obra, *Catalogue des Monuments et Inscriptions de L'Égypte Antique*²⁶.

LISTAGEM DOS TUMULOS ESTUDADOS POR JAQUES DE MORGAN	
QH25/QH26	Mekhu e Sabni I (pai e filho)
QH28	Hekaib (filho de Penidebi)
QH34	Serenpitu (Filho da senhora Sit-Teni)

²⁶ De Morgan et al (1894) *Catalogue des Monuments et Inscription de L'Égypte Antique*. Premier Série –Haute Égypte. Tome Premier, De La Frontière de Nubie a Kom Ombo. Vienne.

QH32	
	Khema ? Reutilizado pela família de Aku e Akua
	Khui
	Khunes
	Nexu (?)
	(o Príncipe de Nápoles?)
	Herkhuf (e a sua mulher Tepeh-Nefert)
QH35	Pepinakht Hekaib I
	Sem-Mesi?
	Sarenput I /Serenpitua
	Sobek-Hotep
	Khuin-Khnum
	Seni
QH88	Henebaba

Figura 11. Quadro com listagem dos túmulos escavados por Jaques de Morgan (SB).

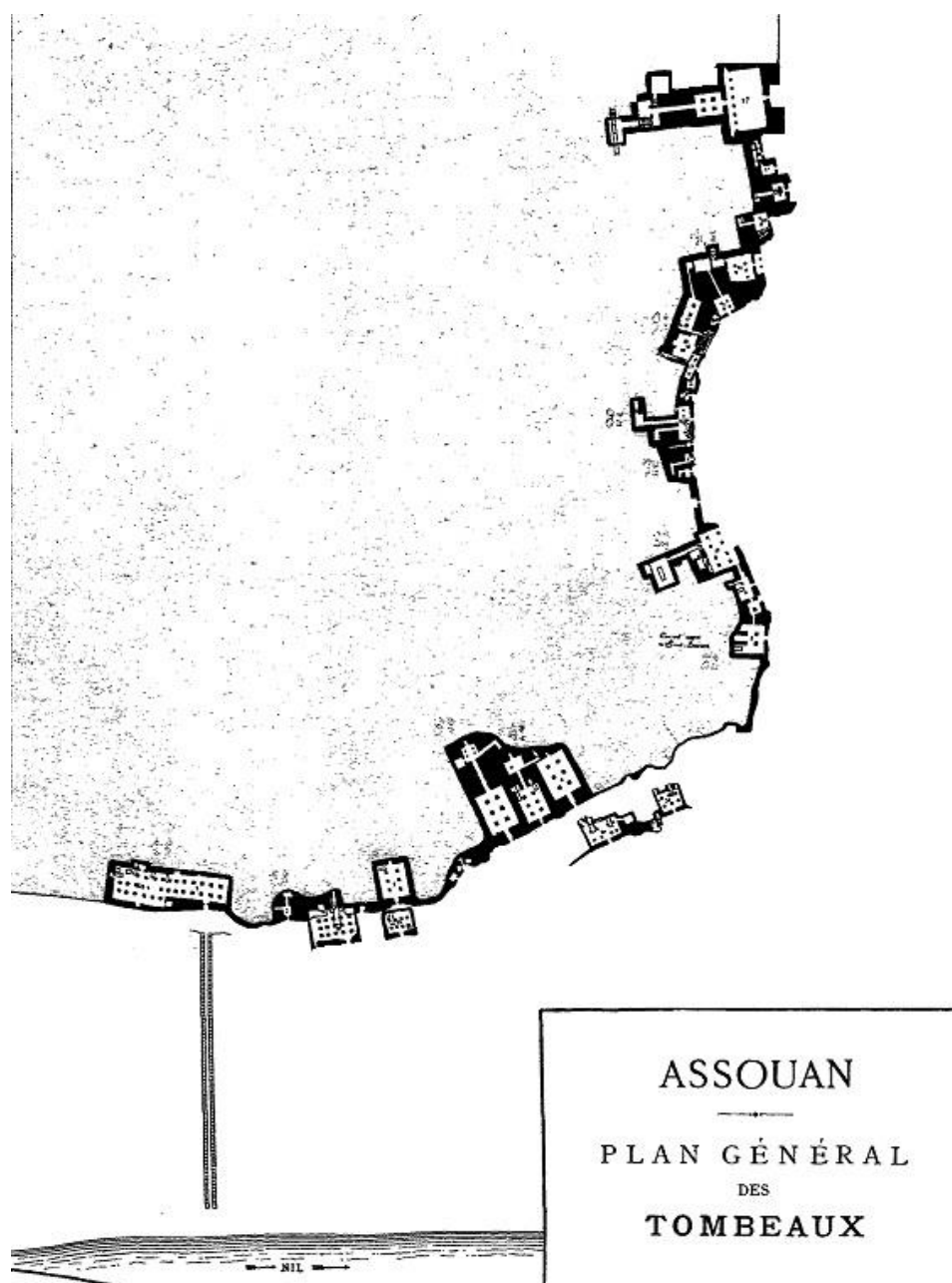


Figura 12. Planta com a localização dos túmulos identificados. Elaborada por Jaques de Morgan

3. As missões arqueológicas no século XX

Cerca de nove anos separam os trabalhos de Ernesto Schiaparelli e o início das escavações efectuadas por Lady Cecil e Howard Carter.

Não temos qualquer tipo de referência sobre esse intervalo de tempo; se os túmulos identificados ficaram ou não salvaguardados ou se as suas entradas terão sido protegidas. O que sabemos é, que Lady Cecil visitou o local com a família no mesmo inverno em que decidiu fazer escavações na necrópole de Qubbet el-Hawa.

3.1 Lady William Cecil²⁷ e Howard Carter (1901-1902)



Figura 13. Fotografia a preto e branco de Mary Rothes Margaret (Lady Cecil).

Em 1901, Mary Rothes Margaret Cecil, Lady William Cecil, resolve aceitar o desafio lançado por Howard para fazer escavações em Qubbet el-Hawa. Não foi muito difícil convencê-la, visto que a família costumava passar as férias de Inverno muito perto da zona. Numa das vezes, resolveram visitar o local e concluíram que poderia ser muito promissor.

Howard Carter, que desde 1899 fora nomeado Chefe dos Inspectores Europeus pelo Serviço de Antiguidades do Egipto, tratou das autorizações necessárias para o início das escavações, o que aconteceu em 31 de Dezembro de 1901²⁸.

As escavações foram efectuadas em quatro zonas diferentes: Plataforma superior e toda a encosta este, até ao mosteiro copta; e zona oeste, no alinhamento dos túmulos Grenfell, acompanhando toda a plataforma superior, orientada a norte, localizada na parte superior das ruínas do Mosteiro de S. Jorge.

3.1.1. Primeira campanha (dezembro de 1901): Escavações

Os trabalhos iniciaram-se na plataforma superior, desde o topo até às ruínas do antigo mosteiro copta (zona a sul da colina) e, posteriormente, alargaram-se para a zona este da colina (Cecil, 1903: 51).

²⁷ Nasceu em Inglaterra em 1857, com a morte do pai torna-se a segunda baronesa de Hakney. Foi ornitologista, arqueóloga amadora e a primeira mulher a efectuar trabalhos de escavação em Assuão.

²⁸ Início dos trabalhos preparatórios, em campo. Dia em que Lady Cecil inicia o relato dos trabalhos, no seu diário de campo.

Lady Cecil refere que à superfície eram visíveis, muitos fragmentos de cerâmica e de estelas. A numeração atribuída aos túmulos descobertos, não foi a mesma escolhida por Grenfell, iniciando-se uma numeração nova.

Túmulo 1- Consiste numa pequena sala escavada na rocha que se encontrava totalmente cheia de areia que foi removida da totalidade. Não foi encontrado qualquer espólio, salientando-se que as paredes estavam completamente enegrecidas.

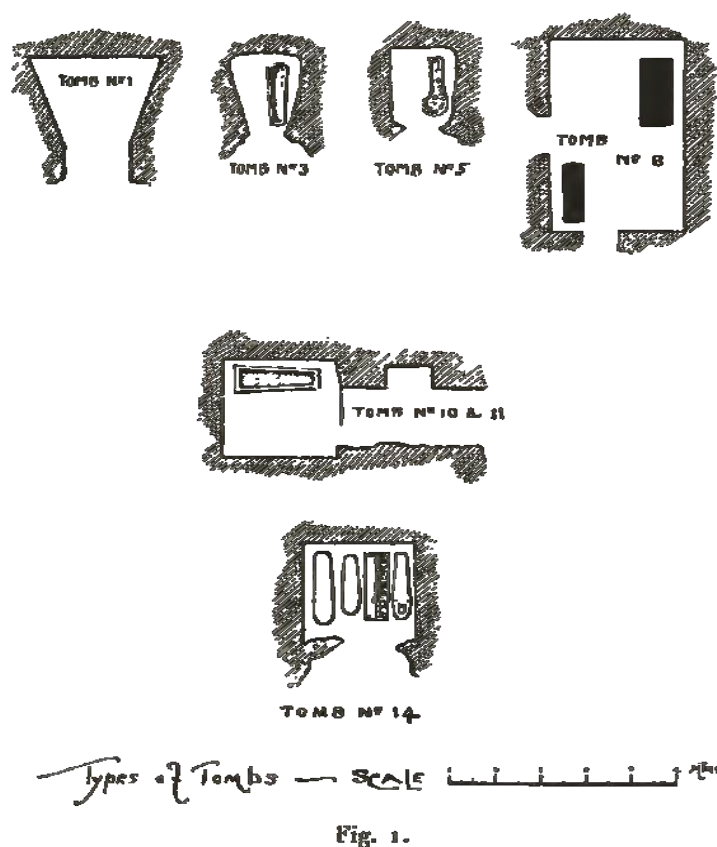


Figura 14. Croqui dos túmulos 1 a 14, elaborado por Lady Cecil.

Túmulo 2- A porta de acesso ao interior, encontrava-se tapada por duas pedras de grande porte. Escavado na rocha, apresenta um rebaixamento no piso de cerca de um metro da sua superfície. Também se encontrava totalmente cheio de areia e de algumas pedras de médio porte. Composto apenas por uma sala. Foram encontradas no seu interior nove múmias, três adultos e seis crianças, uma delas, ainda bebé. Estavam depositadas lado a lado, umas viradas para este e outras para oeste. Datação atribuída: período romano.

Foi também identificada uma representação bastante rudimentar do deus Osíris, fragmentos pertencentes a diversos ataúdes, entre estes, uma tampa de sarcófago de cor vermelha, com linhas pretas, mas sem inscrições visíveis. As múmias não apresentavam qualquer tipo de objetos de adorno.

Após a conclusão dos trabalhos neste túmulo, as múmias foram recolocadas no interior e a sua entrada foi novamente selada com as duas pedras.

Túmulo 3 – localizado perto do anterior, tratando-se de um túmulo escavado na rocha, com uma pequena sala. A entrada também se encontrava tapada por duas grandes pedras e o interior cheio de areia que também foi retirada. À entrada, do lado exterior, foram encontradas muitas contas de colar de diversas cores, com datação atribuída ao Império Médio.

No interior do túmulo foi encontrado um sarcófago de arenito, cheio de areia e no seu interior, a múmia de um pequeno pássaro completamente desfeito.

Túmulo 4 – Não foi escavado na sua totalidade porque as pedras da entrada tinham sido removidas e encontravam-se no interior, no meio da areia que, também, cobria todo o túmulo.

Túmulo 5 – Também no seguimento dos anteriores e em tudo semelhante ao Túmulo 3. Cheio de pedras de médio porte e areia. A porta encontrava-se tapada por duas pedras soltas. Foi encontrado no interior um sarcófago em pedra com a tampa partida na zona que apresentava a cara do falecido. Foram identificados dois crânios e diverso material osteológico humano.

Túmulo 6 – Localizado a nordeste. Apresenta apenas uma sala que terminava numa pequena passagem inclinada. A entrada está orientada a norte, e encontrava-se totalmente cheio de areia e pedras de pequeno e médio porte. Foi encontrada apenas uma múmia. O crânio estava separado do corpo, que tinha sido cuidadosamente enfaixado em linho, mas não foi encontrado qualquer adorno. Havia vários fragmentos de madeira pertencentes a um ataúde com decorações de flor de lótus e uma margarida. Não apresenta qualquer inscrição ou outro elemento que permita a identificação.

Túmulo 7 – Um pouco maior que os anteriores, este túmulo é composto por duas salas. O acesso é feito através de uma pequena rampa inclinada. A entrada está orientada a norte e encontrava-se tapada com pedras e algum entulho que foi removido. No interior foi encontrado um sarcófago em arenito, bastante pesado. Não apresentava qualquer decoração ou inscrição. A tampa tinha sido removida e partida e os diversos pedaços tinham sido colocados numa das salas interiores. No interior deste sarcófago estavam vários pedaços de múmias datadas da Época Greco-Romana. Além do sarcófago, foram encontrados apenas cinco ramos de palmeira.

Túmulos 8 – No chão eram visíveis fragmentos de cerâmica misturados com areia e algum entulho. Foram encontradas várias lucernas com a representação de uma rã e também diversas sandálias. No meio do entulho localizado junto à porta de entrada, foi encontrada parte de uma estela decorada com o disco solar alado, uma *uraeus*²⁹ e a representação de um homem com oferendas. O pavimento deste túmulo, em relação à entrada, apresenta um rebaixamento de cerca de 2,5 metros.

A porta de entrada terá sido partida e posteriormente colocados tijolos de burro (argila e palha) e muita areia. À entrada, foram identificados vários pedaços de papiros, alguns dos quais, por apresentarem um tamanho tão diminuto, foram impossíveis de recolher, mas foram identificados alguns caracteres em demótico. Uma segunda sala encontrava-se repleta de múmias do período ptolemaico. Algumas ainda apresentavam vestígios da decoração nas faixas, mas encontravam-se muito destruídas.

Nesta última sala, foram removidas todas as múmias e detetados dois sepultamentos, um orientado a norte e o segundo a sul.

Túmulo 9 – Foi descoberto devido a uma fratura no chão e o acesso ao seu interior foi feito através dessa fratura. Através do interior, foi possível identificar a porta de entrada, localizada no lado oeste, junto ao Túmulo 8. Foram descobertos no seu interior vários pedaços de uma estela partida, algumas inscrições pintadas em grego e demótico.

Túmulo 10 – A entrada encontrava-se tapada com duas pedras de grande porte e foi necessária a força de três homens para removê-las. No interior havia muito pó, terra e pouca areia. Foi identificado um sarcófago em arenito e uma pequena mesa de oferendas.

Túmulo 11 – Para o lado oeste da entrada do Túmulo 10, foi identificada uma pedra afeixoadada, com cerca de um metro de comprimento por um metro de largura, que tapava o acesso ao interior. A pedra parecia estar *in situ*. Por uma pequena abertura, foi possível observar no interior do túmulo, a tampa de um pequeno ataúde de criança, sobre a qual estava uma estátua pequena do deus Anúbis.

Segundo Lady Cecil, este túmulo teria sofrido infiltrações que danificaram a madeira do ataúde.

Maspero que veio expressamente assistir à remoção da tampa do ataúde pois acreditava-se que o túmulo estaria intocado, datou-o da Época Greco-Romana. Infelizmente, as infiltrações de água que ocorreram ao longo do tempo, a tinham danificado por completo o ataúde, que se desfez, o mesmo acontecendo à múmia de criança que aí se encontrava (Cecil, 1903: 56).

²⁹ Insígnia real que representa uma cobra sagrada de cabeça levantada, colocada na coroa dos faraós e deuses. Simbolizava a protecção solar.

Túmulo 12 – O túmulo possui apenas uma única sala. No seu interior foram identificados alguns tijolos de adobe e entulho misturado com pedaços de múmias. Foi identificada uma estela em madeira policromada, mas sem nome.

Túmulo 13 – Entrada orientada a norte, bloqueada por areia e algumas pedras de médio porte. O túmulo apresentava uma só sala. Na parede era visível um grande nicho para colocar a múmia do falecido, mas encontrava-se repleto de múmias, entre as quais, a de uma criança com cerca de dois anos de idade. As do topo estavam em bom estado de conservação relativamente às do fundo. Foram identificados fragmentos de ataúde em madeira e argila.

Nas múmias não foi encontrado qualquer tipo de objeto de adorno. A datação é a mesma atribuída ao Túmulo 11, ou seja, a Época Greco-Romana. Não foi possível identificar nenhum nome.

Túmulo 14 – Quando se procedia a uma limpeza, um pouco abaixo dos túmulos 10 e 11, entre diversos fragmentos de cerâmica, foi encontrado um túmulo selado. O teto tinha colapsado e todo o espaço estava entulhado. Após a remoção dos escombros, foi identificada a porta de acesso ao seu interior e ao entrar, foi possível ver uma múmia totalmente desfeita.

A área foi limpa e identificados quatro ataúdes contendo múmias. Nos quatro cantos, encontravam-se depositados quatro potes cerâmicos. Nas imediações, foi encontrado outro ataúde, sem inscrições, pertencente a uma mulher. Trata-se de um ataúde antropomórfico feito de argila vermelha, apenas com o nariz danificado. O ataúde estava selado com argila e encontrava-se intacto. Sob a supervisão de Howard Carter, as múmias foram desenfaixadas, mas nenhum adorno foi identificado, com a exceção de algumas flores de lótus secas.

As escavações seguiram para a Zona Este da necrópole.

Túmulo 15 - Localizado na base da colina para este, encontrava-se logo a seguir aos túmulos de Grenfell. Apresenta um vestibulo, uma capela funerária e uma câmara funerária onde foi colocado o ataúde. O túmulo foi saqueado na antiguidade. O seu proprietário, Kagemu foi superintendente dos sacerdotes de todos os deuses de Elefantina e sumo sacerdote de Khnum.

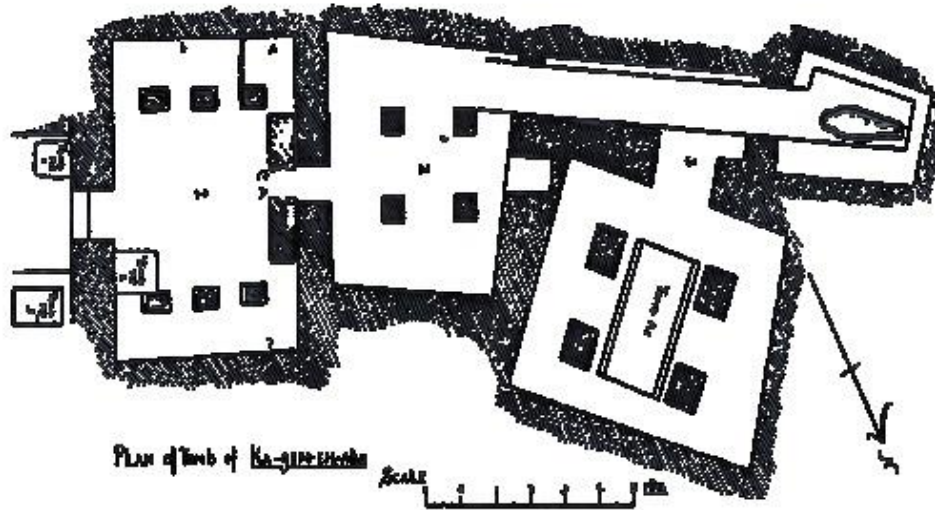


Figura 15. Croqui do plano do Túmulo 15 pertencente a Kagemu, elaborada por Lady Cecil.

As paredes do vestibulo mostram cenas religiosas, bastante danificadas, devido a uma praga de térmitas. Duas fossas foram encontradas no vestibulo, uma de cada lado, cobertas por pedras. Após a limpeza e no meio do entulho, foi descoberto um pote cerâmico de engobe vermelho/preto³⁰.

Lady Cecil adianta que a 27 de Janeiro de 1902, o selo³¹ colocado na porta deste túmulo, terá sido partido. Aparentemente ninguém tinha entrado, porque um ataúde de madeira foi encontrado pela equipa ainda *in situ*, com uma múmia. Infelizmente, a múmia estava em muito mau estado, devido à praga de térmitas. Foram identificados diversos potes de cerâmica vermelha, contendo, no seu interior, argila do Nilo.

A porta que ligava o vestibulo à capela funerária, apresentava vestígios de ter sido preparada para levar uma porta. O teto é suportado por quatro pequenas colunas redondas. No meio da parede era visível um pequeno nicho. À esquerda, a câmara funerária apresentava apenas duas colunas com decoração. O teto estava decorado com diferentes motivos: patos, rolas e inscrições a negro.

O interior continha areia e pedras de médio porte. Misturado com a areia, foi identificado o bojo pertencente a um vaso canópico e duas tampas pintadas a negro.

³⁰ Possivelmente tipo Naqada I ou Kerma clássico. Torna-se difícil confirmar sem a existência de desenho ou uma fotografia.

³¹ Ainda atualmente, todos os túmulos ou locais de depósito contendo espólio arqueológico, são selados pelo inspetor, no fim do dia e no final das campanhas. Pela manhã, os inspetores, a primeira coisa que fazem é verificar se o selo está intacto. Caso não esteja, é aberto um inquérito para apurar responsabilidades, porque no local ficam sempre guardas que supostamente têm de circular durante toda a noite pelo sítio arqueológico e verificar os selos das portas. Como é óbvio, as peças mais significativas são automaticamente transferidas para o museu local. Desde 2016 que a política mudou e as peças mais importantes, no mesmo dia, viajam para os depósitos do Grande Museu do Cairo.

Na câmara funerária, foi encontrado um sarcófago antropomórfico em arenito, mas sem inscrições. A tampa, encontrava-se partida. Tudo apontava para que este túmulo tivesse sido construído na VI dinastia e mais tarde reaproveitado/reutilizado, devido à datação estilística das pinturas de parede (datadas da XIX ou XX dinastia).

Túmulo 16- Localiza-se na mesma linha sequencial do túmulo anterior. É composto por uma câmara funerária e duas salas para mobiliário funerário. Os objetos existentes neste túmulo foram completamente destruídos pela praga de térmitas e, por esse facto, a escavação do túmulo pela equipa de Lady Cecil foi suspensa. No exterior, entre a areia, foram encontrados diversos objetos cerâmicos, contendo restos de ossos calcinados.

Túmulos 17, 17a, 17b, 17c- Todos localizados a este. O Túmulo 17 encontrava-se totalmente destruído, devido ao deslizamento de terras provocado por um terramoto. Os seguintes também não se encontravam em melhor estado. Não foi efetuado qualquer tipo de trabalho nestes túmulos.

Túmulos 17d, 17e - Localizados a sul dos anteriores. Foram abandonados pela mesma razão. Um pouco mais abaixo destes túmulos, foram identificadas duas sepulturas com cerca de dois metros de comprimento cada, cobertas por areia e pedras de pequeno porte. Ao serem limpas foram identificados dois esqueletos que não apresentavam vestígios de terem sido enfaixados ou cobertos por um sudário. Tratar-se-iam de enterramentos do período copta. As escavações avançaram para o lado este de Qubbet el-Hawa, na mesma sequência dos túmulos de Grenfell.

Túmulo 18 – Localizado na rampa a sul da colina, para o lado este, ao mesmo nível do Túmulo QH 34. A porta de acesso encontrava-se parcialmente coberta por areia, que demorou algum tempo a remover. Junto à porta foram identificados dois ramos de tamareiras e dois ramos de palmeiras *dome*³². Trata-se de um túmulo com planta labiríntica, com diversos corredores, seguindo várias direções e em cada direção diferente, o teto era suportado por várias colunas. Por não apresentar segurança alguma, não foi efetuado nenhum tipo de trabalho no interior deste túmulo.

Túmulo 19 - Localizado perto do túmulo QH 27 de Grenfell, encontrava-se em muito mau estado e muito instável também. Teve de ser escorado. A porta de entrada encontrava-se tapada com pedras e

³² **Dome** trata-se de um fruto de cor castanha clara e do tamanho da palma da mão, com alguma dureza. Bastante utilizado no Egito, pode ser utilizado como farinha, depois de ralado e pode ser misturado em água para beber como sumo fresco. Tem um sabor bastante forte e levemente adocicado. É utilizado para as dores de estômago e má circulação do sangue. Rico em vitaminas A, B, B1 e B2. Há quem diga que ajuda na regeneração das células do organismo, após a luta contra o cancro. Também existe noutras partes do norte de África.

areia. Estava ladeada por duas colunas. Havia um longo mas estreito corredor que teve de ser percorrido a rastejar, conduzindo a uma pequena câmara funerária.

À esquerda da entrada, uma passagem inclinada levava a outra câmara funerária dividida em duas partes. Nessa câmara, as térmitas tinham destruído quase tudo, mas conseguiu-se identificar algumas figuras completas de Ptah-Sokar-Osiris e algumas máscaras funerárias. Foram identificadas muitas múmias por todo o túmulo, mas era impossível tocar-lhes. Encontravam-se todas desfeitas, quase em pó, devido às térmitas. Foi identificada muita cerâmica, especialmente potes cerâmicos (cerca de 45) de grandes dimensões, em tudo semelhantes aos encontrados no Túmulo 15, além de contas de colar de diversas cores e tipos, escaravelhos alados em faiança azul, uma paleta cosmética em alabastro, com a representação de uma flor de lótus.

As escavações avançaram para o lado sul da colina, mesmo por cima das ruínas do Mosteiro de S. Jorge.

Os trabalhos neste local iniciaram-se a 13 de fevereiro de 1902 e foi identificada uma entrada para um túmulo onde foi encontrada uma múmia desfeita. Parte das faixas estavam destruídas e junto ao peito foi identificado uma concha em madrepérola inscrita com a cartela real de: Senuseret I. Também foi encontrada uma adaga de bronze no meio das faixas e algumas contas em ágata. Não foi atribuído número a este túmulo que data da XII dinastia.

Túmulo 20- Apresenta um pequeno vestíbulo. O teto à esquerda é suportado por um pilar quadrado. Foi identificada uma passagem subterrânea no centro que conduzia a duas pequenas câmaras funerárias. As paredes encontravam-se enegrecidas pelo fogo ocorrido na antiguidade.

Por baixo de uma das câmaras funerárias, a uma profundidade de cerca de seis metros, foi identificada outra câmara, cuja entrada se encontrava ainda selada. As pedras foram removidas e foi identificado um ataúde retangular e dois potes cerâmicos. Sobre a tampa do ataúde, encontravam-se diversas pontas de seta em sílex, algumas tigelas, e três bengalas, bastante destruídos pelas térmitas. O ataúde media 1,90x0,45x0,61m e encontrava-se em bom estado de conservação.

Apresentando uma inscrição em branco e preto e representações várias. O nome: Mesenu- Sa-Haqiaa foi identificado. A múmia estava em mau estado.

Túmulo 21- No seguimento do túmulo anterior encontrou-se um enterramento datado da XXVI dinastia com dois ataúdes, de um homem e de uma mulher. O ataúde do homem estava em muito mau estado e completamente destruído pelas térmitas. No exterior era possível observar na base do ataúde,

a representação do touro Ápis - transportando a múmia. A múmia terá sido coberta por um colar de contas com várias voltas.

O ataúde da mulher encontrava-se em melhor estado de conservação e a múmia coberta por um colar de contas azuis, com várias voltas. Foi também encontrada uma opala em verde-escuro no meio do colar. Os vestígios encontrados apontam para enterramentos intrusivos datados da Época Baixa.

Túmulo 22- De grandes dimensões, este túmulo apresenta cerca de sete câmaras funerárias. A entrada estava tapada por pedras e muita areia onde foi encontrada uma grande quantidade de contas de colar, uma ametista e contas em coralina. Junto à entrada foram encontradas duas múmias.

Foram encontrados vários fragmentos de vasos em alabastro amarelado e acinzentado. Foi ainda possível identificar outros vestígios de múmias, mas muito destruídas. Os ataúdes encontravam-se destruídos, devido às térmitas. Foram também descobertos diversas pontas de seta partidas, de sílex e outra concha em madrepérola com o nome Senuseret I gravado. No exterior do túmulo foram ainda identificados vários potes cerâmicos. Entre o espólio, figurava uma boneca em madeira de braços manobráveis, segurando uma rola numa das mãos.

Túmulo 23- Localizado no seguimento do anterior. Um vestibulo foi identificado, mas o seu teto terá colapsado e todo o espaço ficou coberto por escombros. Apenas uma parte tinha areia, que foi removida. Foi identificada uma câmara funerária onde se encontraram restos de uma múmia completamente desfeita pelas térmitas.

Túmulo 24 – Composto por um vestibulo e uma pequena câmara subterrânea. Foram identificados diversos ataúdes cuja decoração ainda se encontrava em bom estado de conservação. As múmias estavam destruídas pela praga das térmitas.

Foram encontradas muitas contas de colar, incluindo uma ágata e uma ametista. Junto à parede mais afastada, foi encontrada uma grande quantidade de cerâmica pertencente a diversos períodos: dois potes cerâmicos, pertencentes à VI dinastia, (iguais aos identificados no Túmulo 15), duas pedras de ametista e uma ágata, com a representação de dois leões e um pequeno cilindro com o nome de Amenemhat III. Também algumas conchas, duas paletes de cosmética e uma colher em madeira.

3.1.2 Segunda campanha (novembro de 1902): Limpeza e conservação

No início de novembro do mesmo ano, iniciam alguns trabalhos pontuais de remoção de areia, nos seguintes túmulos:

- QH25 Mekhu (Grenfell) - Remoção da areia localizada junto aos batentes da porta de acesso ao interior do túmulo; Limpeza da escadaria nº1, desde o sopé da montanha até à porta; Limpeza da plataforma;
- QH26 Sabni (Grenfell) - Remoção da areia localizada junto aos batentes da porta de acesso ao interior do túmulo; Limpeza da escadaria nº2, desde o sopé da montanha até ao topo da plataforma;
- QH31 Nub-Kau-Ré-Nakt - Sarenput II (Grenfell) - Remoção da areia localizada junto à porta de acesso ao túmulo e interior.
- QH 32 Akhou (Grenfell) - Apenas uma ligeira limpeza
- QH35 Pepinakh - Hekaib I (Grenfell) - Remoção da areia localizada no átrio em frente à porta e acesso ao interior do túmulo e interior.
- QH 36 Sarenput I, filho de Sitteni (Cecil) - Remoção da areia localizada no interior do túmulo.
- QH nº18 Khakemahu (Cecil) - Foi construído um muro de pedra de ambos os lados da porta exterior a fim de impedir a areia de entrar, assim como uma grade de ferro para a porta. Trabalho terminado na primeira semana de dezembro de 1903.

3.1.3 Terceira campanha (fevereiro de 1904): Escavação

Por se tratar de um local muito promissor, Lady Cecil e Howard Carter resolveram continuar as escavações iniciadas em dezembro de 1902. O trabalho continuou exatamente onde tinha parado. A numeração dos túmulos continuou a ser sequencial, dando seguimento à numeração anteriormente atribuída. (Cecil, 1905: 126-129)

Os túmulos em questão localizavam-se na zona este, a sul das ruínas do Mosteiro de S. Jorge.

Túmulo 25 – A entrada encontrava-se tapada por pedras e o interior encontrava-se repleto de areia e pedras de médio porte. Misturados na areia, tanto no interior, como no exterior foram encontrados abundantes fragmentos de cerâmica, pequenas tigelas de barro vermelho, um jarro, dois escaravelhos e um amuleto de um peixe em coralina. Foi também identificado um pote de alabastro ainda com tampa e um pequeno estilete de madeira utilizado para pintar os olhos, além de muitas contas de colares e um pequeno *uchabtj*.

O ataúde encontrado estava em muito mau estado de conservação devido à praga de térmitas.

Túmulo 26 – Trata-se de um pequeno túmulo localizado nas imediações do túmulo 25. Encontrava-se completamente coberto por areia e pedras de médio porte. Foram identificados vestígios da praga de

térmitas no interior e no exterior do túmulo e, todo o mobiliário funerário incluindo a múmia estava destruído, salvando-se, apenas, algumas contas de colar de várias cores e formas e atribuídas à XII dinastia.

Túmulo 27 – Localizado junto ao anterior. Com uma pequena entrada, coberto por areia e pedras de médio porte. O interior encontra-se dividido em duas partes. No meio da divisão da direita foi identificado um fosso com cerca de 12 metros de profundidade. O túmulo foi limpo e apenas foi encontrada uma pequena tigela.

Túmulo 28 – No seguimento do anterior, mas para sul. Encontrava-se também coberto de areia, entulho e a entrada fechada por várias pedras. No seu interior identificaram-se duas salas de dimensão bastante reduzida e um fosso com cerca de 15 metros de profundidade que terminava numa pequena sala. O corredor apresentava bastantes fragmentos de cerâmica espalhados no chão e uma grande quantidade de contas de colar em vidro azul. Na sala, foi encontrada uma estela em granito. A ausência de outros vestígios, leva a pensar que o túmulo tenha sido saqueado na antiguidade e todo o seu espólio destruído ou removido.

Túmulo 29 – Apresenta um pequeno vestíbulo onde foram identificados vestígios de gesso nas paredes. Parte do teto terá desabado e o restante não se apresentava seguro. Foi limpa a entrada que se encontrava coberta por areia e pedras de médio porte. Foram encontradas muitas contas de colar e escaravelhos alados em faiança azul. No exterior foram encontrados fragmentos de cerâmica.

Túmulo 30 – Apresentava vestígios de gesso. Encontrava-se cheio de areia e entulho que foi retirado do interior e no meio deste, tijolos de adobe partidos e alguma cerâmica.

Túmulo 31 – Localizado para sul do último grupo dos túmulos de Grenfell e perto do topo, da encosta, num grande monte de areia. Foi alcançado a partir do topo, tendo sido criado um caminho para ajudar a remover toda a areia acumulada. O acesso ao interior é feito por uma abertura com alguma inclinação guiando até ao vestíbulo, onde se localiza a câmara funerária. O teto é suportado por quatro colunas redondas. No lado esquerdo da porta, foram encontrados fragmentos pertencentes à base de uma estátua.

O vestíbulo e sala foram limpos e identificada outra entrada para uma segunda sala que estava tapada. As pedras foram removidas e no interior o túmulo apresentava-se intacto. Um total de 80 ataúdes, terão sido encontrados neste local. O estado destes era bastante mau devido às térmitas.

Foi identificado o seguinte espólio: 130 uchabtis anepígrafas e 250 uchabtis com inscrição, um anel em faiança azul, com o nome de Horemheb, três escaravelhos com a inscrição abreviada do capítulo

XXX do *Livro dos Mortos*, colares, escaravelhos alados, potes vermelhos entre outros. Todos estes objetos apontam para um enterramento datado do período ramséssida. Do lado direito foi encontrado outro túmulo, com bastante cerâmica.

Túmulo 32 – Localizado a sul do anterior. Encontrava-se coberto por areia e depois de limpo nada foi encontrado.

Os trabalhos³³ efetuados em Qubbet el-Hawa por Lady Cecil e Howard Carter, além de terem sido descritos detalhadamente, possibilitaram a identificação de 32 novos túmulos, com enterramentos maioritariamente datados da Época Greco-Romana e da Época Baixa. Ficaram assim mais nítidas, as características dos enterramentos originais, datados do Império Antigo, Médio e da Época Greco-Romana.

Verificou-se que muitos destes túmulos, foram reutilizados em épocas diferentes, com especial prevalência na Época Greco-Romana. Outros foram severamente destruídos pelas térmitas, e outros ainda foram vandalizados. Uma das pistas deixadas pelos saqueadores são as contas de colares encontradas no exterior dos túmulos e perto da porta.

Em trabalhos de escavação anteriormente realizados por nós, ficámos a saber que esta se trata de uma prática comum de quem vai à procura de ouro e outros materiais valiosos nos túmulos. Os saqueadores raramente destroem por completo as múmias no interior dos túmulos, certamente por medo, mas também por não terem iluminação. Assim, depois de manipulados, os restos eram recolocados no interior e nos cantos das câmaras adjacentes. Os saqueadores apenas levavam consigo, o que tinha valor. Também juntaram os objetos encontrados numa sala ou em várias, acabando o material por ficar entulhado.

O facto de alguns túmulos apresentarem restos de gesso ou de cal nas paredes, indicia a reutilização do local pelos coptas. Também juntavam os objetos encontrados numa sala ou em várias, acabando o material por ficar entulhado.

Temos conhecimento de que Lady Cecil e Howard Carter terão elaborado um diário de campo com uma descrição bastante detalhada, e com desenhos descritivos. Lamentamos não ter tido acesso a esses diários e talvez num futuro próximo consigamos localizá-los.

³³ Gostaríamos de acrescentar que até aos dias de hoje, a maior parte destes túmulos estão por re-localizar. Acreditamos que talvez devido a remoções de areias provocadas por outras escavações ou tempestades de areias, tenham acabado por ocultado a porta de acesso.

3.2 Labib Habachi³⁴ (1946-1952)

Cerca de 42 anos separam os trabalhos feitos por Lady Cecil e Howard Carter, dos do arqueólogo egípcio, Labib Habachi. Anos esses em que Qubbet el-Hawa esteve esquecida e entregue aos ladrões de túmulos.

Só em 1946, Qubbet el-Hawa volta a ser um local importante para os arqueólogos, que retomam os trabalhos com uma descoberta feita na Ilha de Elefantina por Labib Habachi, o santuário de Hekaib³⁵ (Habachi 1956:10-12). Em resultado desta descoberta, Habachi decidiu escavar em Qubbet el-Hawa, à procura do túmulo de Hekaib.

Entre 1946 e 1952, Habachi, efectivamente, encontrou os Túmulos QH 35³⁶ (Pepinakht/Hekaib I), o Túmulo QH 35d (Pepinakht/Hekaib II) e o Túmulo QH3 5³⁷e (Sabni II).

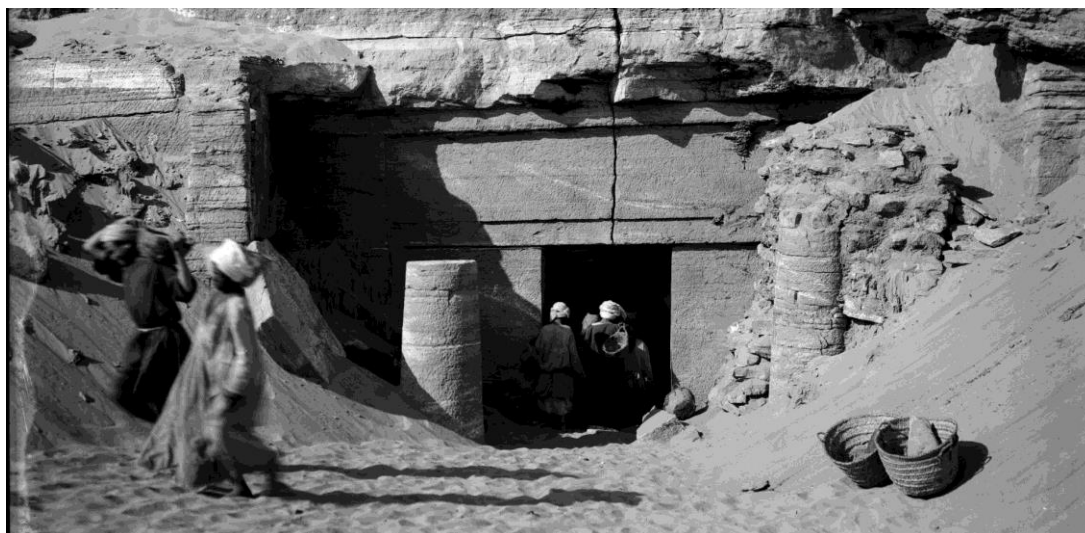


Figura 16. Trabalhos de escavação no interior do Túmulo QH 35d (Hekaib).

³⁴ Arqueólogo de nacionalidade egípcia, bastante conhecido por diversos trabalhos de escavação e estudos por todo o Egipto. Trabalhou mais de 30 anos Para o Departamento das Antiguidades Egípcias. Trabalhou mais tarde para o Instituto Oriental da Universidade de Chicago, como consultor em matérias relacionada com a Núbia. Só muito mais tarde terá recebido os créditos pela sua carreira e dedicação à arqueologia. Infelizmente, só nos anos 70 é que a maior parte dos seus trabalhos foram devidamente publicados por variadíssimas razões.

³⁵ Em 1949 Habachi pôs a descoberto, na Ilha de Elefantina, um conjunto de estruturas pertencentes a um edifício, datado do Império Médio, dedicado a uma divindade desconhecida, chamada Hekaib. Foram descobertas mais de 15 estátuas, estelas, mesas de oferendas. Maior parte desses objectos apresentava o nome de Hekaib “honrado pelo príncipe Hekaib”, “Amado do príncipe Hekaib”. Pensou na altura que talvez Hekaib terá vivido na Ilha e mais tarde divinizado por serviços prestados. Veio-se a comprovar que tal edifício se tratava de um santuário dedicado a PepiNakht-Hekaib I, divinizado.

³⁶ Lichtheim 1988:15.

³⁷ Lichtheim 1988:17.

Durante as escavações no Túmulo 35d, e depois de algum tempo sem encontrar o que procurava, em 1947, Habachi descobriu finalmente, uma parede cultual dedicada a Hekaib³⁸. O acesso era apenas possível através de uma rampa de areia. Demorou-se cerca de 10 semanas a limpar e a colocar à vista a parede com as representações de Hekaib e foi então que se descobriu a grande sepultura, localizada a norte desta parede (Jaggi, 2004: 65-70).

Na decoração da entrada para o túmulo estava representada o falecido e junto deste, cerca de 10 prisioneiros.

No interior do túmulo também foram identificados alguns nichos e uma porta falsa sem inscrições. Uma das representações identificadas é a procissão funerária de Hekaib.

Muito espólio foi encontrado nas diversas escavações efectuadas por Habachi em Qubbet el-Hawa, desde *vasos canópicos*³⁹ intactos, potes e vasos cerâmicos que apresentavam inscrições que posteriormente Elmar Edel traduziu e publicou.

Durante algum tempo chegou se a pensar que os registos recolhidos por Habachi tivessem sido perdidos. Só mais tarde, Karl Seyfried e Gerd Vieler conseguiram encontrar todos os seus apontamentos e fotografias e incorporá-las para uma publicação futura sobre Qubbet el-Hawa.

3.3. Elmar Edel⁴⁰ (1957-80) e a Missão de Bona (1959-1984).

De 1959 até cerca de 1984, Elmar Edel lidera todos os trabalhos efectuados na Necrópole de Qubbet el-Hawa. O projecto intitulava-se “Eine eingehende Beschreibung und Kartierung der Gräber (Hellincky 2014:270). Terão efectuado mais de 20 campanhas, durante as quais realizaram trabalhos de limpeza, escavações pontuais, mas sobretudo, empreenderam o levantamento e estudo de todas as inscrições. A partir de 1967, as escavações arqueológicas tornaram-se cada vez mais activas.

O principal objectivo da missão foi estudar e compreender os enterramentos do Império Antigo e do Primeiro Período Intermediário. Apesar de muito desse trabalho já ter sido feito anteriormente por Sir Francis Grenfell, havia a necessidade de rever os dados e observar determinados aspectos no local.

De um modo geral, os seus trabalhos de escavação conseguiram “recuperar” mais de 1.000 artefactos, identificar quase um total de 25 túmulos, publicar diversos estudos de inscrições em estelas

³⁸ Foram identificados, até ao momento, cerca de seis Hekaib. QH 28 (Hekaib, filho de Penidebi), QH30 (Hekaib II), QH 33 (Hekaib III), QH 35 (Pepinakht - Hekaib I), QH 35a (Hekaib) e QH35b (Pepinakht - Hekaib).

³⁹ Utilizado para guardar vísceras embalsamadas dos mortos.

⁴⁰ Egiptólogo e especialista em Filologia e Professor no Bonner Ägyptologisches Seminar.

e em potes cerâmicos. Na sequência destas escavações, a Universidade de Bona enriqueceu significativamente a sua colecção de antiguidades egípcias.

Os primeiros trabalhos efectuados pela equipa consistiram na limpeza de toda a plataforma superior e dos túmulos QH 25 (Mehu) e QH 25 (Sabni), os túmulos de Grenfell e respectiva escadaria, seguindo-se os outros túmulos localizados na mesma plataforma.

3.3.1 Os trabalhos de escavação

Iremos apenas descrever os trabalhos que consideramos mais importantes durante as 20 campanhas arqueológicas em Qubbet el-Hawa empreendidas por Elmar Edel⁴¹.

⁴¹ Também não possuímos todas as informações para podermos analisar em detalhe, dos diversos relatórios elaborados por Elmar.



Figura 17. Planta dos túmulos e sua localização. Elaborado por Elmar Edel.

O Túmulo QH 207 (Sobek-Hotep), descoberto em 1963, foi escavado e registrado na íntegra em 1969. O túmulo é datado do Império Antigo e localiza-se na plataforma superior, zona este, portanto na zona mais remota das três plataformas funerárias. Toda esta área evidenciava acumulações provenientes dos túmulos datados do Império Antigo.

O túmulo apresenta um átrio ou pátio de entrada e à sua volta encontram-se diversos túmulos também datados do Império Antigo. No interior foram identificados dois pilares que suportam o teto, quatro nichos e oito câmaras funerárias⁴² para sarcófagos. É atribuído à VI dinastia, ao reinado de Pepi II (2250 a.C.). A capela funerária foi reutilizada por diversas vezes para enterramentos subsequentes, existindo uma parede construída posteriormente que dividia o espaço em quatro câmaras.

As múmias apresentavam alguns detalhes decorativos, os ataúdes eram confeccionados em madeira e apresentam decoração. Foram descobertos cofres funerários para colocar os quatro *vasos canópicos*, máscaras funerárias, *uchabtis*, jóias, amuletos e estátuas de Ptah-Sokar-Osiris. Cerca de 75 artefactos foram descobertos neste túmulo. Foi encontrado um objeto especial perto do ataúde. Trata-se de uma garrafa de gargalo cilíndrico, datada do início do período persa e similar aos encontrados nos túmulos menfitas da Necrópole de Abusir (Auenmuller, 2014: 101-107). O restante material data da XXVI dinastia, período de transição para o período persa (XXVII dinastia).

De salientar o facto de terem aparecido moldes de fundição de ferro, o que poderá levar a pensar que no pátio de entrada deste túmulo, ou perto, possa ter existido um forno de fundição. Alguns dos moldes foram encontrados dentro de um pote.

Edel foi o responsável pela elaboração de todos os relatórios preliminares dos trabalhos, publicações de artigos assim como leituras e interpretações de todas as inscrições e objetos encontrados na necrópole.

No ano de 1971 foi publicada uma pequena monografia sobre as inscrições encontradas nos três túmulos datados do Império Médio e em 1984 são dados como concluídos todos os trabalhos efetuados pela Missão Arqueológica de Bona (Bonn Mission).

Todos os trabalhos relativos à necrópole de Qubbet el-Hawa foram publicados em alemão e um trabalho deles foi referenciado no: Lexikon der Agyptologie.

3.4. Os trabalhos de Abdel Akim Addad (1998)

Sabemos muito pouco, ou quase nada sobre as atividades desenvolvidas por Abdel Addad em Qubbet el-Hawa. Apenas, se sabe que, em 1998, terá liderado uma escavação em Qubbet el-Hawa, para o Serviço Supremo de Antiguidades, mas até hoje, nenhum relatório foi sido publicado.

⁴² Possivelmente acrescentados posteriormente à VI dinastia.

4. Qubbet el-Hawa no século XXI: Missões Italiana, Inglesa e Espanhola

Qubbet el-Hawa Research Project liderado por Martin Bommas (Universidade de Birmingham) e o *Proyecto Qubbet el-Hawa*, coordenado por Alejandro Jiménez Serrano (Universidade de Jaén).

4.1 A Missão Italiana (2003-2007)

A missão italiana liderada por Maysoun Al-Kkouri, desenvolveu trabalhos pontuais na necrópole de Qubbet el-Hawa, entre 2003 e 2007. Há poucas informações sobre os resultados obtidos a não ser um estudo de análises aos pigmentos utilizados nas representações parietais no Túmulo QH90, e de uma prospeção geofísica onde foi utilizado um geo-radar e que acabou por confirmar a existência de mais túmulos⁴³.

Em 2006 foi integrado na equipa, o arqueólogo Alejandro Jiménez Serrano da Universidade de Jaén. Em 2008, a missão termina a sua vigência, desconhecendo-se a existência de relatórios publicados, existindo apenas um artigo⁴⁴ relatando os trabalhos efetuados.

4.2 Qubbet el-Hawa Research Project (2006 até à atualidade)

Trata-se de uma missão conjunta entre a *University of Birmingham* e a *Egypt Exploration Society*, dirigida por Martin Bommas (Bommas, 2016: 1-35).

No primeiro relatório publicado, Bommas apresenta os objetos do projeto, assim como a área concessionada:

"Instead of concentrating on known tombs or areas that have been touched by scholars before, the archaeological work carried out under the name of Qubbet el-Hawa Research Project (QHRP) focuses on an area never before under investigation. In its south-north extension it reaches from the southern wall of the causeway of Khunes (tomb 34h), to the northern wall of the causeway of the tomb of Sarenput I (tomb 36). From east to west, the concession boundary is defined by a series of lamp installations east of the visitor pathway and the modern earth road mentioned above". (Bommas, 2016: 23).

Os trabalhos iniciaram-se com um reconhecimento e a análise do terreno, onde foi identificado um terceiro nível de enterramentos, protegido pela construção de um muro de retenção. Assim, um novo terraço ou plataforma contendo túmulos, é identificado como:

⁴³ Al-Khouri et al (2005) 'Gharbi Aswan: A Research for the Conservation of the Mural Paintings', in: M. AL Khouri, G.C. Infranca & R. SALTI (eds.), *Archaeology and Conservation in the Middle East*, Roma. (S/PP).

⁴⁴ Op cit Al-Khouri et al (2005).



Figura 18. Fotografia do Túmulo tipo mastaba identificada no vale da colina

Necrópole inferior de Qubbet el-Hawa. Neste local foram identificados cerca de sete túmulos de tipo Mastaba,⁴⁵ em que o acesso ao interior é feito primeiramente por um pátio seguido de um corredor ou rampa. As datações obtidas através da análise da cerâmica encontrada no local revelam que poderá tratar-se de uma necrópole pertencente ao Primeiro Período Intermédio ou início do Império Médio.

Para norte, ainda dentro da concessão, foi descoberta a quarta escadaria que liga o sopé da montanha ao túmulo QH36 (Sarenput I), com cerca de 133 metros. Foi ainda descoberta uma pedra de esquina, *in situ* com a imagem de um homem guiando um boi (junto às escadas, em direção ao túmulo de Sarenput I).

⁴⁵ Trata-se de um túmulo egípcio, cuja forma exterior é tronco-piramidal, de base retangular e constituída por: uma capela funerária, um poço ou fossa, uma porta falsa e uma câmara funerária.



Figura 19. Fotografia tirada do topo da escadaria junto ao Túmulo QH 36 – Sarenput I (SB).



Figura 20. Fotografia de pormenor da escadaria junto ao Túmulo QH 36 – Sarenput I (SB).



Figura 21. Imagem de um homem guiando um boi (junto às escadas, em direção ao túmulo de Sarenput I).

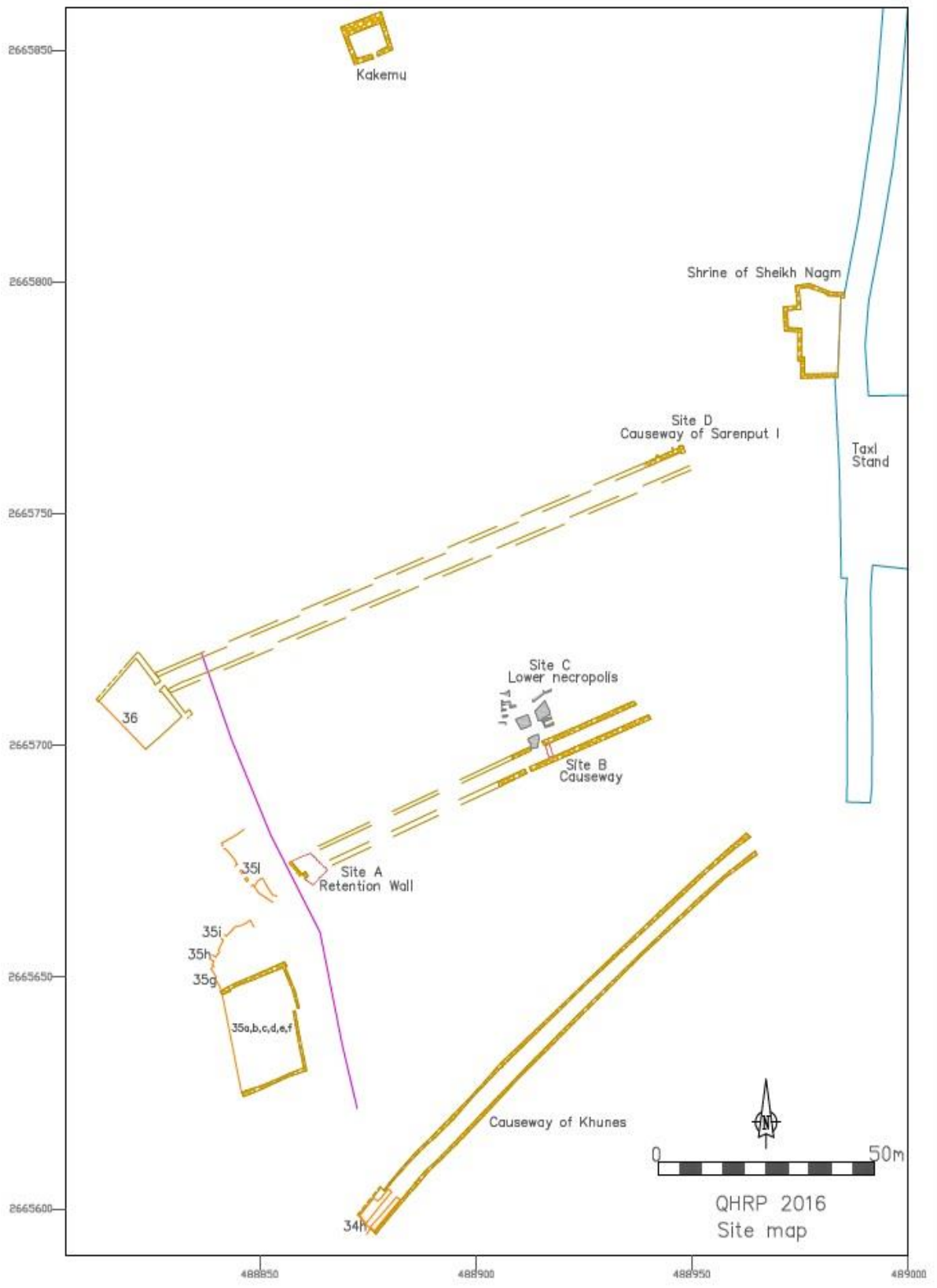


Figura 22. Planta com a localização das áreas A, B, C e D, elaborada pela Missão Inglesa.

Martin Bommas dividiu a zona de escavação em quatro áreas (A a D):

Área A – corresponde ao primeiro terraço em linha com a esquina do Túmulo 35L (numeração criada por Bommas). Neste estrato arqueológico foi identificado algum lixo do período “moderno”⁴⁶, misturado com contas em faiança, diversos fragmentos de ataúdes em madeira pintada, e cerâmica do Império Médio e Época Baixa.

Área B – Definida por dois muros construídos com pedra local de acabamento grosseiro. Ambos paralelos e de orientação este/oeste, com uma distância entre si de cerca de 87cm. A altura é de 80cm. Ambas as áreas A e B provaram a existência de um segundo terraço contendo túmulos que ainda não foram escavados.

Área C – Duas aberturas na parede nordeste da escadaria têm acesso a seis túmulos tipo mastaba, visíveis no sopé da montanha. Construídas em duas filas orientadas a norte, os túmulos estão localizados no sopé da montanha. Foram efetuados trabalhos de limpeza, a fim de se entender, a área de dispersão dos achados.

Área D – Quase no limite da concessão, foram identificadas algumas estruturas em pedra durante a prospeção, dois muros com a orientação oeste/este e referidas como muro norte e muro sul.



Figura 23. Foto de pormenor das duas estruturas com a orientação oeste/este

⁴⁶Segundo Bommas: In an attempt to achieve further understanding of the site, wind-blown sand and a thick package of rubble, mainly consisting of sandstone chips was removed. Within this layer, which must have been deposited in modern times, faience beads, painted fragments of wooden coffin boards, as well as Late Period and occasional Middle Kingdom pottery were found alongside modern trash consisting of plastic items and cigarette packs” (Bommas 2016:7).

Quando o relatório foi publicado, anexou-se um estudo da cerâmica encontrada⁴⁷. Por enquanto, é o único relatório preliminar publicado. No ano de 2019, o programa de televisão inglesa “Tomb Diggers”, da BBC 1, teve uma equipa em Qubbet el-Hawa e filmou a entrada num dos túmulos do tipo mastaba localizado no sopé da montanha⁴⁸.

4.3 Proyecto Qubbet el-Hawa (2008 até actualidade)

Trata-se de uma missão da responsabilidade da *Universidad de Jaén* dirigida por Alejandro Jimenez Serrano.

Este projeto foi iniciado no ano de 2008 e até ao momento foram publicados os relatórios preliminares de dez campanhas de escavação, diversos artigos apresentando estudos cerâmicos, antropológicos, trabalhos de conservação e restauro, análise e consolidação de pigmentos, uma tese de estudo sobre a arquitetura tumular e muitos outros artigos sobre Qubbet el-Hawa⁴⁹.

4.3.1 Campanha 1⁵⁰ (2008)

A primeira campanha realizada em 2008, teve como principal objetivo o levantamento topográfico de todo o maciço rochoso, estudo pictórico utilizado nas representações tumulares, a limpeza e escavação do Túmulo QH33 (Grenfell).

Os trabalhos iniciaram com a limpeza de detritos e areias acumulados no corredor e entrada do túmulo e a escavação do exterior onde foi encontrado algum espólio cerâmico. Foi elaborada a descrição do túmulo e das diversas partes que o compõem. Não foi identificado qualquer tipo de decoração na fachada exterior do túmulo.

⁴⁷ Bommas 2016:1-35.

⁴⁸ Esta mastaba encontrava-se apenas identificada e foi propositadamente limpa e parte escavada só a zona da entrada, ao vivo para o programa de televisão.

⁴⁹ Jiménez Serrano et al 2009:35-60; Jiménez Serrano et al 2009:41-75; Jiménez Serrano et al 2009:35-60; Jiménez Serrano et al 2010:65-98; Jiménez Serrano et al 2012:102-123. Jiménez Serrano et al 2013:7-58. Jiménez Serrano et al 2014:7-48. Jiménez Serrano et al 2015:7-88. Jiménez Serrano et al 2017:13-110. Jiménez Serrano et al 2018:13-164.

⁵⁰ Jiménez Serrano et al 2009:35-60.

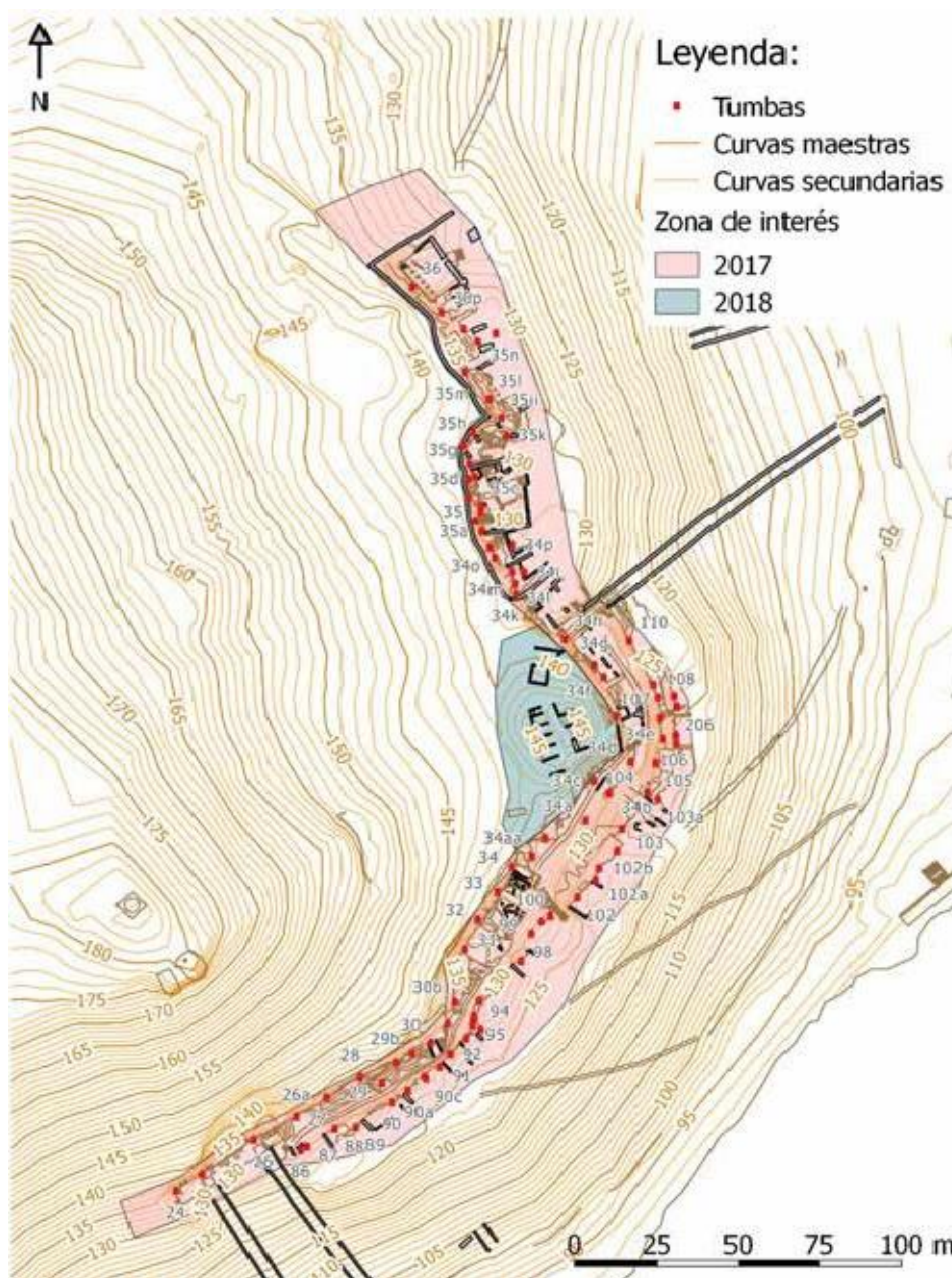


Figura 24. Levantamento topográfico com a localização de todos os Túmulos identificados até ao momento.

A sul da entrada, do lado exterior, foi escavada uma estrutura quadrangular que sugere ter sido utilizada aquando da execução deste túmulo, pelos artesãos. Tudo parece indicar tratar-se uma vala de poste, para a colocação de andaimes em madeira.

A porta de acesso ao interior tem cerca de quatro metros de altura e não apresenta qualquer tipo de decoração. Este túmulo poderá datar da XII^a dinastia⁵¹. Até ao momento não foi possível identificar o seu proprietário original.

⁵¹ Datação avançada pelos responsáveis pelo artigo, sem qualquer justificação.

Nesta campanha foi encontrado diverso espólio arqueológico, como por exemplo: uma estela, vários *ostraca*⁵² do período copta, uma estátua osíriaca⁵³, fragmentos de ataúdes e sarcófagos, amuletos e diversas contas vítreas de colar.

4.3.2 Campanha 2⁵⁴ (2009)

Os trabalhos desta campanha incidiram essencialmente nos túmulos QH 33, 34 e 34h.

Foi escavado o corredor de acesso ao interior do túmulo QH34 e feito um plano. A escavação forneceu dados que parecem indicar que terá sido construído no mesmo recinto funerário do Túmulo QH 33, mas posteriormente.

Foi feita a consolidação do Túmulo QH34h. A campanha incluiu georreferenciação.

4.3.3 Campanha 3⁵⁵ (2010)

Foram realizados trabalhos de consolidação e um estudo antropológico do espólio osteológico.

Foram efetuados trabalhos de análise estrutural e consolidação do Túmulo de Khunes (QH34h) e feita a consolidação, *in situ*, de três ataúdes em madeira, localizados no corredor do túmulo QH34, bem como das estruturas e adobes identificados na entrada e corredor.

Foi também feita alguma consolidação e conservação do espólio arqueológico encontrado durante as escavações.

4.3.4 Campanha 4⁵⁶ (2012)

Os trabalhos desta campanha incidiram nos túmulos QH33 e 34. Foi dada especial atenção ao estudo e análise dos materiais encontrados após a descoberta de três novas câmaras funerárias desconhecidas, além de um fosso.

O material encontrado apresenta uma datação muito diversa: XII^a, XVIII^a, XXII e XXVI^a/XXVII^a.

⁵² Fragmento de cerâmica ou pedra utilizado para documentar procedimentos oficiais, pequenas mensagens ou nomes. A escrita utilizada era geralmente o demótico.

⁵³ Estátua que representava do deus egípcio Osiris (como um rei mumificado com barba e a cabeça adornada com uma coroa. A pele poderia ter uma coloração verde ou preta), associado ao renascimento, ressurreição, justiça e à fertilidade.

⁵⁴ Jiménez Serrano et al 2009:41-75.

⁵⁵ Jiménez Serrano et al 2010:65-98.

⁵⁶ Jiménez Serrano et al 2012:102-123.

4.3.5 Campanha 5⁵⁷ (2013)

Continuação dos trabalhos iniciados na campanha anterior. Elaboração de uma descrição exhaustiva do exterior do túmulo QH34 e do interior do túmulo QH33. Além da continuação do estudo dos materiais encontrados foi ainda elaborado um desenho preliminar da câmara funerária do Túmulo QH31 (Sarenput II).

4.3.6 Campanha 6⁵⁸ (2014)

Os trabalhos iniciaram-se com a remoção das areias acumuladas no exterior do túmulo QH31 (Sarenput II).

Foram ainda feitas escavações no interior do Túmulo QH 33, no fosso principal que resultou na descoberta de uma nova câmara funerária com nove enterramentos intactos. Uma terceira câmara com um enterramento datado da XII^a dinastia também foi encontrada.

Foram ainda feitos trabalhos de conservação e restauro em material arqueológico, registo fotográfico do espólio e dos seguintes túmulos - QH 25, 226, 29, 34e, 34g, 34h, 34n, 35m, 102 e 110.

4.3.7 Campanha 7⁵⁹ (2015)

Foi feita a escavação dos fossos identificados anteriormente no Túmulo QH 31 (Sarenput II). Os trabalhos de escavação da câmara funerária encontrada no fundo da fossa norte, do Túmulo QH33 continuaram.

Foi efetuada uma limpeza geral no caminho geralmente utilizado pelos turistas e que pôs a descoberto o Túmulo QH 34cc.

Os estudos antropológicos e análise dos restos humanos, prosseguiram e foram iniciadas a digitalização 3D das peças mais significativas, encontradas nas escavações.

Foram ainda feitas diversas análises a pólenes e sementes recolhidos e encontrados dentro dos potes cerâmicos.

⁵⁷Jiménez Serrano et al 2013:7-58.

⁵⁸Jiménez Serrano et al 2014:7-48.

⁵⁹Jiménez Serrano et al 2015:7-88.

4.3.8 Campanha 8⁶⁰ (2016)

Nesta campanha, os trabalhos arqueológicos concentraram-se essencialmente em continuar a escavação da antecâmara inferior, associada ao poço norte do túmulo QH33, descoberta durante a campanha de 2015.

Algumas estruturas do Túmulo QH 34aa foram reforçadas fisicamente e foi efetuada a limpeza e remoção de areias do caminho localizado em frente do Túmulo QH 35n. Também foram realizados alguns trabalhos arqueológicos no Túmulo QH 35p.

Foi feita uma escavação numa lixeira datada do período copta e que já tinha sido identificada numa campanha anterior, localizada a norte do Túmulo QH 33, entre os Túmulos QH 34aa e o QH 34bb. A estratigrafia identificada e o espólio a ela associado, data-a dos séculos VI e VII d.C. e foi utilizada ininterruptamente ao longo desse período.

4.3.9 Campanha 9⁶¹ (2017)

Os trabalhos efetuados nesta campanha focaram-se nas escavações do hipogeu⁶² datado do Império Médio, assim como a continuação dos trabalhos já anteriormente iniciados nos túmulos QH 32, QH 33, QH 34aa, QH 34bb, QH35p e QH36 datados do Império Antigo.

Foi feito algum trabalho de consolidação no mobiliário funerário encontrado. Os estudos antropológicos também continuaram.

Foi atualizada a cartografia do local, tendo sido adicionados os novos túmulos encontrados durante as primeiras campanhas arqueológicas.

4.3.10 Campanha 10⁶³ (2018)

Foram prosseguidos os trabalhos da campanha anterior e adicionada alguma informação nova proveniente das escavações feitas nos túmulos QH32 (Aku), QH 34bb (Shemai), QH 35n, QH 33 y QH 36 (Sarenput I).

Realizados alguns estudos arquitetónicos, epigráficos, antropológicos e interpretação de alguns papiros encontrados. Trabalho de restauro e consolidação pontual.

⁶⁰ Jiménez Serrano *et al.*, 20016: 11-62.

⁶¹ Jiménez Serrano *et al.*, 2017: 13-110.

⁶² Túmulos escavados na rocha datados do Império Médio. Composto por série de corredores, rampas ou escadarias descendentes que conduziam a um vestíbulo e à câmara funerária. Normalmente estava rodeado por quatro divisões utilizadas como depósito para o mobiliário funerário e afins.

⁶³ Jiménez Serrano *et al.*, 2018: 13-164.

Apesar de não ter sido publicado qualquer corpo documental sobre as informações recolhidas, com os seus trabalhos a missão tem contribuído para melhorar o conhecimento e a compreensão de Qubbet el-Hawa. Até Janeiro de 2020, já tinham sido escavados e identificados mais de 100 túmulos, datados de diversos períodos e alguns dos quais com reocupações.

Como os trabalhos vão continuar, é muito possível que o número de túmulos identificados continue a aumentar.

Parte II

Caracterização

1. A necrópole



Figura 25. Do cemitério Fatimida, margem este (Assuão), para a necrópole Qubbet el-Hawa, margem oeste. (visível no topo da montanha a Qubbet Ali Abu e as ruínas do mosteiro copta de S. Jorge). IAA140228 - Paul Collart 1930.

Localizada na margem Oeste do rio Nilo, mesmo de frente para a cidade de Assuão, esta colina é conhecida por diversos nomes⁶⁴. Embora os mais referenciados sejam Qubbet el-Hawa (Cúpula do Vento), e Qubbet de Ali Abu el-Hawa⁶⁵, devido à existência de uma pequena capela de cúpula abobadada mesmo no topo da colina⁶⁶, o seu nome verdadeiro será Makaber al Nobla'a, ou seja, "Túmulo dos Nobres".

⁶⁴ Também por "Vale dos Príncipes" ou "Colina do Vento".

⁶⁵ Embora referenciado como o local de sepultamento do Sheikh Ali Abu el - Hawa, aquando dos nossos inquéritos orais, fomos informados da seguinte história: Ali Abu viveu há mais de 700 anos. Terá deixado a sua aldeia (conhecida por Abu el - Reish Quibli e localizada em Assuão), para viver em clausura. Escolheu a colina do vento, tendo-se dedicado à oração e ao aconselhamento. Vivia da caridade. Quando faleceu, foi sepultado na aldeia, onde existe um santuário com o seu nome que, ainda hoje é visitada por muitos peregrinos.

⁶⁶ Jaggi 2004:65-75; Roman 1889:47, Vischak 2006:49.

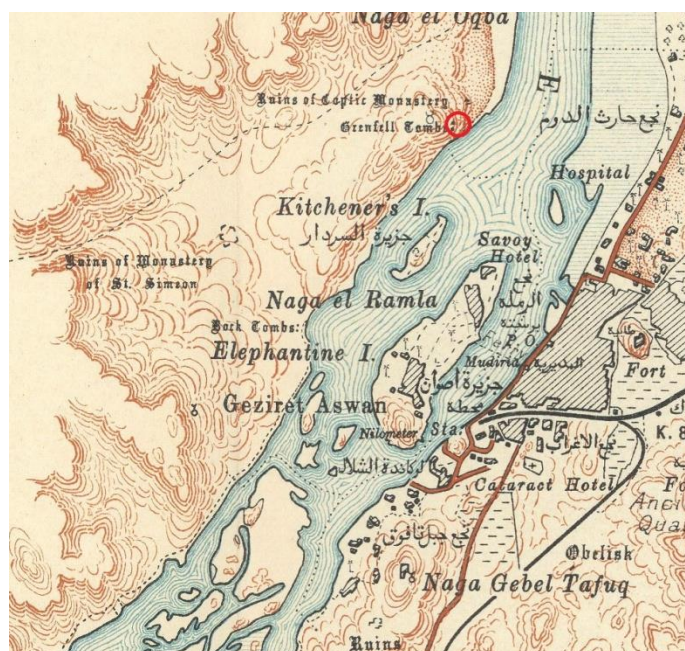


Figura 26. Localização de Qubbet el-Hawa e dos túmulos de Grenfell (assinalados a vermelho). Carta militar 1/25.000

Muitas destas informações passaram oralmente e não foram encontrados registos que as possam confirmar. No entanto, de uma coisa temos a certeza, esta cúpula⁶⁷ data do séc. XII d.C., do período Fatimida (969-1171 d.C.) e terá sido utilizada como posto de controlo, das entradas e saídas dos barcos de mercadorias do antigo porto fluvial de Assuão.



Figura 27. Qubbet de Ali Abu el-Hawa (Foto SB).

⁶⁷Construção de forma quadrada, cúpula abobadada e suportada por quatro arcos perfeitos. Os seus alicerces assentam no topo da montanha. Em tempos terá sido toda caiada de branco, mas por se encontrar em verdadeiro estado de abandono, já perdeu parte do reboco tornando visíveis os tijolos cozidos das paredes. Orientação Este/Oeste.

Trata-se, sem dúvida, de um local estratégico e seria seguramente muito profícuo efectuar sondagens arqueológicas nesta zona.

Na zona sul das plataformas, são visíveis os vestígios pertencentes a um mosteiro⁶⁸ copta, dedicado a S. Jorge. Este mosteiro teria dois pisos e foi construído sobre as três plataformas e terá utilizado o espaço de dois túmulos (QH 34n - Khunes e QH 34e - Khui) para a sua expansão.⁶⁹ Em 1887, Bouriant⁷⁰ já o tinha referido e elaborado a sua descrição.

Integrada numa sequência, de diversas montanhas como Gebel Bas e Gebel Ibrahim⁷¹ e outras pequenas elevações de formação arenítica, “Qubbet el-Hawa” é a mais elevada e comprida, assemelhando-se com uma *mastaba*⁷² natural devido ao seu topo em forma de plataforma, um tronco piramidal e uma base rectangular.

Segundo Sampbel (Sampbel 2014:58), a coloração castanha/avermelhada do arenito local, é resultado das grandes concentrações de ferro que oxida à superfície. A nordeste de Assuão existem numerosos depósitos de ferro que terão abastecido a cidade de Helwan (localizada a sul do Cairo), durante o Império Novo, quando os egípcios aprenderam a trabalhar o ferro. Originalmente, o metal era utilizado, apenas, como um pigmento.

O declive acentuado da montanha coberta por areia⁷³ amarela quase branca acompanha toda a encosta terminando quase junto à margem do Nilo, sobretudo junto à Ilha de Elephantina. A norte, mais próximo de Assuão, a margem que separa ambos (rio e montanha) é mais ampla.

Sampbel⁷⁴ apresenta uma explicação interessante. O facto de Assuão (então conhecida como Syene na Época Greco-Romana) ser a fronteira mais a sul do Egipto e, portanto, uma zona de passagem

⁶⁸ As datações apresentadas por Dekker (2016:118), para a sua construção são séc.VI /VII d.C. Terá começado como uma pequena igreja, e no séc. XII d.C. foi transformada em mosteiro. A escadaria de Khunes (QH34n), foi integrada no complexo monástico. Em 1998, o Serviço das Antiguidades de Assuão, efectou uma limpeza, tendo colocado à vista, algumas pinturas murais, inscrições coptas e árabes na zona norte. Em 2010, o St. Mark Foundation for Coptic History Studies organizou um encontro no Mosteiro São Simão, localizado por trás da colina de Qubbet el-Hawa. O resultado do encontro foi mais tarde a elaboração de uma reconstituição 3D (Middlenton-Jones 2016:221-223), assim como uma publicação (Ancient Nubia and Upper Egypt in Christianity and Monasticism in Aswan and Núbia).

⁶⁹ Dekker 2016:117.

⁷⁰ Bouriant 1887:81-82.

⁷¹ In Sampbel 2014:58.

⁷² Em árabe, a palavra “mastaba” significa “banco” e trata-se do nome dado a um banco em madeira, comprido e tradicional, normalmente existente no exterior das casas, onde os homens passam a maior parte do tempo, de dia e noite, sentados conversando, a beber chá ou café e a fumar shisha (cachimbo de água).

⁷³ De grão fino, bastante leve e que o pôr-do-sol a faz parecer ouro reluzente.

⁷⁴ Sampbel 2014:56.

de muitas expedições fluviais e terrestres em direção à África central. No regresso, as mercadorias adquiridas⁷⁵ eram expedidas daqui para Mênfis ou Tebas

“Qubbet el-Hawa” não se trata de uma colina qualquer e não terá sido escolhida ao acaso para se tornar a “cidade dos mortos” dos governadores e altos dignitários residentes na Ilha de Elefantina, durante a VI e XII dinastias. Esta montanha⁷⁶ em arenito era “maleável”, fácil de trabalhar, além de simbolizar o início da vida, (a montanha primordial). Seria nas suas “entranhas” que outro ciclo iria nascer: a transformação do corpo mumificado, em Osiris⁷⁷ para alcançar a vida eterna.

Foi no Império Antigo que começaram a ser talhados na montanha os primeiros túmulos e diversas escadarias de acesso, desde o seu sopé, até ao átrio onde se encontra aberto na pedra o acesso ao interior.

⁷⁵ Marfim, peles de animais, penas e ovos de avestruz, ouro entre outros produtos.

⁷⁶ No mito cosmogónico de Heliópolis nos textos das Pirâmides, datado do Império Antigo (2686-2181 a.C.), é explicada a criação do mundo, o nascimento dos deuses e a importância da montanha primordial, conhecida por Benben (*Texto das Pirâmides*, 379):

“Atum Beetle! You became high, as the hill;
you rose as the *benben* in the *Benben* Enclosure in Heliopolis.
You sneezed Shu and spat Tefnut.
You put your arms around them as *ka-arms* so that your *ka* might be in them.
Atum, put your arms around Pepi Neferkare as *ka-arms*,
so that the *ka* of Pepi Neferkare might be in it,
firm for the course of eternity”.
(Tradução Allen, 2005: 269).

⁷⁷ A partir do Império Médio, todos os mortos eram identificados com Osiris, através da mumificação. Tinham de se tornar Osiris para entrar no mundo dos mortos.

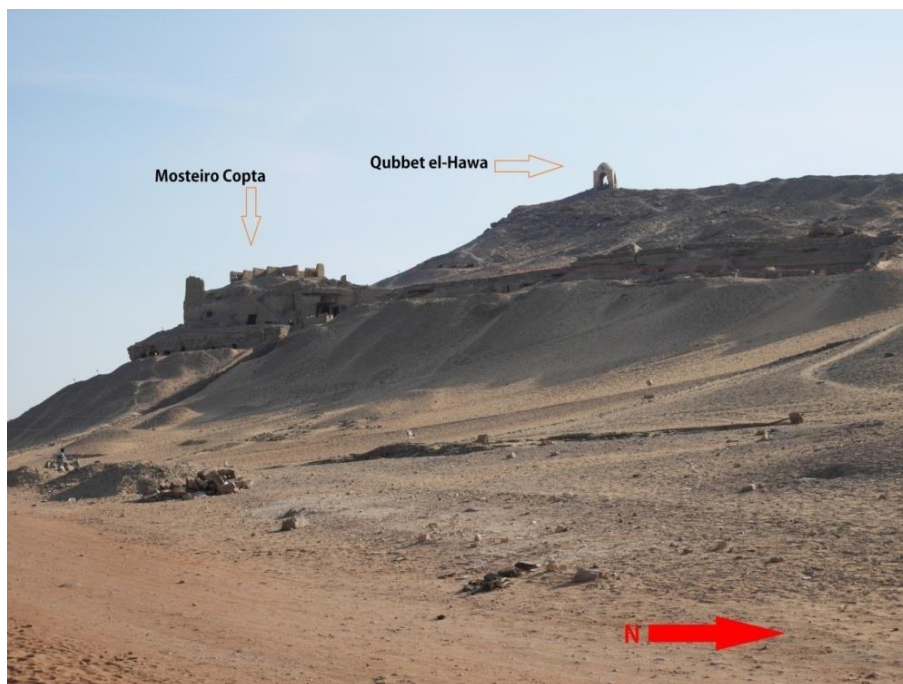


Figura 28. Vista geral da necrópole de Qubbet el-Hawa (da esquerda para a direita: o mosteiro copta, a escadaria e Túmulo de Khunes, e outros túmulos (localização: Plataforma superior) Foto: SB.

Os diversos túmulos encontram-se divididos entre três plataformas paralelas, na zona este e zona oeste. Estão distribuídos desde a meio da encosta até quase ao topo, existindo uma pequena rampa entre elas para facilitar o acesso e o transporte dos bens funerários (Jaggi 2004:65-75).



Figura 29. Vista área com a divisão das diversas áreas. (Google Earth, SB)

Para uma melhor compreensão da área em questão, resolvemos dividir o complexo funerário de Qubbet el-Hawa, em três zonas, as quais já temos vindo a mencionar desde o início e usando como referência principal a própria colina. Identificámos também o mosteiro copta e a Cúpula Abu Ali. Passaremos a explicar em seguida:

ÁREAS	LOCALIZAÇÃO
Zona da Colina	Onde se localizam as três plataformas e quase todos os túmulos
Zona Este	O vale, onde se localizam os túmulos tipo Mastaba
Zona Sul	Vale junto ao Nilo onde se localizam alguns túmulos e as escadarias que para os túmulos QH 25 (Mekhu) e QH2 6 (Sabni)

Figura 30. Quadro 2- Áreas e sua respetiva localização



Figura 31. Vista aérea das zonas da colina e este (Google Earth /SB)

A zona da colina, corresponde à área das três plataformas de túmulos, onde se localizam os seguintes túmulos:

LOCALIZAÇÃO	IDENTIFICAÇÃO DOS TÚMULOS
Plataforma Superior	QH 24, 25, 26, 26a, 27, 28, 29a, 29b, 30, 30a, 30b, 31, 32, 33, 34, 34a, 34b, 34e, 34i, 34k, 34h, 34n, 34o, 35a, 35b, 35c, 35d, 35e, 35f, 35g, 35h, 35i, 35m, 35°, 35p, 36 e (um desconhecido)

Plataforma Intermédia	QH 29, 34a, 104, 105, 106, 107, 109 e dois desconhecidos
Plataforma Inferior	QH 89, 90, 90a, 90c, 91, 92, 93, 98, 102, 102c, 103, 103 ^a , 206, 207, 110, 111, 1/99, 2/99, 3/99, 4/99, 5/99, 34i, 34p, 35k e cinco desconhecidos)

Figura 32. Quadro 3 - Localização e identificação dos túmulos

Os túmulos identificados datam desde o Império Antigo, até ao período romano, mostrando que o local foi sendo utilizado e alguns túmulos reutilizados em diversos períodos ao longo do tempo.



Figura 33. Pormenor da zona sul. (Google Earth /SB)

A zona este corresponde à zona do sopé da colina e vale. É delimitada por um caminho, sem saída, feito em terra batida (atualmente empedrado) e para norte segue em direção a Garb Aswan, ao encontro da estrada principal.

Trata-se de uma zona muito sensível e totalmente menosprezada pelas autoridades locais⁷⁸.

Esta área apresenta um enorme potencial arqueológico, sendo necessária a realização de diversas sondagens de diagnóstico, não só para saber ao certo o que existe, conhecendo a dispersão dos achados, mas, também, para proteger a área.

⁷⁸Todas as sextas feiras, por ser dia livre, as famílias egípcias aproveitam para passear. Qubbet el-Hawa é um dos locais favoritos para andar de camelo. Assim, toda a zona este é utilizada pelos camelos e por pessoas que passeiam.

Em 1992, o arqueólogo Mohi el-Din⁷⁹ efetuou uma sondagem de salvamento, após uma denúncia de que uma retroescavadora ao efetuar trabalhos de remoção de areias, teria afetado um túmulo, depois identificado como uma mastaba.

A equipa inglesa liderada por Martin Bommas, em 2008 terá também identificado e limpo dois túmulos tipo mastaba, na mesma área, trabalho referido anteriormente no capítulo 4 da I Parte.



Figura 34 e 35. Qubbet el-Hawa, zona este /mosteiro copta e Qubbet Abu Ali (SB)

Atualmente, a zona sul corresponde a toda a área localizada junto ao rio onde se pensa que Lady Cecil e Howard Carter terão identificado, pelo menos um túmulo. Um passeio de barco pelo rio, junto a esta zona, permite observar mais túmulos.

⁷⁹ El-Din, 1994: 39.



Figura 36. Pormenor dos túmulos localizados junto à margem do Nilo (sem número), Zona sul (foto SB).

Acrescentamos também que até hoje, não se tem a real noção da total extensão ocupada pela necrópole. Acreditamos que tanto para oeste como para norte, existam mais túmulos. Não podemos esquecer que há partes da montanha completamente cobertas pelas areias, ainda por limpar ou prospetar. Mesmo os túmulos descobertos anteriormente pelas escavações de Grenfell e Lady Cecil, estão hoje “perdidos”.

Enquanto isto não for feito, o local vai continuar muito vulnerável à atividade depredatória.

Atualmente, a zona da colina e zona sul estão adjudicadas à missão espanhola, e a zona este, adjudicada à missão inglesa.

A necrópole de Qubbet el-Hawa foi escavada na colina de arenito localizada na margem Oeste de Assuão e a cerca de 3 quilómetros da Ilha de Elefantina. Toda a parte sudoeste da necrópole, é visível da Ilha de Elefantina.

Desde os primeiros trabalhos efetuados por Sir Grenfell até à atualidade foram identificados um total de 100 túmulos e, com a continuação dos trabalhos, talvez outros possam surgir. Muitas áreas ao longo da montanha encontram-se cobertas por areia que vai sendo arrastada pelo vento ou pelas diversas tempestades de areia, especialmente durante os meses de maio e setembro. Por vezes, o acaso coloca parte de uma porta à vista.

Junto à encosta, no sopé da colina e no vale, surgiram túmulos do tipo mastaba, alguns em mau estado de conservação, devido à sua localização, outros têm fornecido dados e informações interessantes, mostrando a importância deste local, e a sua utilização ao longo de vários períodos, sempre com a mesma função.

A maior parte dos túmulos estão distribuídos por três plataformas e orientados a este, para acompanhar o nascer do sol, associado ao mito de criação de Heliópolis⁸⁰, ao deus Rá-Atum que todas as manhãs se lavava (purificava), antes de se erguer a este do horizonte⁸¹.

A colina associava-se, portanto, à montanha primordial, local onde se dava a criação, o renascimento e a ressurreição. As águas de Nun que a rodeavam, separavam o mundo dos vivos do mundo dos mortos⁸².

Os trabalhos realizados por Sir Grenfell e Wallis Budge apresentam ainda algumas dúvidas em relação ao número total de túmulos escavados e identificados. A nosso ver, esta questão só estaria completamente esclarecida, se fosse encontrado o diário de campo elaborado por Wallis Budge, o que até ao momento não aconteceu. Budge, nos seus relatórios de escavações⁸³, apenas descreve e identifica os mais importantes, que iremos mencionar de seguida.

1.1. Os túmulos de Grenfell

TÚMULO	PROPRIETÁRIO
QB 25 e 26	Mekhu e Sabni I
QB 31	Nubkaura-Next- Sarenput II
QB 35	Heqab (filho de Penateba)
QB 32	Sabni
QB 33	Sarenput (governador da Etiópia e presidente dos países estrangeiros)
QB 34	Nexu (a seguir a escadaria de QH34h- Khunes)
?	Outros não identificados até ao momento

Figura 37. Quadro 3 Túmulos de Grenfell (identificação do número e respectivo proprietário)

Faz uma pequena descrição de cada um deles, e que já referimos anteriormente, mencionando inclusive, algum do espólio achado.

⁸⁰ Foi a partir da montanha primordial ou Benben (associada com a pirâmide) que ocorreu a criação do mundo e o nascimento dos deuses (Texto das pirâmides n.º 359).

⁸¹ Oestigaard 2011:67. Os deuses Hórus e Toth assistiam ao banho de Rá-Atum, nas águas purificadoras do Nilo.

⁸² Op.cit. pp.23.

⁸³ Budge 1887:78-82 e 1888:4-40.

Refere⁸⁴ também o facto de que, após logo a descoberta do duplo Túmulo QH 25 e 26, terá encontrado várias portas de túmulos, sem inscrição e achados significativos.

Uma das informações⁸⁵ mais interessantes está relacionada com a identificação e limpeza da escadaria, onde no topo foram identificadas quatro pequenas aberturas que ocultavam quatro pequenas salas onde tinham sido depositadas diversas múmias.

1.2 Ernesto Schiaparelli e Herkhuf

Em 1892, Ernesto Schiaparelli identifica e procede às escavações⁸⁶ do Túmulo 34n, atribuído a Herkhuf, um importante oficial e nobre da VI dinastia, que terá liderado diversas campanhas, trocas comerciais com os países estrangeiros, e terá igualmente liderado diversas incursões militares contra os Núbios do sul.



Figura 38. Fotografia de pormenor da fachada do Túmulo QH 34n – Herkhuf (Foto Ernesto Schiaparelli)

A Directora do Museu Egípcio de Florença e um dos responsáveis pelos arquivos de Schiaparelli no Museu Egípcio de Turim, informaram-nos que no caso do Museu de Florença, não existe qualquer espólio pertencente a Schiaparelli, desde a sua transferência para o Museu Egípcio de Turim. De Turim esclareceram-nos que apenas possuem espólio fotográfico, que nos foi gentilmente cedido e algum espólio arqueológico.

⁸⁴ Budge 1887:22.

⁸⁵ Op cit pp.34.

⁸⁶ Schiaparelli 1892:21-52.

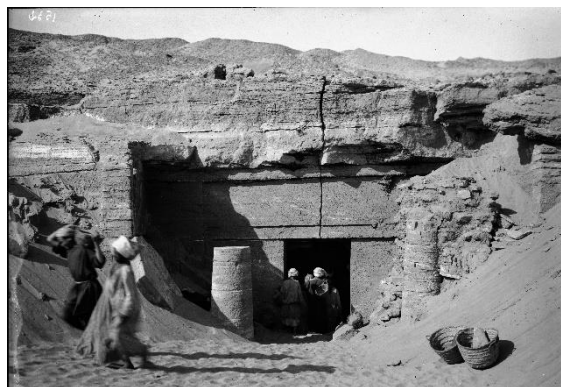


Figura 39. Fotografia dos trabalhos de escavação efectuados no interior do Túmulo 35d – Pepinakht - Hekaib I.

A equipa de Schiaparelli terá sido também, responsável pelos primeiros trabalhos de escavação no Túmulo 35d, pertencente a Pepinakht Hekaib I, que não terá terminado.

1.3. Os túmulos de Cecil

Lady Cecil e Howard Carter nos seus trabalhos efetuados entre 1901⁸⁷ e 1904⁸⁸ identificaram um total de trinta e dois túmulos. As descrições também já foram referidas anteriormente.

Os túmulos do 1 ao 14 encontram-se localizados na mesma plataforma. Datam da Época Greco-Romana com, apenas, uma exceção da Época Baixa. Os túmulos do período romano encontram-se dispersos, localizando-se na rampa sudeste, outros a nordeste da montanha.

O Túmulo 18 é referido por Lady Cecil, do relatório dos trabalhos, como o mais problemático a nível da sua conservação. Encontra-se em perigo de colapsar a qualquer momento.

O Túmulo 20 é o mais destruído devido à devastação causada pelas térmitas, identificas na maior parte dos túmulos do 15 ao 20.

⁸⁷ Cecil, 1903: 51-73.

⁸⁸ Cecil, 1905: 273-283.



Figura 40. Vista área com a possível localização dos Túmulos identificados por Lady Cecil (Google Earth/SB).

Acreditamos que parte da área escavada por Cecil se situaria na plataforma superior e intermédia da colina. É possível que um destes 20 túmulos, esteja localizado junto ao rio, na zona sul. Seria, por isso, muito importante descobrir o caderno de campo referente a estas escavações.

O Túmulo 22 terá sido uma das grandes descobertas, pelas dimensões e também por conter no interior cerca de sete câmaras funerárias. A entrada estava tapada por pedras e muita areia onde foi encontrada uma grande quantidade de contas de colar, uma ametista e contas em coralina. Junto à entrada foram encontradas duas múmias.

1.4 Labib Habachi e Hekaib II

Anteriormente identificado por Jaques de Morgan e Ernesto Schiaparelli, foi só em 1947, após 10 semanas de remoção de areias, que a câmara funerária do divinizado Hekaib (QH 35d) é descoberta⁸⁹ devido a uma abertura a norte do túmulo.

Os Túmulos QH 35a, QH 35f e QH 110 (Setka) também foram descobertos por Habachi.

⁸⁹ Kamil, 2007: 156.

1.5 Elmar Edel/Missão de Bona e Sobek-Hotep

O Túmulo QH 207 (Sobek-Hotep) foi descoberto em 1963. Durante várias campanhas⁹⁰ de escavação, algumas delas em túmulos já identificados anteriormente por outros arqueólogos, conseguiu identificar mais de 1000 artefactos e efetuar diversos estudos de inscrições em estelas e potes cerâmicos.

1.6 Martin Bommas e os túmulos tipo mastaba

Já anteriormente também referidos e apesar de só existir um relatório publicado⁹¹ até ao momento, na área B, sopé e vale da montanha, terão sido identificados até ao momento, cerca de três túmulos mastaba, todos em mau estado de conservação.

1.7 Missão espanhola novas câmaras funerárias

Trata-se de um dos estudos⁹² mais importantes já feitos. Pequenas escavações pontuais e remoção de areias, levaram a equipa a efetuar a descoberta de mais salas e corredores, em túmulos já previamente identificados.

Foram ainda descobertos os túmulos QH 34cc, QH 35p e QH 34bb (Shemai).

Nem todos os túmulos identificados são visitáveis. Ou porque se encontram em mau estado de conservação, ou porque estão em processo de estudo e não é possível fazê-lo sem uma autorização especial das autoridades egípcias⁹³.

2.0s túmulos escavados e identificados

Do total de cerca de 100, apenas quatro túmulos encontram visitáveis⁹⁴. Existe um quinto, que está muito destruído e alterado⁹⁵.

⁹⁰Hellincky, 2014: 270.

⁹¹Bommas, 2016: 1-35.

⁹²Todos os relatórios publicados desde 2008 até 2019.

⁹³Para as visitas que tenham fins de investigação, deve ser feito um pedido prévio pelo interessado ou por intermédio da missão responsável pelo projeto. O investigador deverá ser acompanhado por um inspetor das Antiguidades Egípcias, previamente escalonado para tal.

⁹⁴Os turistas são normalmente acompanhados por um guarda, que pouco pode informar sobre a história dos túmulos e seus ocupantes.

⁹⁵Trata-se do Túmulo QH 34h de Khunes. A maior parte do seu espaço foi reaproveitado para a construção do mosteiro copta e a maior parte das representações e pinturas foram vandalizadas. O pouco que resta do Túmulo necessita ser consolidado e efetuada uma limpeza profunda.

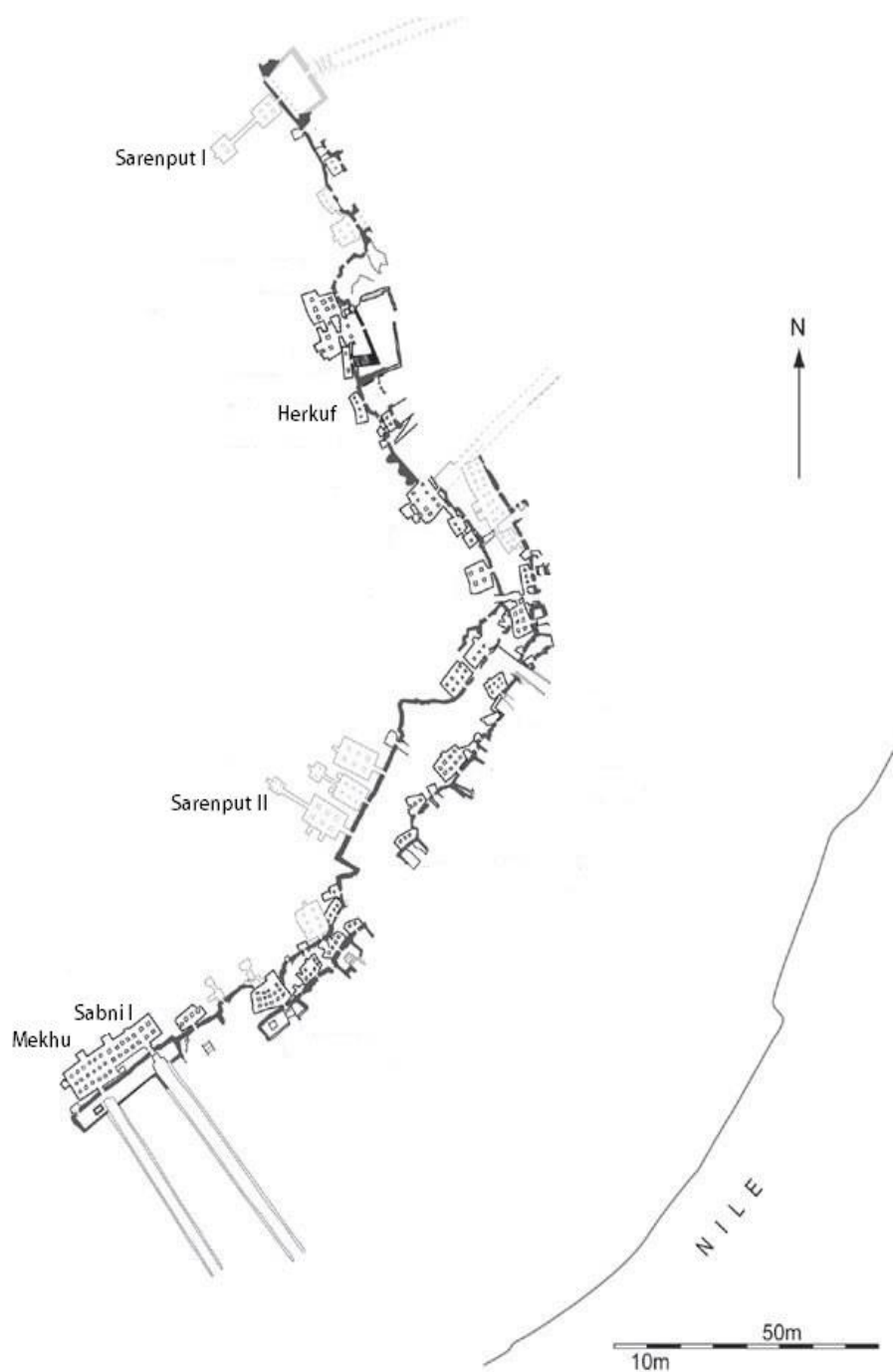


Figura 41. Planta com a localização dos Túmulos descritos.

São estes túmulos que iremos descrever, já que se afiguram como os exemplares mais representativos da arquitectura funerária da necrópole.

TÚMULO	PROPRIETÁRIO	DATAÇÃO
QH 25/26	Mekhu e Sabni I (túmulo duplo)	VI dinastia
QH 31	Sarenput II	XII dinastia
QH 34n	Herkhuf	VI dinastia
QH 36	Sarenput I	XII dinastia

Figura 42. Quadro 4- Identificação dos túmulos descritos neste trabalho (Número/Proprietário/Datação).

2.1 Túmulo QH 25 (Mekhu)

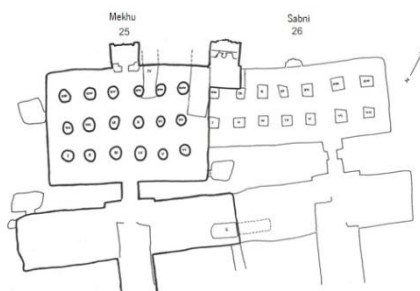


Figura 43. Planta dos Túmulos QH25/26.

Localização: Plataforma superior

Escavado por: Sir Grenfell e Wallis Budge

Proprietário do Túmulo: Mekhu (o Príncipe; o Chanceler do Rei)

Tipologia: Túmulo duplo (com filho Sabni) / Complexo I

Datação: VI dinastia

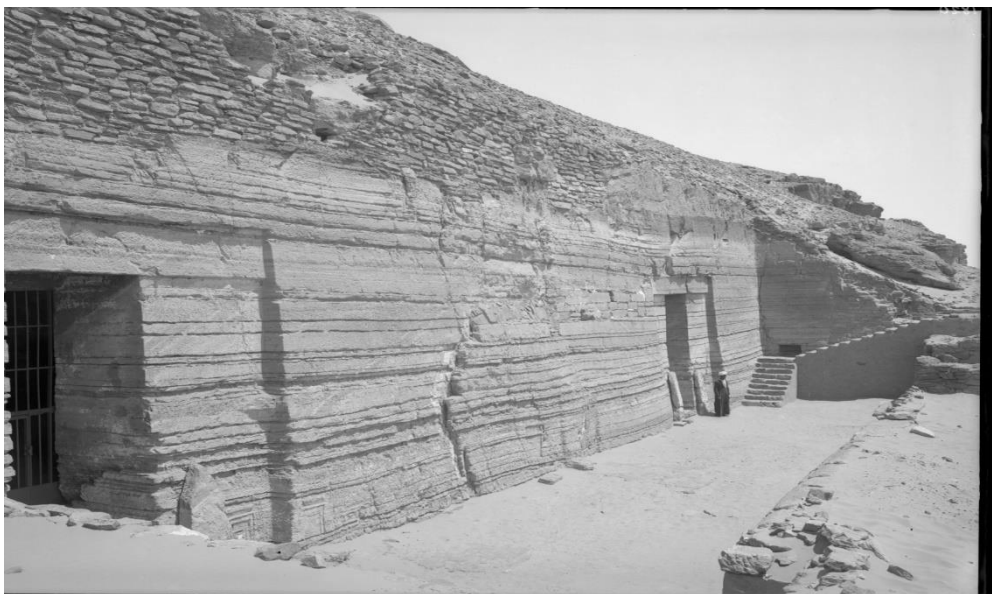


Figura 44. Fotografia a preto e branco com o pormenor do átrio dos Túmulos QH 25 e 26.

Descrição: localiza-se na parte mais sudoeste, após a curva da montanha. Apresenta uma enorme escadaria desde o sopé até à plataforma, onde foi talhado na superfície da rocha o túmulo e a entrada. Esta mede cerca de quatro metros de altura. É um complexo formado por três túmulos (25, 26 e o recentemente descoberto 24), que utilizam a mesma fachada e plataforma.



Figura 45 e 46. Pormenor da entrada para o Túmulo QH 25 (Mekhu), obelisco e representação de Mekhu e família (Fotos: SB).

De ambos os lados da porta, são visíveis duas estelas tipo obelisco. Encontram-se em muito mau estado e não são perceptíveis, eventuais inscrições. Do lado esquerdo da porta, é visível uma representação de Mekhu e o filho e do lado direito, Mekhu e os filhos. Vê-se uma inscrição.

- a) **Interior:** A entrada dá para uma sala hipostila, de espaço amplo, existindo três filas paralelas, com seis colunas/pilares, equidistantes e que suportam o teto da sala. Há um corredor central que vai da entrada até uma porta falsa que se encontra esculpida na parede norte do túmulo. Antes, encontramos uma mesa de oferendas, entre as duas colunas centrais.



Figura 47 e 48. Pormenor mesa de oferendas e porta falsa de Mekhu (SB).

- b) **Colunas:** Com representações do falecido com a família e sacerdotes. Visível nesta fotografia, a preparação da coluna, antes do artesão executar o pequeno painel. A coluna terá sido toda coberta por cal e depois, apenas a zona onde seria feito o painel, foi afeiçoada. Trata-se, efetivamente, de um trabalho minimalista sem grandes pormenores. Também constatamos que a qualidade do arenito não é a melhor, existindo pequenas fissuras, por cima das representações.

Salientamos que todas as paredes da sala e colunas terem sido cobertas com cal branca.

Apenas as quatro colunas da esquerda e da direita, apresentam pequenos painéis.



Figura 49. Coluna do lado esquerdo e lado direito, a seguir à porta de entrada (SB).

- c) **Sala:** Em frente, numa plataforma mais elevada, está a porta falsa, separada da sala principal, por duas paredes. É visível a representação de Mekhu do lado direito em pé e, do lado esquerdo, sentado em frente da mesa das oferendas e três registos relacionados com a agricultura, dois registos relacionados com oferendas e talhantes. No topo, a seguinte inscrição:
- “Deceased seated and table of offerings of thousands of oxen, ducks, rams, loaves of bread, pots of wine, linen bandages”; May Anubis upon his hill and in the city of Ut, the lord of T-Sur, grant royal oblation and sepulchral meals to the prince Mekhu. The prince, the inspector devoted to Horus, Mekhu” (Budge, 1887: 21).



Figura 50 e 51. Pormenor de Mekhu (Porta falsa) e representação de Mekhu e Sabni (Foto SB).

Representação de Sabni, no último pilar da terceira fila. Por trás, três figuras masculinas, oferecendo dois patos. Junto à parede norte, como que a separar os túmulos. No chão um túnel descendente aberto na rocha que faz a ligação à câmara funerária. Toda esta sala teria luz natural proveniente de uma grande janela, localizada por cima do batente da porta e que iluminaria diretamente a porta falsa de Mekhu.

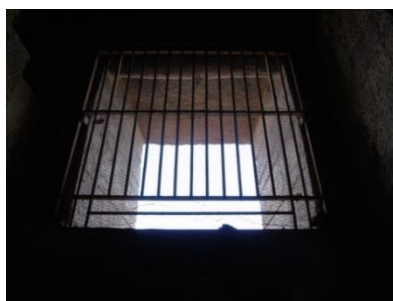


Figura 52. Pormenor da grande janela localizada por cima da porta principal do Túmulo de Mekhu

Mekhu terá falecido em pleno deserto, aquando da sua última expedição.

Espólio: Museu Bulaq e British Museum e paradeiro desconhecido.

2.2 Túmulo QH 26 (Sabni I)

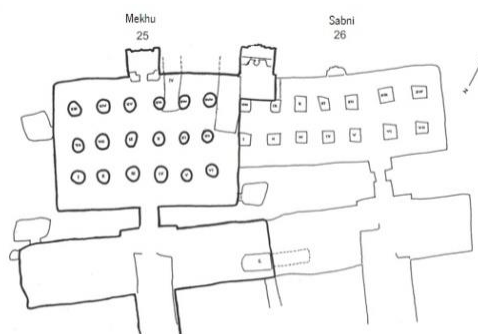


Figura 53. Planta dos Túmulos QH25/26

Localização: Plataforma superior

Escavado por: Sir Grenfell e Wallis Budge

Proprietário do Túmulo: Sabni (o oficial supervisor do Alto Egito ao serviço do faraó Pepi II)

Tipologia: Túmulo duplo (com Mekhu)/ Complexo I

Datação: VI dinastia

Descrição: localiza-se na zona sul da colina e em conjunto com o Túmulo QH 25. Trata-se dos únicos túmulos duplos identificados até ao momento, e que são visíveis da Ilha de Elefantina. Há uma enorme escadaria⁹⁶, que vai, desde o sopé da colina, até uma plataforma, onde foi esculpido na rocha o túmulo e sua entrada. Esta mede um pouco menos que a de seu pai. De ambos os lados da porta, do lado exterior, também são visíveis duas estelas de tipo obelisco.

Trata-se de um complexo formado por três túmulos (25, 26 e 24 descoberto recentemente) que utilizam a mesma fachada e plataforma. Sobre a porta, foi aberta uma janela por onde a luz entra iluminando a sala hipostila. A sua função seria a de iluminar diretamente, a porta falsa de Sabni, mas um erro de cálculo, colocou-a um pouco mais afastada. Ambas, porta e janela encontram-se tapadas com pedras de médio e grande porte.

- a) Átrio – entrada:** apresentação dos títulos do falecido, onde é mencionada a Pirâmide de Neferkaré⁹⁷, no registo mais alto. Visível o falecido com o filho e os sacerdotes. No registo inferior,

⁹⁶ Foi a primeira a ser identificada e integralmente escavada.

⁹⁷ Porter, 1937: 231-232.

o texto autobiográfico⁹⁸ e o falecido sentado. No lado direito da porta de entrada, é possível observar uma inscrição com cerca de 19 linhas, onde está representada a sua titulatura:

“Sabni, o príncipe, inspetor, presidente do sul (...).

Devoto a Anúbis da montanha”.

Do lado esquerdo, a representação de Sabni, o filho e um sacerdote de Ka chamado Se-Rut-Nefer e, sobre eles, a repetição do seu nome e títulos.

b) Interior: a entrada dá para uma sala hipostila, (capela funerária) de espaço amplo, existindo duas filas de sete colunas quadradas, equidistantes e que suportam o teto da capela.

Na parede, a representação de uma fila de animais (burros) guiados por homens. Seguindo-se de uma fila de quatro pessoas que transportam, a primeira um ganso e as seguintes o que parecem ser caixas e essências. As representações encontram-se em muito mau estado. Por cima, são visíveis restos de inscrições, que talvez fotografadas com o apoio de tecnologia específica, se consigam recuperar.

c) Pilares: no primeiro pilar temos a figura de Sabni. O seu rosto apresenta-se pintado de vermelho-ocre, o cabelo de cor negra. Veste uma túnica de linho branco. No topo, a descrição de todos os seus títulos.



Figura 54 e 55. Representação de Sabni (Foto: SB)

⁹⁸ Em muito mau estado.

Na parede norte do lado oposto à entrada, é visível uma enorme representação pintada sobre uma superfície tratada com cal branca. A imagem do falecido (lado direito), em pé num barco, apanhando peixe com uma lança, enquanto que a outra figura à sua frente (talvez o filho), também de pé num segundo barco, captura alguns pássaros que voam por entre as plantas-papiro.



Figura 56 e 57. Possível representação de Sabni e filho? Pormenor dos maus estado do teto e paredes (Foto SB).

Quando foi descoberta, esta pintura, encontrava-se quase preta, devido a fumo de fogueiras feitas no interior do túmulo.

Sobre este fresco, existe um nicho que poderia conter talvez uma pequena estátua do falecido. Do lado esquerdo desta representação, a porta falsa pertencente a Sabni que parece não ter sido terminada.

Do lado esquerdo da porta falsa existe uma abertura para uma pequena sala, que terá sido utilizada como local de depósito de múmias e algum espólio funerário, identificado na altura por Grenfell.



Figura 58. Pormenor da porta falsa existente no Túmulo de Sabni (Foto: SB).

d) O texto autobiográfico de Sabni:

Quando efectuávamos a pesquisa sobre o texto biográfico de Sabni, reparamos que alguns estudiosos não o mencionavam, referindo apenas a sua existência, enquanto outros apresentaram a sua própria interpretação. Lamentamos o estado de conservação a que chegou, mas com material adequado talvez seja possível fazer a sua leitura. Contudo, resolvemos apresentar algumas das interpretações que encontramos.

Alexanian⁹⁹ diz-nos que Sabi relata que seu pai Mekhu terá morrido durante uma expedição à Núbia e que ele foi recuperá-lo para o trazer de volta ao Egipto. Um comissário real de nome Iri terá recebido um decreto real, partindo para Assuão com tudo o que seria necessário para preparar o enterro. Sabni apresentou a lista detalhada de todas as coisas que este obteve da residência real para efectuar o enterro de seu pai.

*"I went down
to bury [this] my father [in his tomb] in the necropolis.
Then this Iri came from the Residence
and he brought a decree in order to welcome the count (H3tj-a), royal seal-bearer, sole
companion and lector priest,
this Mekhu.
He brought [...] embalmers, a senior lector priest, a councilor (he who is in the jz-bureau),
an inspector of the mortuary workshop,
mourners, and the equipment of the embalming-place in its totality.*

⁹⁹ Alexanian, 2006: 7.

*He brought festival-ointment from the embalming-place,
the mystery from the two mortuary workshops,
[...] from the house of arms,
cloth from the two treasuries,
and all the burial material which is issued from the Residence,
exactly as it was issued for the hereditary prince (jrj-pa.t) Meru".*

(The text concludes as follows: (Urk. I, 139, 2).

Alexanian¹⁰⁰ acrescenta que: "It becomes perfectly clear that the representative architectural layout of the rock-cut tomb of Sabni and Mekhu corresponds to an extensive burial ceremony".



Figura 59 a 60- Representação de burros e servos transportando essências e outras oferendas

Por outro lado, Weigall¹⁰¹, apresenta a seguinte interpretação:

"The rescue of his father's body was conducted by him in the following manner:

Sabna took with him a troop of soldiers and a hundred asses bearing presents with which to pacify hostile chiefs: and, having sent information to the king to justify his absence, he set out for Arthet, probably along the caravan road which leads to the modern Tomás. There he found the body, and having made a rough coffin for it, he loaded it upon an ass. Difficulties were now experienced owing to the hostility of the natives, and Sabni therefore sent them presents of incense, clothing, and an elephant tusk, three cubits long; at the same time stating that he also had a tusk six (cubits long, which might be given in return for assistance rendered. This had the desired effect, and Sabni started on the return journey with his precious burden. Just as he neared his home he was met by a shipload of embalmers, priests and mourners, sent from Memphis by the king, who had been pleased and touched on hearing of Sabni's filial piety. The king also wrote a letter to Sabni, in which he said:

"I will do for you, every excellent thing as a reward for this great deed of bringing back your father".

¹⁰⁰ Op. Cit.

¹⁰¹ Weigall, 1910: 423-425.

E diz que Sabni, depois do funeral do pai, foi até Mênfis presentear o faraó em atitude de agradecimento e que terá levado alguns presentes, entre os quais, uma caixa de óleos.

Tentamos encontrar outras opiniões, mas pensamos que o facto de haver muitas dúvidas sobre a interpretação do texto representado no seu túmulo, faz com que poucos queiram arriscar. Na nossa opinião, é urgente efetuar um levantamento e um estudo mais aprofundado de todos os painéis existentes nestes dois túmulos.

Grenfell e Wallis Budge foram os responsáveis pela escavação deste túmulo duplo pertencente a pai e filho. No relatório de escavação, como nota importante, Budge mostra-se muito entusiasmado, acrescentando que o túmulo apresentava algumas particularidades: em primeiro lugar, destaca-se pelas suas dimensões e também por ser dividido em dois. Atualmente estão ambos ligados, não existindo nenhuma separação entre o túmulo do pai e do filho (Budge, 1887: 22-23).

Gaston Maspero defendia que talvez tivesse existido um muro a separar os dois túmulos. No entanto, o túmulo foi reutilizado pouco depois da sua utilização original. Maspero (1888: 143-163) coloca a hipótese de um novo proprietário poder ter mandado destruir o muro de separação na vigência da XII dinastia.

Não acreditamos muito nesta interpretação porque não existe qualquer tipo de vestígio de ambos os lados da parede que possa sugerir ter existido uma separação. Curiosamente, quando visitámos o túmulo, observámos na parede orientada a este, uma abertura que terá sido entaipada podendo ser a entrada para o túmulo de Sabni.

Espólio: Museu de Bulaq e Museu Britânico e paradeiro desconhecido.

2.3 Túmulo QH31 (Sarenput II /Nub-Kau-Ré-Nakht)

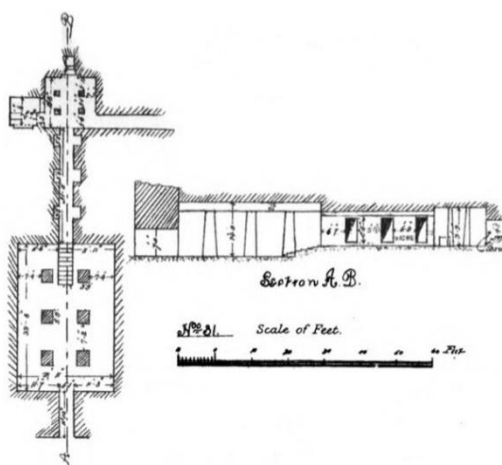


Figura 61. Planta do Túmulo Sarenput II/Nub-Kau-Ré-Nakht

Localização: Plataforma superior

Escavado por: Sir Grenfell e Wallis Budge

Proprietário do Túmulo: Sarenput II (Governador, portador do selo real, amigo único, supervisor dos sacerdotes, supervisor das tropas, da porta dos países estrangeiros do sul, chefe dos artesãos reais)

Tipologia: Túmulo individual

Datação: XII dinastia

Descrição: localiza-se na parte mais sudoeste e na plataforma superior. O acesso é feito até um pequeno átrio ou pátio exterior. A porta é retangular, com cerca de quatro metros de altura e talhada, diretamente na rocha. No topo, apresenta uma inscrição, mas em muito mau estado. Bouriant¹⁰² diz que a inscrição apresenta a titulação e filiação de Sarenput II e um apelo aos vivos: “quem passar pela minha sepultura, seja de barco no Nilo, que navegue para norte ou para sul, pelo amor que tem aos deuses, faça oferendas de pão, vinho, carne, aves, em duplicado, em favor do príncipe devoto, Sarenput”.

- a) **Interior:** O acesso ao interior faz-se por três degraus para a sala hipostila, de planta rectangular, composta por duas filas de colunas quadradas, três de cada lado, do corredor principal que vai da porta até uma escadaria. O teto é bastante alto. Todas as paredes foram afeiçoadas para levar uma camada de cal ou estuque e não apresentam qualquer inscrição ou pintura.



Figura 62. Pormenor do corredor da sala hipostila (SB)

- b) **Corredor:** segue-se um conjunto de nove degraus que levam a um pequeno corredor. Nas paredes são visíveis pinturas que representam o falecido, seguindo-se, em ambos os lados três nichos

¹⁰² Bouriant, 1887: 184-185.

retangulares equidistantes, cada um com uma estátua representando o falecido com a barba postiça e em forma de Osíris. Algumas apresentam-se danificadas.



Figura 63 e 64. Nichos com estátuas Osíriacas representando o falecido. Pormenor de estátua (Foto SB).



Figura 65. Pormenor das inscrições nos pilares (Foto SB).

Nos últimos pilares, a seguinte inscrição: *“The chief, the prince, the inspector, the extraordinary Smer, the president of the profects of Khrum, the superintendent of the frontier, Serenput, triumphant”* (Budge, 1887: 28).

- c) **Sala:** Este corredor segue até uma pequena capela onde as três paredes apresentam painéis pintados com cenas da vida do falecido e sua família. No painel principal, o falecido está sentado do lado esquerdo e em frente, uma mesa de oferendas. À sua direita, o filho Ankhu, segura um ramo de três flores de lótus azul.



Figura 66 a 68. Pormenor das pinturas na capela (SB).

No painel do lado esquerdo está representado Sarenput de pé, segurando um bastão na mão direita e o cetro *sekhem*¹⁰³ na mão esquerda.

Na parede do lado direito, a representação de uma mesa de oferendas, a sua mãe, a filha Sat-Tjeni. Por trás dela, Sarenput, a esposa Dedet e o filho, Ankhu.

Segundo Lichheim¹⁰⁴, Seranput foi um nobre bastante importante, governador de Elefantina, e detentor de uma extensa titulação: portador do selo real, amigo único, supervisor dos sacerdotes, chefe dos artesãos, supervisor das tropas da porta dos países estrangeiros do sul e supervisor do exército. O nome a ele associado (Nub-kau-Re-Nakht), encontra-se relacionado com o nome de coroação do faraó Amenemhat II. Casou com Dedet-Khnum, sacerdotisa da deusa Hathor. Poderá ter nascido ou ter sido

¹⁰³ Este cetro simboliza poder e força. Está normalmente associado a funcionários que desempenhavam um cargo importante.

¹⁰⁴ Lichheim, 1988: 398.

educado na corte e posteriormente enviado para Elefantina, após a morte do pai. Teve dois filhos, Ankhu e Sat-Tjeni, que terá casado com Heqarib II (QH 30).

Segundo Bouriant¹⁰⁵ passado alguns meses, Sir Grenfell e Budge terão encontrado uma sala cheia de espólio funerário, pertencente a diversos períodos. Talvez seja o resultado de uma acumulação feita na antiguidade.

Budge faz uma pequena referência a esta descoberta, mas não chega a enumerar todo o espólio identificado. Assim, num dos cantos era possível observar cerca de 70 estelas, 20 das quais anepígrafas e cinco ilegíveis, entre outros objetos.

2.4 Túmulo QH 34n (Herkhuf)

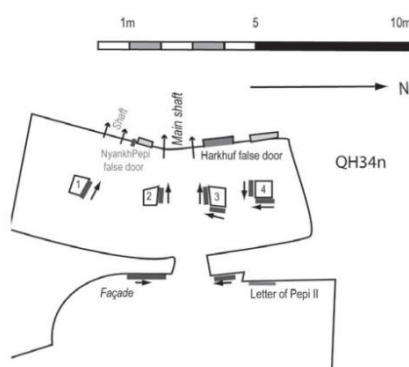


Figura 69. Planta do Túmulo de Herkhuf.

Localização: Plataforma superior

Escavado por: Ernesto Schiaparelli, fevereiro de 1893

Proprietário do Túmulo: Herkhuf (Alto cargo na Administração Local)

Tipologia: Túmulo individual/ Complexo II

Datação: VI dinastia

Descrição: localiza-se na parte mais a este, após a curva da montanha para norte. Faz parte do complexo II (34i; 34j; 34k; 34l;34m; 34n;34o; 34p). Acede-se por um pequeno átrio ou pátio exterior, delimitado de ambos lados por um muro grosseiro. A porta é talhada na rocha, apresentando um rebaixamento na fachada, em toda à volta.

São visíveis as cinzeladas feitas pelos trabalhadores e uma grande fractura que terá sido restaurada, o que danificou parte da inscrição existente em toda a volta deste rebaixamento. Trata-se da mais completa

¹⁰⁵ Bouriant, 1887: 196-198.

autobiografia do seu ocupante. Herkhuf terá sido, sem dúvida, um dos nobres mais importantes e conhecidos da Ilha de Elefantina. É um documento histórico escrito pelo então jovem Pepi II (Vischak, 2006: 98).



Figura 70 e 71 - Pormenor da fachada do Túmulo de Herkhuf (SB).

A inscrição é:

"I have come here from my city,
I have descended from my nome;
I have built a house, set up (its) doors,
I have dug a pool, planted sycamores.
The king praised me,
My father made a will for me.
I was one worthy —
One beloved of his father,
Praised by his mother,
Whom all his brothers loved.
(5) I gave bread to the hungry,
Clothing to the naked,
I brought the boatless to land.
o you who live upon earth,
Who shall pass by this tomb
Going north or going south,
Who shall say: "a thousand loaves and beer jugs
For the owner of this tomb,"
I shall watch over them in the necropolis.
I am an excellent equipped spirit (*akh*),
A lector-priest who knows his speech.

As for any man who enters this tomb unclean,
 I shall seize him by the neck like a bird,
 He will be judged for it by the great god!
 I was one who spoke fairly, who repeated what was liked,
 I never spoke evilly against any man to his superior,
 For I wished to stand well with the great god.
 Never did I judge between two [contenders]
 In a manner which deprived a son of his father's legacy."
 (Trad. in Lichtheim, 1973:24)

Além da carta do jovem Pepi II, apresenta também a titulação de Herkhuf, fórmulas para oferendas e descrevem-se algumas das suas virtudes. Do lado direito, a representação de Herkhuf, de pé, segurando uma vara e do lado esquerdo, ele e seu filho mais velho, Djemi.

- a) **Sala:** um pequeno degrau dá acesso ao interior, até uma pequena sala hipostila, apresentando no eixo central, uma fila de quatro colunas quadradas, que suportam o teto.

Ao fundo, na parede oeste do lado esquerdo, um túnel descendente aberto na rocha. Seguindo-se para a direita, uma porta falsa com uma mesa de oferendas. Ao lado, o túnel principal que desce até à câmara funerária. Na mesma parede, a porta falsa de Herkhuf, seguindo-se uma outra, mas de pequenas dimensões.





Figura 72 a 74. Pormenor da porta falsa e túnel descendente (Foto SB).

Espólio: uma parte encontra-se no Museu Egípcio de Turim e outra desconhece-se o paradeiro.

2.5 Túmulo QH 36 (Sarenput I)

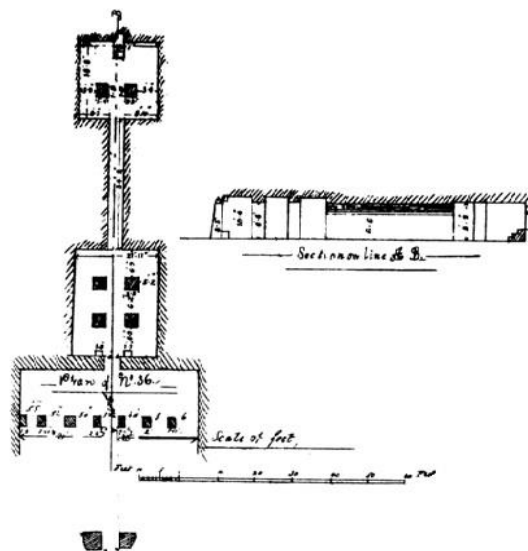


Figura 75. Planta do Túmulo de Sarenput I

Localização: Plataforma superior

Escavado por: Sir Grenfell e William Budge

Proprietário do Túmulo: Sarenput I (Governador Supremo da Etiópia responsável dos países do sul)

Tipologia: Túmulo simples

Datação: XII dinastia

Descrição: O acesso ao interior do túmulo é feito através de um pátio ou átrio de grandes dimensões, composto por um eixo de sete colunas quadradas que serviriam de suporte à cobertura desta zona.

A fachada exterior encontra-se em mau estado de conservação. Apresenta grandes fissuras e fracturas por toda a parede exterior em ambos os lados da porta.



Figura 76 a 78. Fotos de pormenor do átrio, fachada e inscrição de Sarenput I (SB)

- a) **Sala:** Segundo Budge (1887:31), num dos pilares, no interior, é possível ver a representação de Sarenput, com a seguinte inscrição: “Governador Supremo da Etiópia responsável dos países do sul”.

Seguem-se dois painéis com representações do falecido. Num deles, está sentado numa cadeira, separado por três colunas em flores de lótus, seguido de duas mulheres que seguram flores de lótus: a primeira é a sua esposa, a senhora da casa, Setten; a segunda, a mãe e a terceira, a filha Satihetep, seguida de outra filha, a Setten.

Por trás do morto, os seus três filhos: o primeiro, o mais velho, o responsável pelo património, o príncipe Hekaib, filho de Setten. O segundo também se chama Hekaib, mas utilizava o epíteto Hekaib. O terceiro filho, também Hekaib, utilizava o epíteto Semiau, que significa, o mais novo. Numa das paredes perto do altar, representações da vida quotidiana do morto. A mais interessante é uma cena de pesca com rede.



Figura 79 e 80. Pormenor de cena de pesca com rede e preparação da rede (Foto SB)

Nos pilares, representações de actividade diárias como: armazenamento e selagem dos potes de vinho, dois homens guiando dois bois, o cultivo de campos e rega, quatro registos de armazéns e armazenando o milho.

No exterior, no pilar do lado esquerdo de acesso ao recinto, Sarenput sentado com um bastão na mão direita e o *Sekhem* na mão esquerda.



Figura 81 e 82. Representação de Sarenput sentado. Pilar localizado no átrio (Foto SB).

3. Descrição arquitectónica e funcional dos túmulos

Os egípcios acreditavam na vida depois da morte e na preservação do corpo. O túmulo era o destino final, em tudo igual à vida terrena, e que estava equipado com tudo o que o falecido poderia necessitar na vida no além.

Segundo O'Neill (2015: 14), “for Egyptians”, the end of life was not considered as the end of existence nor of one’s effectiveness on earth. In the Egyptian thought, the afterlife was a place where the dead went, in order to prolong existence”.

As representações e inscrições nas paredes garantiam a recordação do defunto pelos vivos e o que o esperava no outro mundo¹⁰⁶.

Até à V dinastia, a preparação do corpo e da última morada, não era para todos, mas um privilégio do faraó. No final da V dinastia dá-se a mudança, com o início da democratização da vida depois da morte, ou seja, a “imortalidade” tornava-se progressivamente acessível a uma elite mais alargada¹⁰⁷:

“From this period onwards, the concept of the deceased joining Osiris beyond the confines of the tomb became gradually available to all” (O'Neill, 2015: 8).

O túmulo era geralmente preparado em vida, para que estivesse pronto por ocasião da morte. Se tal não acontecesse, após o seu falecimento era concedido um curto espaço de tempo, para ultimar

¹⁰⁶ Bárta, 2011: 52,53; O'Neill, 2015: 6.

¹⁰⁷ O'Neill, 2015: 7.

preparativos. Esse período estava relacionado com a preparação do cadáver, que poderia durar entre 40 a 70 dias. Contudo, acreditamos que esse processo em Assuão seria menos longo, devido às condições climáticas que facilitam a secagem do corpo muito mais rapidamente, levando também, a evitar a acumulação dos maus cheiros.

Uma das questões que nos tem suscitado mais interrogações, é a possível localização da Oficina de Mumificação em Assuão.

Existe pouca informação sobre onde poderia estar. Até ao momento, não temos conhecimento de qualquer estudo específico sobre a sua localização¹⁰⁸.

Sabemos, contudo, que estas oficinas não se podiam instalar nas zonas habitacionais, pois tinham de estar em contacto direto com água, ou em local abastecido abundantemente em água, por se envolver constantes operações de limpeza.

Em relação a Qubbet el-Hawa, sabemos que terá existido pelo menos uma, e que por razões rituais, não poderia localizar-se na Ilha de Elefantina.

Colocamos a hipótese de que se possa ter situado entre a zona conhecida como Garb Aswan ou Koubania, dois locais junto a Qubbet el-Hawa, na margem oeste, junto ao rio.

Infelizmente, toda esta zona está a necessitar de um rigoroso trabalho de prospeção arqueológica e levantamento bibliográfico urgente¹⁰⁹.

Após todo o processo de mumificação finalizado, o corpo era colocado no ataúde, e transportado para uma barca numa derradeira viagem até ao local de sepultamento.

No túmulo iniciar-se-ia uma nova jornada para a qual o morto deveria estar preparado, de modo a assegurar a tão desejada vida eterna:

“For Egyptians, the end of life was not considered as the end of existence nor of one’s effectiveness on earth. In the Egyptian thought, the afterlife was a place where the dead went in order to prolong existence” (O’Neill, 2015: 14).

¹⁰⁸ Há algum tempo comentou-se o possível aparecimento, numa escavação efetuada no Vale dos Macacos (junto ao Vale dos Reis em Luxor) de uma oficina de mumificação, aventou-se a hipótese que talvez possa ter existido outra em Der el-Medina, mas a concretizar-se a hipótese sobre um ou outro caso, nada foi publicado.

¹⁰⁹ Temos conhecimento de uma referência à existência de um templo na zona de Koubania e que ao longo da montanha têm surgido alguns túmulos escavados na rocha. Mas trata-se de informações recolhidas oralmente e que acreditamos serem verídicas. Talvez um estudo no futuro possa desmistificar todas estas questões.

3.1 A Arquitetura tumular

A maior parte dos túmulos pertencentes à necrópole de Qubbet el-Hawa são escavados na montanha arenítica e que segundo Vischak (2015: 216):

“Most of them have a similar structure to the royal pyramid complexes of the Old Kingdom: a staircase with a ramp along which the sarcophagus could be dragged in the middle, connecting the landing place with the actual tomb higher up the hill (a kind of equivalent to the valley temple and the causeway)”.

Estes túmulos de Qubbet el-Hawa pertencem aos nobres e altos funcionários e governadores residentes na Ilha de Elefantina. Que tenhamos conhecimento, até ao final do Império Antigo, foram preparados cerca de 17 túmulos para os receber.

Segundo Bárta¹¹⁰, um túmulo tradicional, quer se trate de uma mastaba¹¹¹ para um funcionário, ou de um túmulo escavado na rocha¹¹², ou de um simples cova para deposição de um corpo (para uma classe mais baixa), envolve sempre uma super-estrutura e uma infra-estrutura. A configuração de uma e de outra foi evoluindo com o tempo.

Assim, a super-estrutura tinha uma função comemorativa, oferecendo aos vivos uma interface ritual para a celebração do culto funerário. Como uma “casa-forte”, protegia e conduzia à parte subterrânea do túmulo. Já a função da infraestrutura era a de ocultar o corpo que aí era depositado.

3.2. Os túmulos da VI Dinastia (Império Antigo)

3.2.1 A superestrutura

A parte exterior de alguns túmulos apresentava um átrio ou pátio (muito semelhante ao átrio de um templo), onde ficava localizada a porta de acesso ao interior. Essa porta era talhada na rocha existindo ou não um ligeiro rebaixamento da sua fachada¹¹³ (QH 34n Herkuf, VI Dinastia). Tinha forma quadrada ou retangular e, em alguns casos, poderia medir até cerca de quatro metros de altura (QH 31 Sarenput II- XII dinastia). Os batentes, por vezes apresentam representações do morto e familiares (QH 25 Mekhu, VI^a dinastia). Temos um caso único em que foram colocados dois obeliscos, adossados à soleira da porta (QH 25 Mekhu e Sabni).

¹¹⁰ Bárta, 2011: 53.

¹¹¹ Surgem no Império Antigo, no início da IV^a Dinastia e estendendo-se a sua utilização até ao Império Médio, início da XII^a dinastia quando surgem os Hipogeus, mas chegando a coexistir ambos.

¹¹² Surgem no Império Antigo, no início da IV^a Dinastia e estendendo-se até ao final Império romano.

¹¹³ Orientadas a este.

A porta dava acesso a uma sala hipostila que podia apresentar diversas fileiras de colunas, o equivalente ao interior do templo funerário (Vischak, 2015: 138), esculpidas na rocha. Poderiam ser quadradas ou redondas e a sua principal função seria a de suportar o teto.

As portas falsas

Muitas são as simbologias apresentadas para a existência das portas falsas nos túmulos. Seriam o elo de ligação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos (o Ocidente), e tinham uma simbologia solar, associando-se ao nascer e o pôr-do-sol.

Na interpretação de O'Neill¹¹⁴, a porta falsa servia como de ponto de contacto entre o defunto e os vivos que depositavam as suas oferendas neste local.

Em geral, as portas falsas localizaram-se na parede oeste do túmulo¹¹⁵.

Em quase todos os túmulos de Qubbet el-Hawa, datados do Império Antigo, a porta falsa localiza-se no seguimento do corredor central que vai desde a porta de entrada até à parede oeste, verificando-se assim um eixo solar no plano da superestrutura.

Normalmente esta porta apresentava uma inscrição contendo as fórmulas relacionadas com as oferendas, os títulos e o nome do defunto.

O *Serdab*

Também localizado para oeste. Tratava-se de uma sala onde era colocada uma ou várias estátuas representando o Ka do defunto. Seria uma forma de garantir a sobrevivência do Ka no outro mundo, sobretudo, se a múmia fosse destruída ou desaparecesse, o que, aliás era frequente. Os saques, na verdade, tiveram sempre lugar, desde a antiguidade até aos nossos dias. Até ao momento, e que tenhamos conhecimento, não foi identificado em dos nenhum dos túmulos de Qubbet el-Hawa, o que não significa que não tenham existido.

Decoração parietal

A temática decorativa apresentada nos túmulos de Qubbet el-Hawa, difere da temática menfita ou teban¹¹⁶, onde os motivos principais estavam relacionados com atividades económicas, como os

¹¹⁴ O'Neill, 2015: 6.

¹¹⁵ Vischak, 2015: 138.

¹¹⁶ Vischak, 2015: 45.

trabalhos agrícolas, piscícolas, artesanais, administrativos, ou atividades de carácter lúdico, evocando desportos, jogos, dançarinas e músicos.

Qubbet el-Hawa apresenta um estilo com um cunho muito particular, podendo até considerar-se como um estilo regionalista, onde os temas estão relacionados com elementos relacionadas com água, como peixes, barcos e com atividades favoritas do morto, como pescar nas margens do Nilo, apanhar pássaros no meio dos canaviais. Há representações que mostram a importância dada à família, em que estas apresentam tributos ao morto, ou simplesmente, aparecem em cenas do dia-a-dia, como menciona O'Neill¹¹⁷:

“Whin the tombs, the deceased is depicted enjoying the pursuits of elite life, hunting in the desert and fishing in the marshes surrounded by his family in a locus of self-observation and self- tematization. These so-called “scenes of daily life” served as a sacred dimension of permanence epitomised in a perpetual state of idealised existence”.

Outra observação que gostaríamos de fazer prende-se com o facto, de que nem todas as paredes dos túmulos de Qubbet el-Hawa apresentam pinturas ou outro tipo de decoração. Segundo Vischak (2015:134), devido ao facto de existir um modelo estandardizado para os túmulos da elite nobre, em que as paredes das capelas deveriam estar completamente decoradas, alguns estudiosos acreditavam que, pelo facto das paredes dos túmulos em Qubbet el-Hawa não se encontrarem inteiramente pintadas, não significaria que não tenham sido terminadas. E como justificação acrescentavam que talvez, o início da construção e preparação dos túmulos possa ter ocorrido, quando o seu proprietário já se encontrava em idade avançada.

Nem Vischak nem nós acreditamos em tal justificação, por várias razões: túmulos incompletos significam deixar, apenas, uma parede, ou um painel por concluir e a situação repete-se em quase todos os túmulos. Nenhum túmulo menfita, que apresenta pintura incompleta se assemelha aos túmulos de Qubbet el-Hawa. Outro argumento é porque a escolha e a preparação do túmulo é umas das grandes preocupações dos seus proprietários, enquanto vivos. Sabiam que podiam falecer a qualquer momento, e temiam que o túmulo não estivesse pronto ou quase pronto para o receber.

A não conclusão dos túmulos também não seria por falta de artesãos, já que existia uma grande comunidade deles em Elefantina¹¹⁸, comprovada por evidências arqueológicas encontradas na ilha.

¹¹⁷ O'Neill, 2015: 6.

¹¹⁸Vischak 2015: 135.

Seria muito interessante, continuar a investigar este assunto porque talvez se chegue a conclusões bastante inovadoras.

3.2.2 A Infraestrutura

A infraestrutura dos túmulos de Qubbet el-Hawa, é normalmente constituída por diversas divisões situadas a um nível inferior, onde se localizava a câmara funerária e onde era colocado o ataúde do morto e todo o seu mobiliário funerário. A câmara funerária era geralmente ampla. No início da VI dinastia é acrescentado um túnel, no fim do qual existiria uma passagem ocultada, de acesso à câmara funerária¹¹⁹.

3.2.3. As mastabas

São os primórdios das pirâmides, apresentam uma forma troncocônica, compostas por superestrutura e subestrutura. Esta última onde se localizava a câmara funerária cujo acesso era pelo poço. Na superestrutura estavam localizadas a capela funerária e a porta falsa.

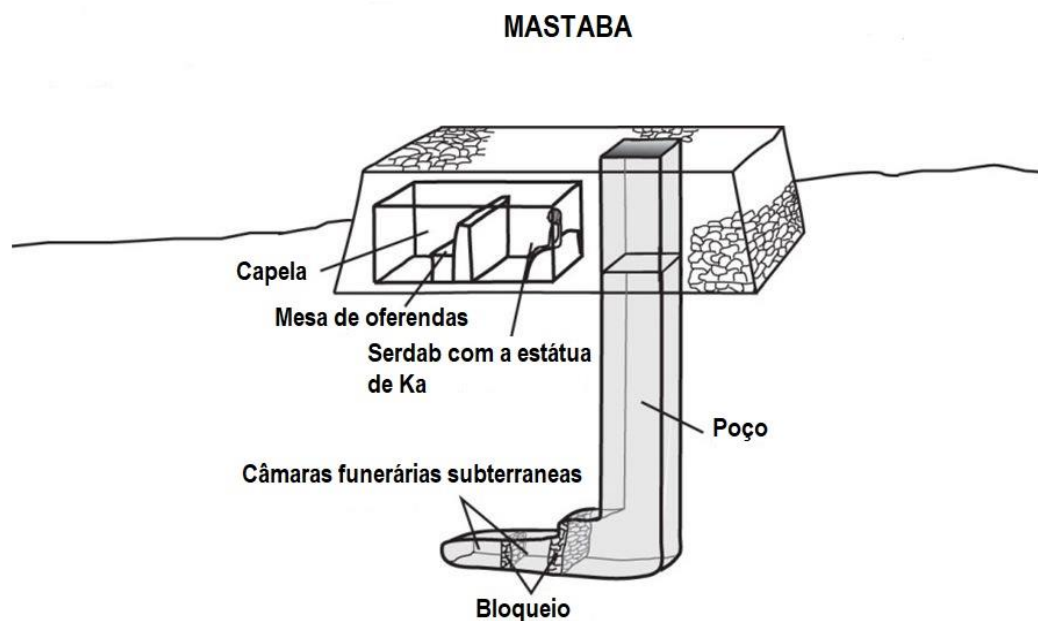


Figura 83. Representação em corte de mastaba.

¹¹⁹ Bárta 2011: 54.

3.3 Os Túmulos da XII Dinastia (Império Médio)

Durante este período surge uma grande variedade estilística¹²⁰. Mas a base mantém-se a mesma. Desde os finais do Império Antigo e Império Médio que os governadores provinciais preferiam ser enterrados nos seus próprios *nomos*, em túmulos escavados na rocha, acompanhando o declive de montes sobre o Nilo e com vista para as terras cultivadas. Os túmulos tipo hipogeu adaptavam-se perfeitamente a este relevo, onde as características do solo, não apresentavam as condições essenciais para a construção de uma mastaba (Martinez Hermoso, 2017: 75).

3.3.1 A super-estrutura

A parte exterior de alguns túmulos apresentava um átrio ou pátio, em frente à fachada onde fora talhada a porta de acesso ao interior do túmulo.

Podem ser simples ou apresentar elementos decorativos, o caso específico do túmulo QH36 (Sarenput I). No lintel, aparecem os títulos do morto e ao longo da parede exterior, dois painéis com representações do falecido do filho. Já no túmulo QH31 (Sarenput II), a fachada não apresenta qualquer elemento decorativo ou inscrição.

Mantém-se a existência de salas hipostilas onde o número de colunas pode variar entre 2, 4, 6, ou mais.

As Capelas funerárias

As capelas apresentam uma característica diferente das do período anterior. As câmaras são escavadas de modo perpendicular às paredes, mas nas mais antigas, apresentam-se paralelas¹²¹.

O santuário

Localiza-se na parede do fundo da câmara das oferendas, o mais afastado possível da entrada. Este local era separado por paredes, poderia ter degraus de acesso ou uma pequena rampa e era frequentado apenas pelos sacerdotes e familiares próximos do falecido. Neste local que substitui o antigo *Serdab* encontrava-se a estátua do falecido.

¹²⁰ Martinez Hermoso, 2017: 101.

¹²¹ Martinez Hermoso, 2017: 101.

3.3.2 A infraestrutura

As câmaras funerárias localizavam-se na subestrutura, no final de uma rampa descendente ou de um fosso vertical.

3.3.3 Os Hipogeus

Trata-se de um conjunto de câmaras funerárias escavadas na rocha. Dispunham de diversos corredores e escadarias descendentes, conduzindo a um vestíbulo. A câmara funerária era, geralmente, rodeada por quatro salas onde estava depositado todo o mobiliário funerário pertencente ao morto. O plano da subestrutura era labiríntico, tornando-se por vezes bastante complexo.

3.4. Outras estruturas

Na necrópole de Qubbet el-Hawa, e até ao momento, foram escavadas quatro escadarias que vão desde a base da colina, até à plataforma onde se localiza a porta de acesso aos túmulos: QH 24 Mekhu, QH 25 Sabni I, QH 34h Khunes e QH 36 Sarenput I. O ataúde chegaria de barco à base da colina e depois seria transportado por familiares e servos até finalmente descansar, no interior do túmulo.





Figura 84 a 86 . Escadaria de Mekhu e Sabni. Pormenor da escadaria de Sarenput I Khunes (Fotos: SB).

Por terem estado enterradas durante muito tempo, apresentam-se em bom estado de conservação. A primeira a ser encontrada foi a escadaria de Sabni I, seguindo-se a de Mekhu, Khunes e Sarenput I.

Entre cada quatro lanços de escadas, existe uma plataforma que serviria para os transportadores do ataúde fazerem uma ligeira pausa. De ambos os lados da escadaria, dois muros serviriam de suporte, reforçando-a e protegendo-a.

Atualmente, conseguimos observar que partes desses muros de suporte foram remexidos e alterados, não na sua totalidade, mantendo ainda partes originais. Perto do topo, nos últimos lanços de escadas, existem aberturas nos muros de suporte e que são também referidos por Budge na sua descrição.

Outra situação que merece atenção: os degraus não apresentam todos o mesmo tamanho. Os da base apresentam uma altura de 30cm, aproximadamente, e esta vai aumentando à medida que se vai subindo, tendo os últimos degraus uma altura aproximada de quase meio metro e mais. Esta situação poderá estar relacionada com a necessidade de utilizar a escadaria como reforço.

Havendo ou não alguma simbologia até agora desconhecida, uma coisa é certa: era necessário utilizar mais a força corporal, especialmente das pernas, para subir os últimos degraus. Se acrescentarmos o transporte de um ataúde, o esforço seria a dobrar.

Budge data a construção da escadaria como sendo do período romano. Discordamos da datação porque os túmulos que se encontram no topo da plataforma são da VI dinastia (2345-2181 a. C.), da

época do faraó Pepi II e as características construtivas que apresentam em nada se assemelham com as construções do período romano no Egito

Para finalizar, uma característica que achamos importante mencionar e que torna estes túmulos únicos, está relacionada com a importância que os proprietários de três¹²² túmulos, dão às suas autobiografias, apresentando-as na parede exterior dos seus túmulos para que fossem vistas e lidas por todos que visitassem a necrópole.

Trata-se de uma verdadeira campanha política, *post mortem*, para que não fossem esquecidas as suas façanhas, as suas expedições, ou até as suas boas acções, acabando por exaltar também o poder do monarca.

Segundo Vishack¹²³, “these autobiographies contribute to a picture of increased royal interest in Nubian trade during the Sixth Dynasty”.

4. O espólio arqueológico

Para se conseguir interpretar corretamente um sítio arqueológico, existem procedimentos a não esquecer: o registo diário em caderno de campo, o registo estratigráfico, fotográfico e gráfico, são peças fundamentais para reconstruir a história de um lugar. Quando a existência de potencial estratigráfico é reduzida ou quase nula, deve recorrer-se a outros elementos possíveis como, por exemplo, o espólio arqueológico que além de fornecer datações, ajuda a entender como foi utilizado por quem e em que espaço de tempo.

A necrópole de Qubbet el-Hawa foi vista durante muito tempo, como um local que abrigava tesouros. Em diversos períodos do tempo foi saqueada, o seu espólio vendido e todas as informações a que poderíamos ter tido acesso foram destruídas ou simplesmente desapareceram.

O espólio arqueológico é indispensável para a compreensão de um contexto arqueológico, com o fim de se elaborar uma análise qualitativa e quantitativa desse mesmo contexto e para realizar um estudo material cultural.

No séc. XIX, era prática comum nas escavações efetuadas no Egito, o espólio ser dividido em duas partes: uma parte para o país da missão arqueológica e outra para as autoridades egípcias.

¹²² Tratam-se de Sabni I (QH 26), e Herkhuf (QH 34h) O terceiro túmulo não se encontra visitável, e pertence a Pepinakht-Hekaib I (QH 35).

¹²³ Vishake, 2006: 27.

Atualmente, todo o espólio permanece no Egito. Este ainda é um ponto sensível de abordar no Egito pela maneira como algum espólio foi parar aos grandes museus europeus.

Como se pode estudar um sítio, sem saber o paradeiro do seu espólio? De todos os relatórios por nós lidos e analisados, nenhum faz referência a qualquer análise feita ao espólio das escavações do séc. XIX. Só depois de muita investigação cruzada ficamos a saber onde está parte dele, mas sem qualquer publicação de fotografias ou listagens.

Assim, das escavações de Sir Grenfell e Wallis Budge, parte do espólio encontra-se no Museu Egípcio do Cairo e a outra metade, está no Museu Britânico¹²⁴:

“It is also positive that the tomb catalogue includes the British Museum objects from the Grenfell excavations that can be more or less securely assigned to a particular tomb (i.e. QH 92 and QH 98)”.

Mas nem tudo. Apenas o espólio retirado dos túmulos QH 92 e 98 é mencionado, não havendo referências aos restantes túmulos escavados por Grenfell e Budge.

Em 2014, Auenmuller¹²⁵ e Frizenreiter, referem num artigo sobre a localização do espólio arqueológico referente aos trabalhos realizados pela Missão Arqueológica de Bona em 1969, especificamente no Túmulo QH 207, bem como o referente aos restantes túmulos, se encontra na Universidade de Bona, “*In addition, a collection of finds from Edel’s excavations currently housed in the Ägyptische Museum der Universität Bonn are undergoing renewed investigation by Dr. Martin Fitzenreiter and his staff*”.

No Museu da Universidade de Bona encontram-se mais de 1.000 objetos provenientes de Qubbet el-Hawa.

Das escavações efectuadas por Ernesto Schiaparelli, o espólio arqueológico recolhido está no Museu Egípcio de Turim, mas também não temos conhecimento de que material se trata, nem em as quantidades.

Em relação ao espólio proveniente das escavações de Lady Cecil e Howard Carter, sabemos que as peças mais importantes se encontram no Museu Egípcio do Cairo, mas em relação às restantes, não temos conhecimento onde possam estar.

¹²⁴Hellinckx, 2014: 280.

¹²⁵Auenmuller, 2014: 101-107.

O mesmo se passa, em relação ao trabalho de Lalib Habachi. Sabemos que na Ilha de Elefantina está todo o espólio recolhido por ele nas escavações efetuadas na ilha e é bem possível que entre esse espólio também esteja o que recolheu nos túmulos escavados em Qubbet el-Hawa.

Em relação às missões atuais, as regras são completamente diferentes em relação à acomodação do espólio arqueológico. Cada missão é responsável pela organização de um armazém onde é recolhido todo o espólio arqueológico das diversas escavações. Esse armazém é propriedade do estado. No final de cada campanha, é entregue uma base de dados, um inventário fotográfico, desenhos do espólio encontrado, o qual dever ser entregue em anexo com o relatório das escavações. O espólio fica devidamente acomodado no armazém cuja localização só é conhecida pela equipa e pelos inspetores egípcios.

Gostaríamos de acrescentar que no Museu Núbio estão expostas, pelo menos cinco peças provenientes da necrópole de Qubbet el-Hawa. Não sabemos que forma é que as peças aí chegaram.

Assim, achamos que é urgente criar uma base de dados abrangente onde se incluam todas as informações sobre o espólio encontrado em Qubbet el-Hawa, a sua localização, o estado de conservação; anexar desenhos e fotografias e, depois de devidamente estudado, efetuar uma publicação.

Defendemos também que todo o espólio proveniente das escavações atuais em Qubbet el-Hawa deva estar num espaço que ofereça as condições essenciais para o seu estudo, acomodação e segurança. Na nossa opinião, esse local seria o Museu Núbio.

Em anexo, colocámos uma listagem, criada por nós, de todo o material arqueológico referido nos diversos relatórios de escavação.

Parte III

Que futuro para este local?

1. O estado de conservação: algumas considerações

Se no capítulo anterior abordámos questões como a localização e conservação do espólio arqueológico e a necessidade urgente de se proceder à elaboração de uma base de dados, neste ponto iremos questionar o estado de conservação da necrópole. Faremos algumas considerações e adiantamos algumas propostas, algumas das quais com um carácter de urgência.

Tomámos conhecimento de que foram realizados dois estudos¹³⁵, completamente distintos, o primeiro de consolidação e conservação da necrópole e o segundo sobre as influências climáticas nas estruturas arqueológicas do sítio.

Ao longo dos anos, a necrópole tem sido submetida a diversos trabalhos arqueológicos. A remoção de areias, de um lado para outro desencadeia graves problemas. O que antes tinha atingido a sua própria estabilidade, de um momento para o outro ganha instabilidade. Se a acção humana é responsável por isso, não nos podemos esquecer que a natureza também tem as suas implicações: as amplitudes térmicas, as tempestades de areia, os tremores de terra, as pragas de insectos, tudo isto vai modificando o espaço.

1.1 A colina: problemas estruturais

Esta montanha é de arenito, um tipo de rocha sedimentar que se forma a partir da desintegração de rochas como o granito. É altamente porosa e contém em menor quantidade, algumas partículas de quartzo, feldspato, micas argila, óxidos de ferro, carbonatos e sílica que todos juntos acabam por lhe dar alguma dureza e estabilidade¹³⁶.

¹³⁵ Hermi e Brania, 2007: 77-87; Angelini *et al.*, s/data (referência na bibliografia). Infelizmente ambos não apresentam as datas em que os trabalhos se realizaram.

¹³⁶ <https://rocks.comparenature.com/pt/arenito-textura/model-8-11>



Figura 87. Problemas estruturais

Ao se proceder à remoção de areias visíveis ao longo do exterior da montanha e do interior dos túmulos, promove-se um desequilíbrio que gera instabilidade e pressão sobre as estruturas. O interior e exterior de alguns túmulos começam a apresentar fraturas da rocha, que têm vindo a aumentar. Seria necessário proceder a uma monitorização de fendas, feita por especialistas em geologia, a fim de ser possível atenuar os problemas que vão surgindo.



Figura 88 e 89. Exemplos de diversos tipos de fendas e da erosão da rocha

1.2. Os túmulos

Numa observação mais atenta ao interior dos túmulos, é possível ver em alguns deles trabalhos anteriores de conservação e restauro. Tudo parece apontar para a utilização de cimento, mas os

relatórios publicados nada referem acerca do assunto. Caso se trate de cimento, este último vai iniciar um processo de eliminação dos ligantes existentes no arenito, acabando por causar a sua erosão e, consequentemente, a sua transformação em areia.



Figura 90. Exemplo do mau estado de conservação do arenito e pintura mural

Um dos túmulos que requer uma atenção especial, trata-se do QH 31 Sarenput II (Nub-kau—ré-nakht).

Apresenta muitos problemas relacionados com as pinturas parietais. Algumas delas estão a destacar-se da base de assentamento primário. Talvez devido a humidades ou mudanças bruscas de temperatura ou até microrganismos, o que merecia um estudo e uma análise detalhada.

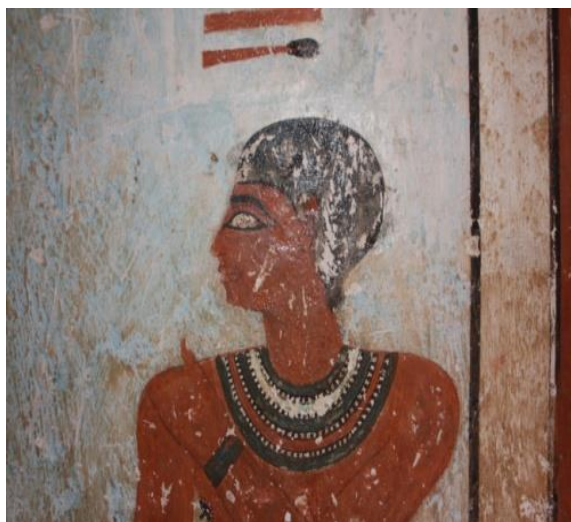


Figura 91 e 92. Alguns exemplos de perda de pigmentos.

O QH 31 deve ser o túmulo que mais luz artificial utiliza, pois é de grandes dimensões e muito escuro. Observamos que a iluminação utilizada não é a mais aconselhada sendo necessário adotar uma luz fria.

As pinturas dos túmulos QH 25 e 26, também apresentam problemas de destacamento. Aqui talvez o caso seja um pouco mais complicado. As paredes apresentam fissuras. Em algumas pinturas, terá sido colocado um preenchimento de lacunas para prevenir o seu destacamento.



Figura 93 e 94. Alguns exemplos de destacamento da pintura do seu suporte original.



Figura 95. Destacamento da pintura e preenchimento das lacunas.

Na imagem superior, é possível observar o destacamento da pintura da sua base e uma tentativa de preenchimento de lacunas, recorrendo à utilização de uma espécie de cimento de modo a forçar a sua aderência.

Este túmulo também terá sofrido com a ação do fogo. O teto e paredes apresentam restos de fuligem, resultante do fumo negro, como já referenciado anteriormente.



Figura 96. Pormenor das fracturas e fuligem no teto do túmulo.

Recuperá-lo é um trabalho dispendioso, mas que segundo a lei de bases egípcia (Law n° 117 of 1987, as amended by law n°3¹³⁷ of 2010, promulgating the Antiquities Protection Law), artigo 34, alínea a) cabe às equipas, a cuja área foi adjudicada, elaborarem um plano de conservação e restauro, sobre a supervisão dos órgãos competentes.

1.3 Trabalhos realizados anteriormente

Fatma Helmi¹³⁸ e Atef Brania publicaram em 2017, um artigo relativo a trabalhos de consolidação e conservação, efetuados na necrópole de Qubbet el-Hawa. Referem que os túmulos

¹³⁷ "Each mission is obliged to restore and preserve whatever it undertakes discovering of architectural and movable antiquities, one after the other and before the end of its working season, this under the supervision of the competent organs at the Council and with their cooperation".

¹³⁸ Helmi, 2017: 77-87.

apresentavam sinais de avançado estado de deterioração, e que tal se devia a fatores naturais, biológicos, humanos e geológicos.

Os túmulos apresentavam grandes fraturas, relacionadas com variações de temperaturas, vento e humidade. Fatores biológicos (colmeias de abelhas e uma população de morcegos) também estariam relacionados com o mau estado em que se encontravam. Mas nada é referido em relação a micro-organismos.

Realizaram um exame detalhado à pedra, à base de preparação para o assentamento da pintura. Para tal, terão utilizado os seguintes aparelhos: X-Ray Diffraction (XRD), polarizing microscope (PLM) e um Scanning Eletron Microscope (SEM) acoplado de um Energy Dispersive X-Ray (EDX).

Experimentaram diversos produtos para conseguir uma consolidação mais eficaz e chegaram a um conjunto de onze¹³⁹ que seriam os mais indicados.

Concluíram que seria necessário continuar o trabalho iniciado com consolidantes, além de restaurar para prevenir o avanço da deterioração. Apresentaram um plano de estudo e análise para as fraturas, classificaram os túmulos consoante os tipos de perigo apresentados, referiram que as fracturas deveriam ser injetadas com um produto de reforço e seria necessário ser feita uma conservação preventiva, que passaria pela consolidação e restauro das pinturas que apresentavam destacamento e escamação do seu assentamento.

Lamentamos a existência de algumas omissões neste relatório, tais como: a data da realização deste trabalho, quanto tempo demorou, que outros túmulos foram intervencionados e estudados além do túmulo de Khunes, e quem foram as entidades envolvidas neste estudo.

O segundo trabalho foi realizado apenas no túmulo de QH34n Herkhuf e tratou-se de um projeto conjunto¹⁴⁰. A equipa era composta por especialistas¹⁴¹ em Egiptologia, Fotogrametria, Climatologia, Geologia e Arquitetura.

Foi feita uma análise de resistência climática, à inscrição localizada no exterior do túmulo e concluiu-se que durante o período diurno, a inscrição encontra-se sujeita às ações dos ventos, de

¹³⁹ Nicotina SN502, wacker 290, Waker OH, Waker OH-100, Paraloid B-72, Alo seal (água e repelente com Siloxane como base), Adição de resina acrílica, KemtektMethyl de potássio de silicone), Wacker B5-1001, Wacker SMR 1311 e Befix 1W (água mineral natural e silicates).

¹⁴⁰ Entre Tech-Technologies for Egyptian Cultural Heritage, bilateral agreement Project financiado pelo National Council of Italy Academy of Scientific Research and Technology of Egypt (ASRT).

¹⁴¹ A equipa era composta por: Giuseppina Capriotti (Egiptologa), Andrea Angelini (Fotógrafa), Mariana Baldi (Climatologista), António D'Ereditá (Arquiteto) e Massimiliano Moscatelli (Geólogo).

amplitudes térmicas e a humidades. Durante o período noturno, a humidade chega a atingir mais de 30%, nos períodos de inverno. Foi utilizada uma estação meteorológica portátil para efetuar este estudo.

Concluíram que a fachada está sujeita ao efeito abrasivo do vento e por isso, parte da inscrição encontra-se impercetível.

Foi elaborado um levantamento fotogramétrico da inscrição, tendo sido documentadas, especialmente, as partes danificadas ou impercetíveis. Foi utilizada uma câmara fotográfica com sensor (40MP).

Lamentamos que este relatório também seja inconclusivo, não apresentando a data da sua realização, nem quanto tempo terão demorado os trabalhos. Até ao momento, não foram publicados os dados recolhidos, nem apresentado um relatório final, mais detalhado.

Assim, concluímos que é urgente a elaboração de um plano de Consolidação, Conservação e Restauro para este lugar, porque é visível o avanço da degradação nas pinturas, na inscrição de Herkhuf (QH 34n), as fraturas nos túmulos também vão sendo maiores de dia para dia. E com o tempo, outros problemas irão surgir.

2 Proposta de musealização do sítio

Qubbet el-Hawa, ao contrário de outros sítios arqueológicos egípcios, não recebe muitos visitantes. A principal razão prende-se com o facto de não estar preparado para tal, o que leva a não ser incluído nos programas turísticos apresentados pelas empresas do ramo. Mas isto não significa que a montanha seja totalmente ignorada.

Quando por várias vezes visitámos o local, as pessoas queixavam-se de falta de apoio e incentivo à criação de pequenos negócios locais à semelhança do que existe em outros sítios históricos egípcios.

Há duas maneiras de se chegar a Qubbet el-Hawa, de carro ou de barco. A mais rápida e barata é pelo rio. Trata-se do transporte público, utilizado pelos habitantes de Garb Aswan e Naga el-Quba para se deslocarem a Assuão e vice-versa. A travessia demora cerca de 10 minutos de barco. O cais é um local simples e basta subir uma pequena rampa, virar à esquerda e eis que nos surge a montanha.

De carro, particular ou alugado, vindo de Assuão, a viagem demora cerca de meia hora.

Às sextas-feiras o local é visitado por diversas famílias egípcias que sobem até ao topo, por causa da vista e passeiam de camelo.



Figura 97. Vista geral de Qubbet el-Hawa, numa sexta-feira.

No sopé da montanha existe, apenas, um pequeno café chamado *Papyrus*, rústico e construído em madeira, onde se pode beber chá, café, refrigerantes e água.

Foi neste local que conversamos com os habitantes, alguns deles responsáveis pelos camelos e burros que levam as pessoas a passear. Queixaram-se por o turismo ser escasso e por as empresas não quererem trazer os visitantes àquele local.

Mas existe um problema que requer uma solução urgente, e está relacionado com as construções turísticas que estão a surgir junto ao rio, para noroeste, até perto da zona do túmulo da família Aga Khan, especialmente em zonas que deveriam ser consideradas “*Non Edificandi*”, ou zona especial de proteção.

Cada mês que passa, surge uma nova construção que nos deixa preocupações, especialmente porque toda a área é muito sensível e a qualquer momento podem surgir túmulos e enterramentos que ficarão danificados ou destruídos. Daí termos já referido a urgência de um trabalho de prospeção e a realização de sondagens arqueológicas. Uma ação deste tipo serviria como dissuasor de escavações clandestinas, sustendo o tráfico de antiguidades.

Apesar da lei¹⁴² ser clara e existirem coimas bastante pesadas para o seu não cumprimento, a área é muito extensa e por isso não é respeitada nem controlada.

Defendemos a criação de um plano multidisciplinar de proteção, divulgação e salvaguarda que possa envolver todas as instituições governamentais, as missões a trabalhar no local, assim como os moradores.

A nosso ver é uma forma de promover a proteção do sítio arqueológico, tornando-o mais seguro, fomentando a criação de novos postos de trabalho, tão necessários na atual conjuntura económica existente no Egipto.

A criação de um centro de interpretação do local será um primeiro passo importante para melhorar a situação de Qubbet el-Hawa. Sem um espaço que possa ajudar a integrar o visitante na colina, fornecer as informações básicas sobre a história do local, os túmulos existentes e seus proprietários, os cultos funerários e a sua importância, o cemitério dos nobres será sempre um lugar desconhecido. Sem descurar, claro, outras pequenas infraestruturas, como, por exemplo, um café, casas de banho, posto de apoio ao turismo.

Outra carência do lugar é a inexistência de sinalética. Quem quiser visitar Qubbet el-Hawa, compra o bilhete numa pequena casa localizada na base da montanha, depois sobe a escadaria até ao Túmulo de Khunes, onde lá poderá encontrar ou não, o guarda responsável por guiar a visita.

Este, pouco sabe. Não recebeu qualquer formação específica, apenas está informado quais são os túmulos que podem abrir aos visitantes.

O único túmulo que ainda apresenta um pequeno painel informativo é o QH 25 e 26 (Mekhu e Sabni), já em muito mau estado e de difícil leitura

¹⁴² Law n°117 of 1983, as amended by law n°3 of 2010, promulgating the Antiquities protection law, art°22:

“Building in places adjacent to archaeological sites inside the inhabited area shall not be licensed except in accordance with special terms set by Supreme Council for Planning and Urban Development to the competent organ after taking the Council's approval. The competent organ must include in the license provisions which the Council sees guaranteeing the establishment of the building is in a proper way that does not predominate over the antiquity or spoil its appearance and ensure for such a suitable sanctum together with taking appropriate of the archaeological and historical environment and specifications guaranteeing protection of stated antiquity.

The Council must declare its opinion in the application within a period of 60 (sixty) days as of date of submission of such otherwise the lapse of the period referred to is considered a refusal”.



Figura 98. O painel informativo junto ao Túmulo de Mekhu e Sabni

É fundamental a criação de novos painéis, devidamente enquadrados na zona, dispondo de informação essencial. Aachamos também, que seria útil haver um pequeno panfleto ou então substituir os papéis, por hotspots, em que fosse possível aceder a toda a informação, via telemóvel e gratuitamente, validado através de um código de acesso.



Figura 99. Parque de estacionamento dos camelos

A medida ideal seria juntar as autoridades locais, os habitantes e diversos organismos ligados à cultura, de modo a criar uma parceria, para a elaboração de um projecto de revitalização local, a nível histórico, arqueológico e turístico. Em conjunto poderiam desenvolver um Site-Book, contendo a diversa informação sobre o local.

Como diz Avrami¹⁴³:

“The process of valorizing begins when individuals, institutions, or communities decide that some object or place is worth preserving, that it represents something worth remembering, something about themselves and their past that should be transmitted to future generations. Heritage is valued in a variety of ways, driven by different motivations (economic, political, cultural, spiritual, aesthetic, and others), each of which has correspondingly varied ideals, ethics, and epistemologies. These different ways of valuing in turn lead to different approaches to preserving heritage”.

Resumindo, o futuro de Qubbet el-Hawa passa por:

- Um plano de salvaguarda e protecção do sítio arqueológico e sua envolvente
- A criação de um Centro de Interpretação do local
- Criação de infra-estruturas de apoio

¹⁴³ Avrami *et al.*, 2000: 8.

- Dinamização e criação de incentivos para a população local

Sendo esta base criada e implementada, todos acabarão por fruir deste espaço de uma maneira bastante diferente, ganhado este local as pessoas.

Considerações finais

Três séculos de trabalhos arqueológicos realizados no Sítio de Qubbet el-Hawa, elaborados por equipas diferentes, resultaram em muita informação, mas nem por isso há um maior conhecimento do local, já que muita dessa informação, entretanto, se perdeu. O próprio foi severamente prejudicado pelas condições precárias de conservação usadas à época das escavações e o pouco que se conservou dispersou-se pelo mundo (Egipto, Inglaterra, Itália, Alemanha e Estados Unidos), impossibilitando um estudo integrado.

Após uma exaustiva pesquisa bibliográfica e feita a interpretação dos relatórios de escavação a que conseguimos ter acesso, deparámo-nos com a existência de lacunas relacionadas com a localização dos túmulos e quantos foram escavados na sua totalidade pelos diversos arqueólogos.

Sabemos que Sir Grenfell e Wallis Budge referem ter descoberto cerca de vinte túmulos¹³⁷. O facto é que os arqueólogos só apresentam dados em relação a dez túmulos, levando-nos a concluir que os outros dez se encontram perdidos. Ou nada possuíam digno de registar.

O mesmo aconteceu com os túmulos escavados por Lady Cecil e Howard Carter. Após a leitura dos relatórios, por diversas vezes muito sumariados, sentimos alguma dificuldade em tentar compreender as localizações de alguns e onde se encontra parte do espólio recolhido.

Questionamos, também, o facto de, num total de vinte e quatro túmulos escavados, não existir uma única indicação relativa à decoração tumular e toda a importância é dada, apenas, ao material encontrado.

Compreendemos que nos séculos XIX e princípio do XX dava-se maior importância ao espólio que poderia enriquecer os museus europeus ou as coleções particulares do que a relatórios de escavação. Também observámos que, nas descrições apresentadas por ambos, trinta e dois túmulos são atribuídos à Época Greco-Romana, enquanto que três poderão apresentar datações que variam entre o Império Antigo e Império Novo (nº 14, 15 e um sem número atribuído). Terão estes túmulos sido reutilizados? Poderão estes túmulos localizar-se na zona norte e este da colina? Existiria perto da colina algum forte militar, semelhante ao existente na zona de Gebel el-Silsila¹³⁸? São questões que um dia gostaríamos de poder responder ao darmos continuidade a este trabalho.

¹³⁷ Bouriant, 1887: 181.

¹³⁸ Localiza-se junto ao Nilo, a cerca de 50km norte de Assuão. A Missão Sueca liderada por Maria Nilsson tem vindo a realizar algumas escavações pontuais neste local.

O trabalho efetuado por Edel e a Missão de Bona foi, sem dúvida, o mais importante estudo efetuado, tendo a sua equipa realizado o levantamento e análise descritiva de todas as inscrições existentes nos túmulos e arredores de Assuão.

Os trabalhos de escavação na Necrópole de Qubbet el-Hawa têm continuado e atualmente duas missões dedicam algum do seu tempo, ao estudo deste local. Fruto de outra época, a equipa que mais trabalho tem desenvolvido, é sem dúvida, o *Proyecto Qubbet el-Hawa* (Universidade de Jaén), liderado por Alejandro Jiménez.

Apesar do inegável contributo proporcionado por todas estas missões para o avanço do conhecimento a necrópole, permanecia e ainda por realizar, um estudo integrador que permitisse proporcionar uma visão global da necrópole. Com este trabalho procurámos contribuir para dar a conhecer a necrópole de uma forma mais integrada, facultar à comunidade científica, mas também à comunidade local, informações essenciais sobre Qubbet el-Hawa.

Na segunda parte do nosso trabalho, procurámos responder a algumas questões sobre quem eram os nobres aqui sepultados e o porquê da escolha deste local como última morada.

Cerca de 100 túmulos encontram-se dispersos por três plataformas¹³⁹ orientadas a este (nascer do sol) e foram devidamente preparadas, pelos artesãos, para receber os nobres e governadores residentes na Ilha de Elefantina e nomeados pelo rei.

Alguns destes quiseram deixar acessível a todos, a sua titulatura, as suas campanhas políticas e mercantis às terras núbias e ao serviço do rei, e alguns, devido às suas façanhas, foram divinizados¹⁴⁰.

Procurámos colmatar as falhas existentes sobre a interpretação destes túmulos, fazendo a descrição, o mais completa possível, dos quatro e únicos túmulos possíveis de visitar na atualidade.

Avançámos algumas hipóteses, que consideramos importantes para interromper o desconhecimento deste local histórico, pois sem história, este sítio arqueológico torna-se um livro em branco.

Foi nosso intuito chamar a atenção para as ameaças da degradação do terreno e a necessidade de valorizar todo o espaço, fornecendo aos visitantes e também aos habitantes informação que demonstrem a importância de Qubbet el-Hawa desde o Império Antigo até a atualidade. Tentámos

¹³⁹ No sopé da colina foram identificadas algumas sepulturas tipo mastaba, mas este local ainda requer muito trabalho de prospeção, escavação e análise arqueológica afim que se possa compreender quem eram as pessoas aqui sepultadas.

¹⁴⁰ O caso específico de Pepynakht-Hekaib (QH 35d), o qual teve direito à construção de um santuário em seu nome na Ilha de Elefantina, descoberto e escavado pelo egiptólogo Labib Habachi.

corresponder de forma positiva ao desafio lançado no início do trabalho, tendo em conta as adversidades com que não contávamos.

Assim, acreditamos que num futuro próximo este local se possa tornar um lugar que conte um pouco da História egípcia e, por conseguinte, dos antigos habitantes que tiveram a última morada na montanha do vento.

Bibliografia

- Adams, W. (1977). *Nubia, Corridor to Africa*. London.
- Ahmed, S. (2003). Merowe Dam Archaeological Salvage Project (MDASP), *MittSAG 14*. pp.73-75.
- Alexanian, N (2006). Tomb and Social status. The textual evidence, *The Old Kingdom Art and Archaeology* – Proceedings of the conference held in Prague (2004), Prague: pp.1-8.
- Amherst, M. (1903). Report on the Work done at Aswan, *ASAE*, 4, Cairo: pp.51-73.
- Amherst, M. (1905). Report on the Work done at Aswan, *ASAE*, 6, Cairo: pp.271-283.
- Auenmuller, J. e Fritzenreiter, M. (2014). Excavations finds from Qubbet el-Hawa in Egyptian Museum, *Massen Produktion Im Altern Agypten*, Bonn: pp.233-299.
- Avrami, E.; Mason, R.; la Torre, M. (2000). *Values and Heritage Conversation*. The Getty Conversation Institute, Los Angeles.
- Baedeker, K. (1892). *Egypt – handbook for travellers. Second part: Upper Egypt with Nubia as far as the second cataract and the western Oasis*, Leipsic.
- Ball, J. (1907). *A description of the first or Aswan Cataract of the Nile*, Cairo.
- Bárta, M. (1998). Serdab and the statue placement in the private tombs down to the fourth dynasty, *MDAIK*, 54: pp. 65-68.
- Bárta, M. (2011). *Journey to the West- the world of the Old Kingdom tombs in the Ancient Egypt*, Prague.
- Bart R. (s.d). Results of the Bonn Mission to the rock-necropolis of Qubbet el-Hawa, 1959-1984, *Chronique*: pp.269-290.
- Belzoni, G. (1820). *Narrative of the operations and recent discoveries within the pyramids, temples, tombs and excavations in Egypt and Nubia and a journey to the coast of the Red Sea in search of the ancient Berenice and another to the Oasis of Jupiter Ammon*, London.
- Bouriant, U. (1888). Les Tombeaux d'Assouan, *Rechtav*, 10: pp.181-188.
- Bommas, M. (2017). Displaying social mobility during the reign of Senwosret I, *Egyptian Archaeology 51*: pp.26-29.
- Bommas, M. e Khalifa, E. (2017). Qubbet el-Hawa 2016, *Journal of Egyptian Archaeology 102*, Birmingham: pp.23-40.
- Bothmer, B. (2003). *Egypt 1950 – My first visit*, London.
- Budge, W. (1887). Excavations made at Aswan by Major-General Sir F. Grenfell during the years 1885 and 1886, *PSBA* 9: pp. 78-82.
- Budge, W. (1888). Excavations made at Aswan by Major-General Sir F. Grenfell during the years 1885 and 1886, *PSBA* 10: pp. 4-40.

- Burchardt, J. (1819). *Travels in Nubia*, London.
- Breasted, J. (1905). *Egypt through the stereoscope. A journey through the land of the Pharaohs*, New York.
- Carson, B. (1909). *From Cairo to the Cataract*, Boston.
- Carter, H. e Legrain, G. (1905). Report of the work done in Upper Egypt (1903-1904), *ASAE* 6, Cairo: pp. 112-129.
- Colovini, F. (2017). *Gli Esploratori di Elefantina – viaggio, commercio e politica estera dale tombe di Qubbet el-Hawa*, Tese di Laurea in Scienze Dell'Antichità: Letterature, Storia e Archaeologia, Università Ca'Foscari, Venezia.
- Champollion, J. (1868). *Lettres écrites d'Égypte et Nubia en 1828-1829*, Paris.
- De Morgan, J. (1894). *Catalogue des monuments et inscriptions de l'Égypte Antique. Haute Égypte*, Tome Premier: de la frontière de Nubie a Kom Ombos, Vienna.
- Dekker, R. (2016). An updated plan of the church at Dayr Qubbet el-Hawa, *Christianity and Monasticism in Aswan*, Cairo: pp. 117-212.
- Dieter, A. (2002). *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, Princetown University Press, New York.
- Duncan, J. (1827). *The modern traveller. A popular description, geographical, historical and topographical of the various countries of the globe: Egypt, Nubia and Abyssinia*, Vol.II, London.
- Edel, E. (1974). Die Felsgräbernekropole der Qubbet el-Hawa bei Assuan II (1968, 1969 und 1970), *Journal of Egyptology*, Vol.6, London: pp. 276-290.
- Edel, E. (2008). Die Felsgräbernekropole der Qubbet el-Hawa bei Assuan I. Abteilung I". *Architektur, Darstellungen, texte, archäologischer Befund und Funde*, Zurich.
- Edwards, A. (1877). *A thousand miles up the Nile*, New York.
- El-Din, M. (1994). Discovery of a Tomb of the Late Old Kingdom below the Rock Tombs of Qubbet el-Hawa, Aswan, *MDAIK*, 50, Cairo: pp. 31-34.
- Ferne, R. (1973). *Nubians in Egypt: Peaceful People*, University of Texas Press, Texas.
- Geus, F. (1991). Burial customs in the Upper Main Nile: an overview, *Egypt and Africa, Nubia from Prehistory to Islam*, London: pp. 57-73.
- Habachi, L. (1956). Hekaib-the deified governor of Elephantine, *Archaeology*. Vol.9.1, London: pp. 8-15.

- Habachi, L. (1981). *Sixteen Studies on Lower Nubia. Supplément aux Annales du Service des Antiquités de l'Égypte*, Cairo.
- Harco, W. (1996). *The coffin of Heqata – A case study of Egypt*, Belgium.
- Hellinckx, B. (2014). Results of the Bonn Mission to the rock-necropolis of Qubbet el-Hawa, 1959-1984, *Chronique d'Égypte*, LXXXIX, fasc.178. (s/l): pp. 269-290.
- Helmi, F. e Brania, A (2017). Geoarchaeology of Elefantine rock-cut tombs, Aswan, Egypt, *IOSR-JAGG*, Vol.5-4, III, pp. 77-87 (online source: www.iosrjournals.org).
- Jaggi, R. (2004). Das Graberfeld der Qubbet el-Hawa bei Assuan aus der Sicht der Ersten Zwischenzeit (um 2100 v. Chr.), *Kemet 13:1*: pp. 67-73.
- Jiménez Serrano, A.; Martínez De Dios, J. e Anguita Ordóñez, J. (2008). Proyecto Qubbet el-Hawa: La tumba nº 33. Primera campaña (2008), *BAEDE*, 18, Madrid: pp. 35-60.
- Jiménez Serrano, A. e Sánchez León J. (2009a). La misión de la Universidad de Jaén en Egipto. El proyecto Qubbet el-Hawa (Asuán), *Docta Minerva. Homenaje a la profesora Luz de Ulierte Vázquez*, Madrid: pp. 535-546.
- Jiménez Serrano, A.; Martínez De Dios, J.; Valenti Costales, M.; Vivas, Fernández, F.; De La Torre Robles, e Anguita Ordóñez, J. (2009b). Proyecto Qubbet el-Hawa: las tumbas nº 33, 34 y 34h. Segunda campaña (2009), *BAEDE*, 19, Madrid: pp. 41-75.
- Jiménez Serrano, A.; Aléman Aguilera, I.; Botella López, M.; Cardell Fernández, C.; Martínez de Dios, J.; Prado-Campos, B.; Medina Sánchez, M.; Mellado García, I.; Torallas Tovar, S.; Torre Robles, Y.; Valenti Costales, M. (2010). Proyecto Qubbet el-Hawa: Las tumbas Nº 33, 34 Y 34h. Tercera campaña (2010), *BAEDE*, 20, Madrid: pp. 65-98.
- Valenti Costales, M.; Jiménez Serrano, A.; Martínez de Dios, J.; González García, M.; Torre Robles, Y.; López-Obregón Silvestre, T.; Chapon, L.; Alba Gómez, J. (2012). Cuarta campaña (2012) de excavaciones en las tumbas 33 y 34 de la necrópolis de Qubbet el-Hawa (Asuán, Egipto), *Informes y Trabajos Excavaciones en el exterior 2011, 9*, Madrid: pp. 102-123.
- Jiménez Serrano, A. (2013a). Different Individuals Named Khunes in the Cataract Region, *ZÄS 140*, pp. 13-23.
- Jiménez Serrano, A.; Alemán Aguilera, I.; Botella López, M.; Calero García, C.; Chapon, L.; García González, M.; López-Obregón Silvestre, T.; Martínez de Dios, J.; Romón Villar, S.; Sáez Pérez, M. (2013) Proyecto Qubbet el-Hawa - Las tumba 31 (Sarenput II), 33 y 34. Quinta Campana (2013), *BAEDE*, 22, Madrid: pp. 7-58.

- Jiménez Serrano, A.; Aléman Aguilera, I.; Ayora Cañada, M.; Botella López, M.; Domínguez Vidal, A.; Piquette, K.; Oliva Rodríguez-Ariza, M.; Sáez Pérez, M.; Martínez de Dios, J.; Alba Gómez, J.; Rubio, A.; Torre Robles, Y.; Martínez Hermoso, F.; Martínez Hermoso, J.; López-Obregón Silvestre, T.; Calero García, C.; Arroyo, A. (2014). Proyecto Qubbet el-Hawa -Las tumbas 33, 34 aa y 34 bb- Sexta Campana (2014), *BAEDE*, 23, Madrid: pp. 7-48.
- Jiménez Serrano, A. (2015a). Middle Kingdom Funerary Statues of Governors in Qubbet El-Hawa, *NOVA STUDIA AEGYPTIACA IX*, Barcelona: pp.321-334.
- Jiménez Serrano, A.; Alba Gomez, J.; Ayóra Cañada, M.; Barba Colmenero, V.; Botella Lopez, M.; Domínguez Vidal, A.; García González, L.; Martínez de Dios, J.; Morales, A.; Rúbio Salvador, Á.; Sáez Pérez, M.; Torres Robles, Y.; López-Obregón Silvestre, T. (2015b). Proyecto Qubbet el-Hawa - Las tumbas 31, 34cc y 35p. Setima campana (2015), *BAEDE*, 24, Madrid: pp. 7-88.
- Jiménez Serrano, A.; Martínez de Dios, J.; Torre Robles, Y.; Barba Colmenero, V.; Bardanova, M.; Montes, E.; García González, L.; Alba Gómez, J.; Zurinaga Fernández-Toribio, S.; López Grande, M. (2016a). Proyecto Qubbet el-Hawa: Las tumbas nº31, 33, 34aa, 34bb, 35n, 35p y122. Octava campaña (2016), *BAEDE*, 25, Madrid: pp. 11-62.
- Jiménez-Serrano, A. (2016b). Los nobles de la VI Dinastía enterrados en Qubbet el-Hawa, *ESTUDIOS FILOLÓGICOS 337*, Salamanca: pp. 29-38.
- Jiménez Serrano, A.; Alba Gómez, J.; Torre Robles, Y.; García González, L.; Barba Colmenero, V.; Caño Dorte, A.; Montes Moya, E.; Rodríguez Ariza, O.; Pérez García, J.; Mozas Calvache, A.; Martínez Hermoso, J.; López-Obregón Silvestre, T.; Sáez Pérez, M.; Rubio Salvador, Á.; Alemán Aguilera, I.; Botella López, M.; López Grande, M.; Eschenbrenner-Diemer, G.; van Neer, W.; Bardanova, M. (2017a). Proyecto Qubbet el-Hawa: Las tumbas nº32, 33, 34aa, 34bb, 35n, 35p, 122 y QH 36. Novena campaña (2017), *BAEDE*, 26, Madrid: pp. 13-110.
- Jiménez Serrano, A. (2017b). Qubbet el Hawa, *Nile Magazine 10*, London:pp. 47-52.
- Jiménez Serrano, A.; Alba Gómez, J.; Martínez de Dios, J.; Torre Robles, Y.; García González, L.; Barba Colmenero, V.; Caño Dorte, A.; Espejo, A.; Bardanova, M.; López Grande, M.; Díaz Blanco, A.; Correas Amador, M.; Pérez Navazo, D.; Domínguez Vidal, A.; Ayora Cañada, M.; Eschenbrenner Diemer, G.; Botella López, M.; Alemán Aguilera, I.; Rubio Salvador, A.; Guimarey Duarte, R.; Rodríguez Ariza, O.; Montes Moya, E.; Martínez Hermoso, J.; Pérez García, J.; Mozas Calvache, A.; López-Obregón Silvestre, T.; Tapia Ruano-Juan, S.; Hernández Sánchez, R.; Molinero Reyes, J.; Krutzsch, M.; Hakim Karrar, A. (2018). Proyecto Qubbet el Hawa: Primeros resultados de los

- trabajos llevados a cabo en las tumbas nº32, 33, 34bb, 35n, 35p y QH 36, durante la Decima campaña (2018), *BAEDE*, 27, Madrid: pp. 13-164.
- Jiménez Serrano, A. e Sánchez-León, J. (2019). *Le Premier Nome du sud de l'Égypte au Moyen Empire- Fouilles de la misión espagnole a Qubbet el- Haoua (Assuan), 2008-2018*, BAR International Series, England.
- John, J. (1845). *Egypt and Nubia (with illustrations)*, London.
- Jornesjo, S. e Speiser, P. (s/d). The south necropolis of Fatimid cemetery of Aswan, *Annales Islamologiques* 48-2, Paris: pp. 117-134.
- Kamil, J. (2007). *Labib Habachi – the life and legacy of an Egyptologist*, AUC Press, Cairo.
- Kopp, E. (2008). Pottery from the Kakemu Tomb (No. 15) at Qubbet el-Hawa, *Études et Travaux XXII*, Paris: pp. 182-198.
- Leclant, J. (1977). Fouilles et Travaux en Égypte et au Soudan, 1975-1976 (Trab I-XXIV), *Orientalia*, Paris: pp. 233-299.
- Lichtheim, M. (1973). *Ancient Egyptian literature. Vol.I: Old and Middle Kingdom*, London.
- Lichtheim, M. (1988). *Ancient Egyptian autobiographies chiefly of the Middle Kingdom. A study and an Anthology*, Zurich.
- Lopez Grande, M. e Valentin Costales, M. (2008). Qubbet el Hawa - recipientes ceramicos con decoraciones incisas y plasticas hallados en el patio de la tumba QH33 (2008), *BAEDE* 18, Madrid: pp. 111-134.
- Mariette, A. (1889). *Monuments divers recueillis en Égypte et en Nubie*, Paris.
- Martínez Hermoso, J.; Martínez Hermoso, F.; Montes Tubío, F. e Jiménez Serrano, A. (2015). Geometry and Proportions in the Funeral Chapel of Sarenput II, *Nexus Netw J.*, 17 (Online), pp. 287–309.
- Martínez Hermoso, J. (2017). *Representacion grafica y diseño de la tumba Sarenput II (QH31) – Arquitectura Funeraria de la Necropolis de Qubbet el -Hawa*. [Texto Policopiado], Universidade de Cordoba, Tese de Doutoramento.
- Maspero, G. (1888). *Egyptian Archaeology*, London.
- Middleton-Jones, H. (2016). The digital 3D virtual reconstruction of the monastic church, Qubbat al-Hawa, *Christianity and Monasticism in Aswan*, Cairo: pp. 221-229.
- Moeller, N. (2016). *The Archaeology of Urbanism in Ancient Egypt-From Predynastic period to the end of Middle Kingdom*, London.

- Morgan, J.; Legrain, G.; Jequier, G.; Barsanti, A. (1894). *Catalogue des monuments et inscriptions de l'Égypte Antique*. Première Série Haut Égypte. Tome I de la frontière de Nubie à Kom Ombo, Paris.
- Nash, W. (1909). *The tombs of Ancient Egypt*. I. The Scarab Club Papers, London.
- Norden, F. (1757). *Travels in Egypt and Nubia*, London.
- Oestigaard, T. (2011). *Horus' eye and Osiris efflux: the Egyptian civilization of inundation c.3000-2000 BCE*, BAR series 2228, London.
- O'Neill, B. (2015). *The deceased and the regenerative cult within offering table imaginary of Egyptian Old to Middle Kingdoms (c.2686- c.1650 b.C.)*, Archaeopress, London.
- Piacentini, P. (2010). The Egyptological Archives of the Università degli Studi di Milano", *Egypt and the Pharaohs. From the Sand to the Library 63*, Milano.
- Potter, B. e Moss, R. (1937). Topographical Bibliography of Ancient Egypt hieroglyphic texts, reliefs and paintings Vol. V, *Upper Egypt: Sites*, Griffith Institute, London: pp. 231-244.
- Richter, S. (2016). The beginning of Christianity in Nubia, *Christianity and Monasticism in Aswan*, Cairo: pp. 47-61.
- Roccati, A. (1982). *La littérature historique sous l'Ancient Empire Égyptien*, Paris, Les Editions du CERF.
- Roman, A. (1889). Les Tombeaux D'Assouan, *Gazette Archaeologique 14*, Paris: pp. 47-54.
- Rosing F. (1990). *Qubbet el Hawa und Elephantine. Zur Bevölkerungsgeschichte von Ägypten*, Stuttgart/New York.
- Sadek, A. (2016). A foreshadowing of the desert spirituality in Ancient Nubia and Upper Egypt, *Christianity and Monasticism in Aswan*, Cairo: pp. 55-61.
- Sampber, B. (2014). *The geology of Egypt- A traveller's handbook*, AUC, Cairo.
- Sánchez-León, J. e Jiménez-Serrano, A. (2016). Keeping Provincial Power in the Lineage During the Twelfth Dynasty: The Case of Khema, Governor of Elephantine, *Band 45*, Hamburg: pp. 307-314.
- Scheil, V. (1893). Note Addicionelle sur les tombeaux D'Assouan, *Regrav 14*, Paris: pp. 94-94.
- Schiaparelli, E. (1892). Una tomba Egiziana inedita, *Memorie della Classe Discienza Morali, Storiche e Filologie dell' Accademia dei Lincei*, Milano: pp. 21-52.
- Schiaparelli, E. (1897). Les Tomb de Hirschuf à Assouan, *BSGE3*, Paris: pp. 784-785.
- Sousa, R. (2010). O regresso à origem – o tema da viagem na iconografia funerária egípcia da XXV dinastia, *CEM 1*, Lisboa: pp. 157-175.

- Smith, M. (2008). Osiris and the Deceased, *UCLA*, Los Angeles: pp. 1-4.
- Spaull C. (1974). Collected Papers by H. J. Polotsky, *The Journal of Egyptian Archaeology* 60, London: pp. 276-277.
- Tyldesly, J. (2005). *Los descubridores del Antiguo Egipto*, Ed. Destino, Vol. 98, Barcelona.
- Torallas Tovas, S. e Zomeño Rodríguez, A. (2011). De nuevo en la orilla oeste del Nilo: campaña en los restos arqueológicos cristianos de Qubbet-el-Hawa (Asuán), *Collectanea Christiana Orientalia* 8 *UCOPress*, Editorial Universidad de Córdoba, Córdoba: pp. 305-308.
- Valenti Costales, M. (2011). La detección de diferentes periodos de ocupación a través del análisis del material cerámico hallado en el patio de la tumba 33 en la necrópolis de Qubbet el-Hawa (Asuán, Egipto, *Estrat Crític* 5, 2, Barcelona: pp. 340-350.
- Vischak, D. (2006). *Locality and Community in Old Kingdom Provincial tombs: The cemetery at Qubbet el-Hawa*, Institute of Fine Arts, New York.
- Vischak, D. (2015). *Community and Identity in Ancient Egypt - Old Kingdom cemetery at Qubbet el-Hawa*, New York.
- Weigall, A. (1910). *Guide to the Antiquities of Upper Egypt – from Abydos to the Sudan frontier*, London.
- Willems, H. (1996). The coffin of Heqata (Cairo JIE 36418) - A case Study of Egyptian funerary culture of the early Middle Kingdom, *Orientalia*. 70, Belgium.

Apêndices

1-LISTAGEM DOS TÚMULOS IDENTIFICADOS EM QUBBET EI-HAWA E RESPETIVAS DATAÇÕES

TÚMULO/PROPRIETÁRIO	DATAÇÃO
QH 23 Desconhecido	VI Dinastia (2345-2181 a. C.), época de Pepi II.
QH 24 Desconhecido	-
QH 25 Mekhu	VI Dinastia (2345-2181 a. C.), época de Pepi II.
QH 26 Sabni I	VI Dinastia (2345-2181 a. C.), época de Pepi II
QH 26a Desconhecido	-
QH 27 Desconhecido	-
QH 28 Hekaib (filho de Penidebi)	-
QH 29 Sobek-Hotep	VI dinastia (Época de Pepi II)
QH 29a Desconhecido	-
QH 30 Hekaib II	XII Dinastia (Senwosret III 1837-1819)
QH 31 Sarenput II (Nub-Kau-Ré- Nakht)	XII Dinastia e reutilizada no 3º Período Intermédio e Época Saíta ou Persa.
QH 32 Khema ? Reutilizado pela família de Aku e Akua	XII Dinastia (Amenemhat II -1878-1843)
QH 33 Hekaib III/Ameny-Seneb	XII Dinastia (Amenemhat III 1818-1773)
QH 34 Desconhecido	XII Dinastia
QH 34aa	XII Dinastia
QH 34bb	QH 34e
QH 34dd	VI dinastia
QH 34e Khui	Construído no fim da XII Dinastia (talvez durante o reinado de Amenemhat III; reutilizada no fim II período
QH 34ee	XII Dinastia
QH 34ff	XII Dinastia
QH 34k	-
QH 34kk	XII Dinastia
QH 34g Ankhes	VI dinastia
QH 34gg	XII Dinastia
QH 34h Khunes	VI Dinastia
QH 34hh	XII Dinastia
QH 34i Sobek- Hotep	-

QH 34ii	XII Dinastia
QH 34jj	XII Dinastia
QH 34ll	XII Dinastia
QH 34n Herkhuf	VI Dinastia (2345-2181 a. C.)
QH 35 Pepinakh Hekaib I	VI Dinastia
QH 35a Hekaib	-
QH 35c Sabni	-
QH 35d Pepinakh -Hekaib II	VI Dinastia
QH 35e Sabni II	VI Dinastia
QH 35i Desconhecido	-
QH 35l Sen Mesi	Amenemhat I/Senwosret I 1939-1910+16/1920-1875
QH 35p Desconhecido	-
QH 36 Sarenput I	XII Dinastia (Reinado de Amenemhat I - 1985-1956 a.C.)
QH 88 Henebaba	-
QH 89 Sabni	-
QH 90 Sobek-Hotep ?	VI Dinastia
QH 90a Desconhecido	-
QH 90c Li-Shemai Setka ?	-
QH 90c Y-Shemai	-
QH 91 Desconhecido	-
QH 92 Li-Nekhemet	-
QH 93 Seni, Inhetepet, Hepi?	-
QH 98 Li Shemai Setka	VI Dinastia
QH101 Setka	-
QH 102 Khwin-Khnum	VI Dinastia
QH 102c Imbi	-
QH 103 Tjetji	VI Dinastia
QH 104 Desconhecido	VI Dinastia
QH 105 Seni	-
QH 106 Desconhecido	-
QH 109 Abebi/Iqeri	-

QH 110 Setka	-
QH206 Kaimsenu/ Iqeri	-
QH 207 Li Semai Setka /Sobek-Hotep	-
TT 60 Sent (mãe do Vizir Antefiker)	-

2- TABELA DOS TÚMULOS, PROPRIETÁRIOS, RESPECTIVOS ACHADOS E LOCAL DE DEPÓSITO

NÚMERO	PROPRIETÁRIO(S) DO TUMULO	TITULATURA	RESPONSÁVEL E DATA	ACHADOS	LOCAL DE DEPÓSITO
QH23	Desconhecido (VI dinastia/ Reinado Pepi II)	-	Lady Cecil/H. Carter; Limpeza e novas descobertas, em 2019, Missão espanhola (Universidade de Jaén)	Diversos e não especificados pela missão arqueológica	Nos depósitos da Missão espanhola em Assuão
QH24	Desconhecido	—	—	—	—
QH25/ QH26	Mekhu e Sabni I (pai e filho)	Mekhu : Príncipe herdeiro; Chefe dos países estrangeiros. Sabni : Príncipe da família real; Governador do sul; Amigo e chefe do sumo-sacerdote;	F. Grenfell e W. Budge	Fragmentos de sarcófagos, restos de múmias, cerâmica diversa, estelas, uchabtis, máscaras funerárias	Parte terá ido para o Museu Bulaq
QH26a	Hib-Ab? (filho de Penatmai)	Devoto ao deus Abu	F. Grenfell e W. Budge	-	Parte terá ido para o Museu Bulaq
QH27	Desconhecido	-	F. Grenfell e W. Budge	-	-

QH28	Hekaib (filho de Penidebi)	Filho do Príncipe Serenpitua	F. Grenfell e W. Budge,	-	
QH28d	Hekaib II	Chefe dos exércitos; Chefe dos intérpretes; Chefe dos países estrangeiros;	Descoberto em 1947 por Labib Habachi, uma sala subterrânea com pinturas murais.	-	
QH29	Sobek-Hotep	Chanceler	F. Grenfell e W. Budge	-	-
QH29a	Nexu (?) (o Príncipe de Nápoles?)		F. Grenfell e W. Budge	-	-
QH30	Hekaib II (filho de Sit-Hathor)	Sumo sacerdote;	F. Grenfell e W. Budge	Um fragmento de estuque com descoração de uma planta de papiro, estátuas e fragmentos cerâmicos, vasos com o nome do falecido	Parte terá ido para o Museu Bulaq
QH31	Sarenput II (Nub-Kau-Ré- Nakht)	Príncipe, Supervisor dos profetas de khnum de Elefantina; comandante da fronteira e das terras do sul	F. Grenfell e W. Budge	Base de uma estátua em granito negro, mesas de oferendas, estela com a representação da barca divina; estela com texto em demótico;	Museu Britânico/ Museu Egípcio do Cairo
QH32	Khema ? Reutilizado pela família de Aku e Akua	Governador supremo da Etiópia e presidente dos países do sul e o governador do palácio	F. Grenfell e W. Budge	Cerâmicas tipo <i>Flower pots</i> , espólio osteológico, madeira proveniente dos ataúdes, cestarias (proveniente da limpeza efetuada pela missão espanhola) -	Nos depósitos da Missão espanhola em Assuão -

QH33	Hekaib III/Ameny-Seneb	-	-	-	-
QH34	Serenpitu (Filho da senhora Sit-Teni)	Nobre e conselheiro e chanceler pessoal, chefe dos profetas de Sati	-	-	-
QH34b	Khunes (Younis) e esposa Shun	Chanceler do rei do Baixo Egípto	F. Grenfell e W. Budge	-	-
QB34e	Khui	Chanceler das duas barcas	F. Grenfell e W. Budge	-	-
QH34g	Ankhes	-	-	-	-
QH 34h	Khunes	-	-	-	-
QH34n	Herkhuf (e a sua mulher Tepeh-Nefert)	Alto cargo na Administração Local. Chefe de todos os países estrangeiros do Ocidente e Oriente; O que leva a seu senhor todos os produtos do estrangeiro; Chefe do Alto Egípto; Chefe dos portadores do selo real; Padre dos sacerdotes; Chefe dos exércitos	Expedição francesa (Denon, 1799). Conhecido antes da limpeza feita por Grenfell em 1885. Fevereiro de 1893 Ernesto Schiaparelli	-	-

QH 34i	Sobek- Hotep	-	-	-	-
QH?	Maaa e seu filho Khunes	-	-	-	-
QH?	Sabna, Zema e Herkhut	-	-	-	-
QH35I?	Semmes e C? Sem-Mesi?	-	-	-	-
QH35	Pepinakht Hekaib I	Portador do selo real, superintendente dos batedores, conselheiro	Jaques de Morgan	-	
QH35e	Sabni II (filho de Hekaib I)	Portador do selo real, superintendente dos segredos da porta sudoeste	Labib Habachi	-	-
QH36	Sarenput I /Serenpitua	Foi nomeado príncipe de Abu no Império Médio pelo faraó Sesóstris I.	-	-	-
QH88	Henebaba	-	-	-	-
QH90	Sobek-Hotep	Sacerdote de deus;	-	-	-

QH90c	Metjenu	-	-	-	-
QH92	Iy-En-Khenet	-	-	-	-
QH93	Seni Inhotepet/ Hepi	Chanceler do rei do Baixo Egípto	-	-	-
QH98	Iy-Shema (chamado Setka)	-	-	-	-
QH102	Khuin-Khnum	-	-	-	-
QH103	Tjeji	-	-	-	-
QH105	Destruído pelos coptas	-	-	-	-
QB108	Dedu-Tjeni	-	-	-	-
QB109	AbebyBeby- Teddju, Iqeri	-	-	-	-

QB110	Set-Ka (chamado de Iy-Shema)	-	-	-	-
QB206	Kayemsenu ?	-	-	-	-
QB207	Sobek-Hotep	Chanceler divino Supervisor dos escribas/ O supervisor dos profetas das pirâmides de Pepi II; Controlador dos países estrangeiros	Missão de Bona/Edel	Moldes de bronze para fundição (no pátio deste túmulo) encontrados dentro de um pote cerâmico, ataúde, um pote de gargalo alto cilíndrico datado do período persa, outras formas de cerâmica.	Museu da Universidade de Bona
QH Nº1	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Não foi encontrado qualquer espólio.	-
QH Nº2	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Nove múmias, três adultos e seis crianças, uma delas, ainda bebê, fragmentos pertencentes a diversos ataúdes.	-
QH Nº3	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Diversas contas de colar de diversas cores.	
QH Nº4	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Nenhum espólio foi encontrado.	-
QH Nº5	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Um sarcófago em pedra com a tampa partida na zona que apresentava a cara do falecido e diverso material osteológico humano.	
QH Nº6	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Fragmentos de madeira pertencentes a um ataúde com decorações de flor de lótus.	-
QH Nº7	Desconhecido		Lady Cecil/H. Carter	Vários pedaços de múmias.	-

		-			
QH Nº8	Desconhecido		Lady Cecil/H. Carter	Fragmentos de cerâmica, várias lucernas com a representação de uma rã, diversas sandálias, uma estela decorada com o disco solar alado, vários pedaços de papiros, múmias muito destruídas.	-
QH Nº9	Tshenetehe ?	-	Lady Cecil e Carter	Vários pedaços de uma estela partida inscrições pintadas em grego e demótico.	-
QH Nº10	Desconhecido	-	Lady Cecil e Carter	Um sarcófago em arenito e uma pequena mesa de oferendas	-
QH Nº11	Desconhecido	-	Lady Cecil e Carter	Um pequeno ataúde de criança uma estátua pequena do deus Anúbis.	-
QH nº12	Harma'Khenu ?	-	Lady Cecil/H. Carter	Uma estela em madeira policromada sem nome e pedaços de múmias.	-
QH Nº13	Desconhecido	-	Lady Cecil e Carter	Repleto de múmias, a de uma criança de dois anos de idade.	-
QH Nº14	Desconhecido	-	Lady Cecil e Carter	Quatro ataúdes contendo múmias quatro potes cerâmicos, um ataúde antropomórfico feito de argila vermelha.	-
QH nº15	Kagemu	Supervisor dos profetas de todos os deuses de Elefantina; primeiro profeta de Khnum	Lady Cecil/H. Carter	Um pote cerâmico de engobe vermelho/preto, diversos potes de cerâmica vermelha, contendo, no seu interior, argila do Nilo.	-
QH nº16	Desconhecido	-	Lady Cecil e Carter	Objectos cerâmicos, contendo restos de ossos calcinados	-
QH nº17	Desconhecido	-	Lady Cecil e Carter	Não foi escavado.	-
QH nº18	Desconhecido	-	Lady Cecil e Carter	-	-

QH nº19	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Algumas figuras completas de Ptah-Sokar-Osiris e algumas máscaras funerárias múmias desfeitas, potes cerâmicos, contas de colar de diversas cores e tipos, escaravelhos alados em faiança azul, uma paleta cosmética em alabastro, com a representação de uma flor de lótus.	-
QH Nº20	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Dois potes cerâmicos, diversas pontas de seta em sílex, algumas tigelas, e três bengalas.	-
QH Nº21	Desconhecido	-	Lady Cecil e Carter	Dois ataúdes, de um homem e de uma mulher Colar de contas azuis, com várias voltas e uma opala em verde-escuro no meio do colar.	-
QH Nº22	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Grande quantidade de contas de colar, uma ametista e contas em coralina, duas múmias, fragmentos de vasos em alabastro, diversas pontas de seta partidas, de sílex, concha em madrepérola com o nome Senuseret I gravado, vários potes cerâmicos e uma boneca em madeira de braços manobráveis, segurando uma rola numa das mãos.	-
QH Nº23	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Uma múmia completamente desfeita.	-
QH Nº24	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Diversos ataúdes, múmias em mau estado, contas de colar uma ágata e uma ametista, grande quantidade de cerâmica pertencente a diversos períodos e um pequeno cilindro com o nome de Amenemhat III.	-
QH Nº25	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Várias taças de cerâmica de pasta vermelha, dois escaravelhos, um amuleto peixe em coralina, um pote em alabastro, um estilete para pintar os olhos, grande quantidade de contas de colares de várias formas e cores, um uchabti e ataúdes em mau estado de conservação diversa.	-

QH Nº 26	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Contas de colar de várias cores e formas	-
QH Nº27	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Uma tigela.	-
QH Nº28	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Cerâmica diversa, pontas de seta, várias contas de colares e uma estela.	
QH Nº29	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Espólio osteológico indiferenciado, fragmentos de ataúde destruídos, grande quantidade de contas de colares de várias formas e cores, Escaravelhos alados. No exterior do túmulo, cerâmica diversa.	
QH Nº30	Desconhecido	-	Lady Cecil/H. Carter	Cerâmica diversa.	-
QH Nº31	Desconhecido	-	Lady Cecil e Carter	A base de estátua, oitenta ataúdes em muito mau estado, o ataúde de uma mulher, 130 uchabtis sem inscrição e 250 com inscrição, um anel em faiança com a cartucho de Horemheb e três escaravelhos de coração com inscrição, escaravelhos alados em faiança verde e azul, cerâmica diversa	-
QH34aa	Desconhecido (XII Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2013?	Cerâmica pertencente a diversos períodos (Imperio Médio, Época Baixa e Período Bizantino)	Nos depósitos da Missão espanhola em Assuão
QH34bb	li – Shemai (XII Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2019	Espólio cerâmico.	Nos depósitos da Missão espanhola em Assuão
QH34dd	Desconhecido (VI Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2019		Nos depósitos da Missão espanhola em Assuão

QH34cc	Desconhecido (XII Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2013	Cerâmica pertencente a diversos períodos (Imperio Médio, Época Baixa e Período Bizantino) e madeira.	Nos depósitos da Missão espanhola em Assuão
QH34ff	Desconhecido (XII Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2019?	?	?
QH34gg	Desconhecido (XII Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2019?	Estatua Ptah-Soker-Osiris e espólio cerâmico (XXVII dinastia)	Nos depósitos da Missão espanhola em Assuão
QH34hh	Desconhecido (XII Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2019?	?	?
QH34ii	Desconhecido (XII Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2019?	?	?
QH34jj	Desconhecido (XII Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2019?	?	?
QH34kk	Desconhecido (XII Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2019?	?	?
QH34ll	Desconhecido (XII Dinastia)	-	Missão Espanhola (Universidade Jaén) /2019?	Foram identificados diversos Crocodilos mumificados e não mumificados datados da época Baixa/período Romano ?	Nos depósitos da Missão espanhola em Assuão

